

ARQUITETURA, UM LUGAR DE FRONTEIRA. A margem do Tejo, a margem de Lisboa e a 3ª Margem.
Alessandro Sartore, Lisboa 2023.



Dedico:

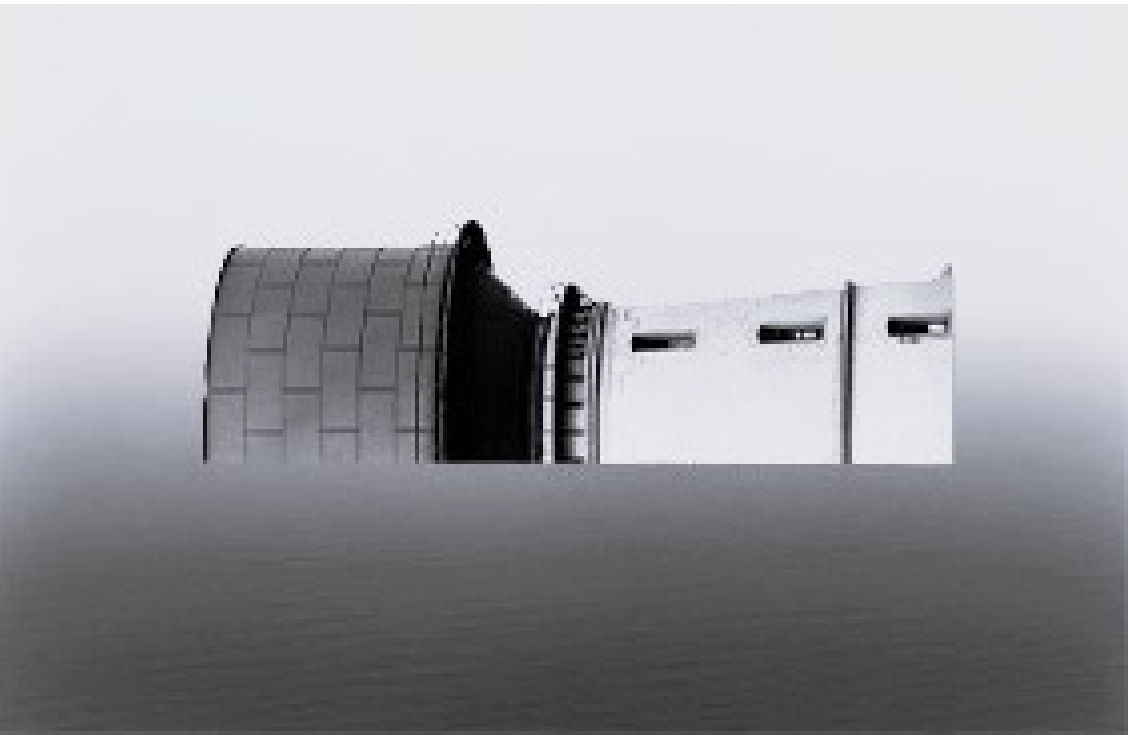
às minhas filhas, Antonella Agra Sartore e
Valentina Agra Sartore; a Eros Sartore
(*in memoriam*), meu pai, que por muitos anos
teve uma vidraçaria, e, nela, me ensinou a
ver através e além das coisas; a Silene, minha
mãe; a Fabiana e Rafaela, minhas irmãs; a
Elizabeth Agra, minha companheira, respon-
sável pelo ato concreto que originou esta uto-
pia e a ti dedico-me.

Agradeço:

aos que me fazem um ser fronteiriço, colegas,
em especial a Lenildo Malenga, o “*povo nôma-
de*” do “*espaço liso*” e sua “*máquina de guer-
ra*”; aos professores, em especial a Inês Lobo,
o “*povo sedentário*” do “*espaço estriado*” e
seu “*aparelho de Estado*”. Com estes construí,
construo e construirei fronteiras para além
de limites rígidos.

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura. Orientadora: Professora Arquiteta Inês Varela Maria Lobo

“há sempre um copo de mar
para um homem navegar.”
Jorge de Lima – *A Invenção de Orfeu. Canto primeiro II*. 1959. p. 698.



1 | Alessandro Sartore. *Mom's postcard*. 2022.

Esta dissertação é um exercício arquitetônico resultante da reflexão acadêmica abrigada sob o tema CIDADE | ÁGUA | HABITAR onde se discutem leituras destas três palavras, nos seus sentidos mais expandidos, e, por consequência, as fronteiras da arquitetura, em *lato sensu*.

- Tem por objetivos:
1. Definir disciplinarmente a Arquitetura como um Lugar de Fronteira tomando como premissas as definições de lugar e fronteira de pensadores dentro e fora da disciplina¹.

2. Desenvolver uma estratégia teórica de pensamento para o ato de projetar específico, com vista a uma aplicação prática da arquitetura como lugar de fronteira. Esta estratégia toma como base de referência os conceitos de Delauze e Guattari, expostos em *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenias*.

3. Aplicação prática para um território, Doca do Poço do Bispo e seu entorno, da plataforma portuária/industrial (aterro) de Lisboa.

4. Propor a reverberação desta *Estratégia Fronteiriça* como motor para debate acerca da plataforma portuária/industrial de Lisboa, em toda a sua extensão.

- Tem por metodologia:
1. Redigir um manifesto (*Manifesto Fronteiriço*) que defende o pensamento acadêmico como um ato de fronteira, ou seja, em constante relação com as demais disciplinas humanas.

2. Aplicar este manifesto numa espécie de "projeto manifesto" arquitetônico, *Metaesquema Vazio*, implantado dentro da Doca do Poço do Bispo.

3. Relacionar os conceitos de Lugar e Fronteira com o território da margem ribeirinha de Lisboa, em 2023.

4. Caracterizar este território face à *Estratégia Fronteiriça* desenvolvida, através de analogias com edifícios pre-existent, nomeadamente os Armazéns Abel Pereira da Fonseca e a própria doca, que atravessam o arco temporal proposto (final do séc. XIX até 2023) .

- Tem por resultados:
1. Apresentar um projeto, intitulado 3ª Margem, para a região da Doca do Poço do Bispo.

2. Propor uma estratégia de pensamento sobre toda a extensão da plataforma portuária/industrial, assente numa *Estratégia Fronteiriça*.
- Em síntese, é apresentado um projeto para o troço de aterro da Doca do Poço do Bispo em Marvila, na margem ribeirinha de Lisboa. Pretende-se que este seja um catalisador para toda a plataforma.

Contudo, este não é um projeto definitivo, o que pode suscitar a pergunta:

Como pode uma dissertação concluir com uma proposta de projeto, porém não definitiva?

É na definição de fronteira como o lugar de exercício da arquitetura que repousa a resposta.

Consiste em operações arquitetônicas baseadas em três ações: CONTER, CONVIVER e CEDER. Nesse sentido, um conjunto de artefatos arquitetônicos atua para redesenhar a frente ribeirinha, ajustada às demandas atuais quanto às questões geográficas, da paisagem, climáticas, ecológicas, humanitárias, sociais, económicas, tecnológicas, entre outras.

“ Todo espaço cercado é definido por uma fronteira, e Heidegger afirma: ‘A fronteira não é aquilo em que uma coisa termina, mas, como já sabiam os gregos, a fronteira é aquilo de onde algo começa a se fazer presente’

Christian Norberg-Schulz – *O fenómeno do lugar*: 2008 [1976], p.450.



É na certeza de que a arquitetura é generalista, e não especialista, que é possível afirmá-la como uma disciplina da fronteira, da negociação, do lugar cambiante, em constante debate e adaptação.

A arquitetura é uma disciplina de atos concretos, contudo não definitivos.

Resumo

Uma fronteira é determinada por seus limites, produz um espaço, que, quando ocupado por um corpo, é potencialmente um lugar. A arquitetura, como um lugar de fronteira, baseia-se na construção de limites mediadores, mutáveis e dinâmicos; em determinado espaço, tempo e circunstância. Um porto é uma fronteira mediada por seus limites com a cidade e com a água; ora tende para a cidade, ora tende para a água, mas poucas vezes para ambos em simultâneo. Seu território de implantação é determinado por características geográficas, sociais e económicas, fundamentais na formação e transformação das cidades portuárias. Esta lógica acompanhou as intensas alterações pelas quais estas urbes foram submetidas. Lisboa não foge a este ciclo, é fruto deste modelo urbanístico entrelaçado nas relações com a água; beneficiou-se da sua geografia, adaptando-se aos seus ciclos naturais, sociais, económicos e atuando sobre seu território com operações urbanísticas contundentes. O Tejo, que outrora determinava a margem ribeirinha e desenhava o limite da cidade, incorporando os ciclos das marés ao cotidiano de Lisboa, passa a ser redesenhado pelo aterro de forma impositiva; este território adquirido junto ao rio, sua ocupação predominantemente industrial, e seu acesso dificultado por suas infraestruturas, apartam, hoje, nomeadamente no troço da Doca do Poço do Bispo em Marvila, cidade e água. Gera um espaço sem identidade, uma fronteira definida por dois limites rigorosos, entretanto nada negociados.

O projeto 3ª Margem aponta para a possibilidade de um lugar, onde a estratégia é a construção de artefatos arquitetónicos laboratoriais radicais, baseados em três premissas: conter, conviver e ceder, no intuito de amplificar a consciência disciplinar das fronteiras da arquitetura com o mundo.

Palavras-chave: Arquitetura, Lugar, Fronteira, Lisboa, Água.

Abstract

A border is determined by its limits, it produces a space, which, when occupied by a body, is potentially a place. Architecture, as a border place, is based on the construction of mediating, changeable and dynamic boundaries; in a given space, time and circumstance. A harbor is a border mediated by its limits with the city and the water; sometimes it tends towards the city, sometimes towards the water, but rarely towards both simultaneously. Its territory of implantation is determined by geographical, social and economic characteristics, which are fundamental in the formation and transformation of port cities. This logic has accompanied the intense changes that these cities have undergone. Lisbon is no exception to this cycle, it is the fruit of this urbanization model intertwined with its relationship with water; it has benefited from its geography, adapting to its natural, social and economic cycles and acting on its territory with strong urban operations. The Tagus, which once determined the riverside and drew the city's boundaries, incorporating the cycles of the tides into the city's daily life, is now being redesigned by the embankment in an imposing way; this territory acquired from the river, its predominantly industrial occupation, and its access hampered by its infrastructures, separate city and water today, particularly in the section of the Poço do Bispo Docks in Marvila. It creates a space without an identity, a border defined by two strict limits, which have not been negotiated.

The 3rd margin project points to the possibility of a place, where the strategy is to build radical laboratory architectural artifacts, based on three premises: contain, coexist and cede in order to amplify the disciplinary awareness of the boundaries between architecture and the world.

Keywords: Architecture, Place, Border, Lisbon, Water.

¹ Aldo Rossi, Christian Norberg-Schulz, Félix Guattari, Gilles Clément, Gilles Deleuze, Hélio

Ortúgica, Juhani Pallasmaa; Kate Nesbitt, Manuel Aires, Marc Augé, Martin Heidegge, etc.

[N. do A.].

Índice

Prefácio

Premissas

Manifesto Fronteiriço
Alessandro Sartore 2023

04

08

09

Metaesquema Vazio

Fronteira

Lugar

13

18

22

A margem do Tejo
1ª Margem

A margem de Lisboa
2ª Margem

A 3ª Margem

26

32

42

Enunciado

Epílogo

Fontes

66

72

75



3 | Alessandro Sartore. Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo, 2022.

“A apresentação da arquitetura por outras disciplinas é a ‘pura observação’ da criança que experimenta as coisas, porque as regras da disciplina não regulamentam a experiência ou o modo de apresentá-la.

Juhani Pallasmaa – *A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura*. 2008 [1951]. p.486.

O desenvolvimento deste argumento é sustentado por um sistema triptico de elementos:

- 1. Reflexão: citações que enunciam e suportam pensamentos que são desenvolvidos ao longo do texto.
- 2. Representação: imagens que são intervenções do autor sobre imagens relevantes para o tema em questão.
- 3. Projeto: a apresentação da proposta através dos elementos disciplinares da arquitetura, plantas, cortes, alçados etc.

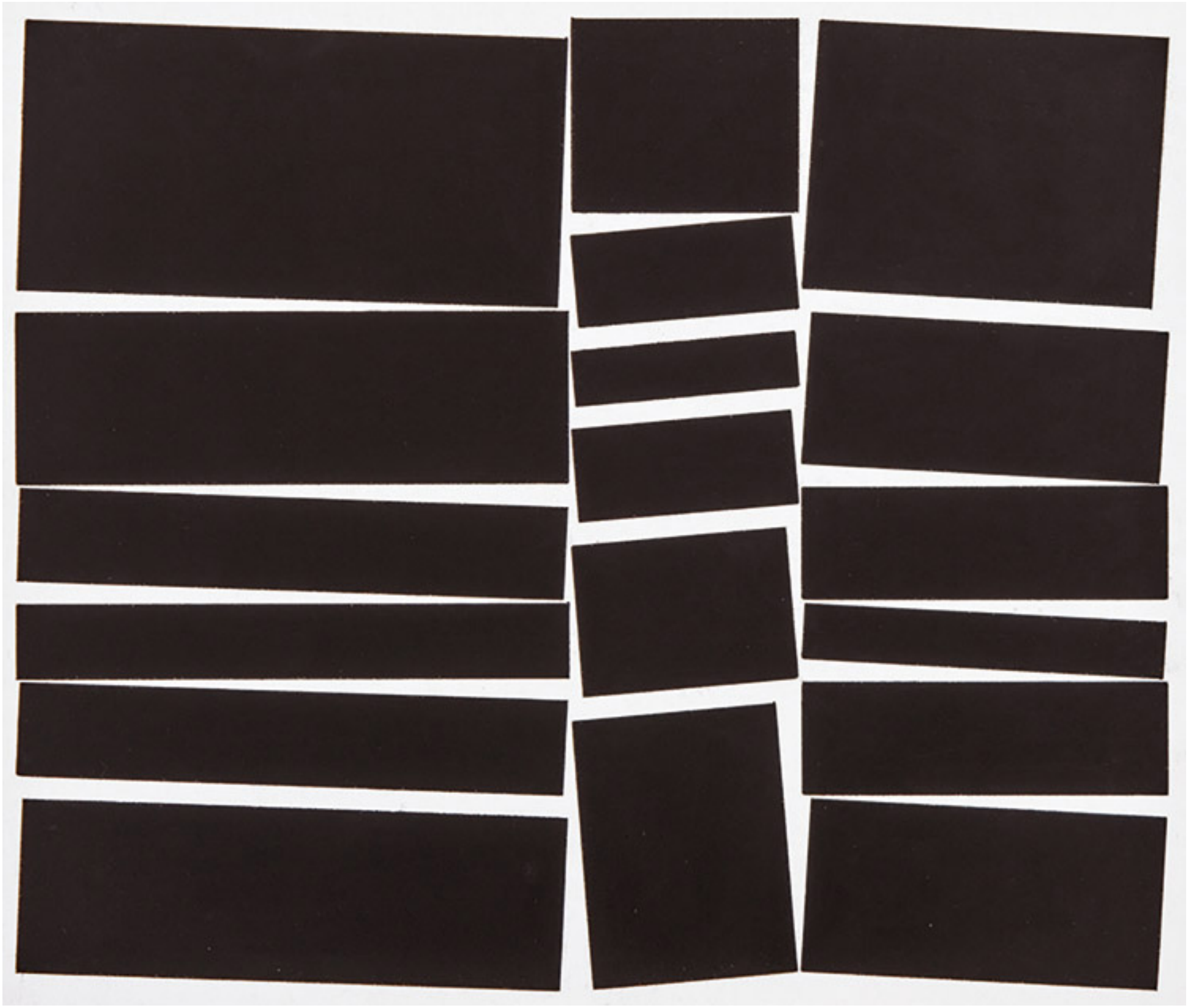
Estes repetem-se a cada capítulo, com poucas variações, no intuito de criar uma narrativa interdisciplinar fluida que evidenciem as premissas:

CONTER, CONVIVER e CEDER,

que sustentam a argumentação desta dissertação; ao nível do pensamento (reflexão), da comunicação (representação) e experimentação (projeto).



4 | Joseph Kosuth – *One and Three Chairs*. 1965.



5 | Oitica, Hélio. *Metasquema*. 1958.

Manifesto Fronteiriço

“Do rio que tudo arrasta
Se diz violento
Ninguém diz violentas
Às margens que o cerceiam”¹⁰.

Bertolt Brecht - *Sobre a violência*. 2000 [1967]. p. 140.

A arquitetura é um lugar de FRONTEIRA!

Uma fronteira é mediadora, mutável, dinâmica; a sua existência dá-se no campo da negociação. É na constante necessidade de diálogo e na qualidade de adaptação que reside sua afirmação.

A imagem de uma fronteira fixa é FALSA!

O limite é a definição de uma fronteira, em determinado espaço, tempo e circunstância, quando este é transposto novas fronteiras surgem e retorna-se à prática da negociação, até se redefinir e redesenhar um novo limite, imediatamente pronto a ser superado.

O conceito de limite na arquitetura tende à rigidez, ao rigor. A busca da pureza do gesto que revela um artefato arquitetónico claro e inequívoco, é também a limitação deste em avançar por novas fronteiras –

“Nós não podemos desenhar edifícios adequados a uma função porque as funções estão sempre a mudar e os edifícios ficam logo desactualizados”.²

– constata Manuel Aires Mateus, ecoando a voz de outros autores, como Cedric Price, que, muitas décadas antes proclamava a criação de uma arquitetura aberta às inúmeras possibilidades de uso – uma espécie de não-programa –

“o que nós temos de oferecer e o que a arquitetura tem de oferecer”³

– Aires Mateus continua –

“são espaços que são suportes de vida com uma grande abertura”⁴.

As ideias de suporte de vida e grande abertura são funda-

mentais para uma ampla e fértil negociação projetual.

Contudo, a lógica de amplitude programática opera ainda dentro dos limites da arquitetura. Exemplos de edifícios cuja lógica não estava na génese do projeto atuam também nesta dinâmica do suporte de vida de grande abertura – o Panteão talvez seja o exemplo mais imediato.

Como seria, então, possível que o edifício fosse não só um suporte de vida de grande abertura, mas sim, ele próprio, um artefato mediador da vida nas suas várias dimensões?

MEDIAR

o mundo é uma ação fronteiriça!

A grande muralha da China abria as suas portas de tempos em tempos para a troca de viveres entre “invasor” e “invadido”. Ou seja, o limite rígido definido pela pureza do gesto arquitetónico, uma linha, era diluído pela porosidade do simples ato da abertura das portas. Novos espaços, tempos e circunstâncias determinavam novos limites obrigando a redefinir e redesenhar, mesmo que por breves momentos, estes. Ser atravessada era uma condição para a estrutura que impedia o atravessamento, sob pena de deixar de ser um edifício – ou, por outras palavras, um suporte de vida.

É necessário atravessar as portas das muralhas de TODAS as disciplinas!

Urge atuar na fronteira entre a arquitetura e o mundo, não só oferecendo respostas, mesmo que com grande abertura, mas fazendo coexistir de forma fronteiriça com a própria vida, a fim de que a arquitetura seja sempre lida através de seus desenhos e limites, como um espaço conscientemente ativo no tempo e nas circunstâncias.

Um ato de fronteira é o constante ganho e perda de território!

Na geopolítica, avançar e recuar fronteiras, seja por conquistas, guerra ou revoluções; na diplomacia, estipulando permissões, vistos de turistas, de trabalho, de residência; na geografia, rios que alteram os seus cursos naturalmente oferecendo e retirando território de ambos os lados etc.

Como na arte, não há em seu propósito disciplinar, uma resposta, um limite a oferecer ao mundo. A arte é questionamento e proposição.

Para o artista viver nesse terreno fronteiriço, movediço e poroso é o que torna a sua produção sólida. São infundáveis os exemplos do não limite da arte e dos saberes humanos que vão desde as letras inseridas nas pinturas cubistas, passando pelos *ready made* duchampianos, as apropriações de Warhol, a inserção planetária da *land art*, até a obra transgênica «*GFP Bunny*» de Eduardo Kac, entre tantos outros exemplos. Não há pudor, nem pureza no campo expandido da arte.

Nessa lógica fronteiriça da criação artística não há espaço para a rigidez e o rigor, mesmo quando estes são o objeto artístico final, como no caso do neoplasticismo de Mondrian; o construtivismo de Tatlin; o suprematismo de Malevitch ou mesmo na Escola de Ulm de Max Bill. Até mesmo estes movimentos foram concebidos na fronteira movediça da arte, são pautados em diversos campos expandidos para além da disciplina, filosofia, matemática, movimentos sociais etc.

A arte é de tal forma um ato de fronteira, que, mesmo dentro de sua própria disciplina, a porosidade na negociação territorial é constante. A profusão de manifestos artísticos do meio, em especial no século XX, são provas deste exercício de questionamento e proposição.

Os artistas Neoconcretos brasileiros escreviam em seu manifesto Neoconcreto:

“A expressão neoconcreto é uma tomada de posição em face da arte não-figurativa “geométrica” (neoplasticismo, construtivismo, suprematismo, Escola de Ulm) e particularmente em face da arte concreta levada a uma perigosa exacerbação racionalista”⁵.

E propunham:

“Não concebemos a obra de arte nem como “máquina” nem como “objeto”, mas como um *quasi-corpus*, isto é, um ser cuja realidade não se esgota nas relações exteriores de seus elementos; um ser que, decomponível em partes pela análise, só se dá plenamente à abordagem direta, fenomenológica. Acreditamos que a obra de arte supera o mecanismo material sobre o qual repousa, não por alguma virtude extraterrena: supera-o por transcender essas relações mecânicas (que a Gestalt objetiva) e por criar para si uma significação tácita (M. Pority) que emerge nela pela primeira vez. Se tivéssemos que buscar um símile para a obra de arte, não o poderíamos encontrar, portanto, nem na máquina nem no objeto tomados objetivamente, mas, como S. Lanoer e W. Wleidlé, nos organismos vivos. Essa comparação, entretanto, ainda não bastaria para expressar a realidade específica do organismo estético”⁶.

Por fim convocavam a empunhar suas armas.

Hélio Oiticica⁷ é talvez a potencialização máxima do movimento neoconcreto, aquele que avançou para além das fronteiras neoconcretas, ultrapassando seus limites e propondo novos até o fim de sua trajetória artística.

“E o que desejo, na exteriorização da minha arte, não serão as “formas inapreensíveis”? (...) a forma artística não é óbvia, estática no espaço e no tempo, mas móvel, eternamente móvel, cambiante”⁸.

O artista avança sobre o terreno da arquitetura sem pudor ao propor espaços *Penetráveis*; apropriar-se de elementos disciplinares arquitetónicos para criar *Metaesquemas*, *Bóides*, *Relevos Espaciais*; vivências ambientais ativadoras dos cinco sentidos *Parangolés* e *Cosmococas*, sem a mínima pretensão de fazer arquitetura.⁹

“Toda a minha transição do quadro para o espaço começou em 1959. Havia eu então chegado ao uso de poucas cores, ao branco principalmente,

com duas cores diferenciadas, ou até os trabalhos em que usava uma só cor, pintada em uma ou duas direções. Isto, a meu ver, não significa somente uma depuração extrema, mas a tomada de consciência do espaço como elemento totalmente ativo, insinuando-se, aí, o conceito de tempo”¹⁰.

A obra de Hélio é o mais claro exemplo de um artista que trabalha no lugar da fronteira, para além, toma o espaço fronteiriço como dimensão do seu trabalho. Para o artista não há limites entre arte, vida, arquitetura, sociedade, geometria etc. O artista se serve de tudo que está ao seu redor.

Na fronteira disciplinar com a arquitetura é clara a falta de pudor com a qual Oiticica avança sobre esta, sempre sem a intenção de fazê-la.

O que seria a obra de Hélio Oiticica, senão arquitetura?

Portanto, este manifesto convoca arquitetos e seus pares para que se apropriem das obras, das palavras e dos pensamentos, idem aos artistas, como bandeira para avançarem sobre a fronteira que a realidade propõe, de modo a aumentarem a porosidade do campo disciplinar da arquitetura encontrando novas e infinitas dimensões para o ato de projetar.

Que se contaminem sem pudor, mergulhem em águas profundas e estranhas à sua disciplina, a fim de depurar o pensamento mais disciplinar da arquitetura ao ponto de conceber e construir edifícios cuja dimensão fronteiriça seja parte matérica da relação destes com a vida. Uma arquitetura capaz de estar no mundo sem constranger nem ser constrangida, mas sim, de ser generosa nas suas capacidades,mediadora, mutável e dinâmica; que a sua existência se dê no exercício constante da negociação, afinal:

“DA ADVERSIDADE VIVEMOS!”¹¹

Alessandro Sartore, Lisboa 2023.

² MATEUS, Manuel Aires. *building Pictures* | *Architecture: Films and*

Podcasts. 2022.

³ *Ibidem*.

⁴ *Ibidem. Ibidem*.

⁵ GULLAR, Ferreira – *Manifesto Neoconcreto*. p.10.

⁶ *Idem*. p.11.

⁷ Oiticica, em certa medida, é fruto do Manifesto Neoconcreto, participa da 1ª exposição Neoconcreta mas não assina o manifesto, este é assinado pelo poeta Ferreira Gullar (redator) e pelos artistas Amílcar de Castro, Franz Weissmann, Lygia Clark, Lygia Pape, Reynaldo Jardim, Theon Spanudis.

[N. do A.]

⁸ OITICICA, Hélio – 21 de janeiro de 1961.1986. p.26.

⁹ *Penetrável, Metaesquemas, Bóides, Relevos Espaciais, Parangolés e*

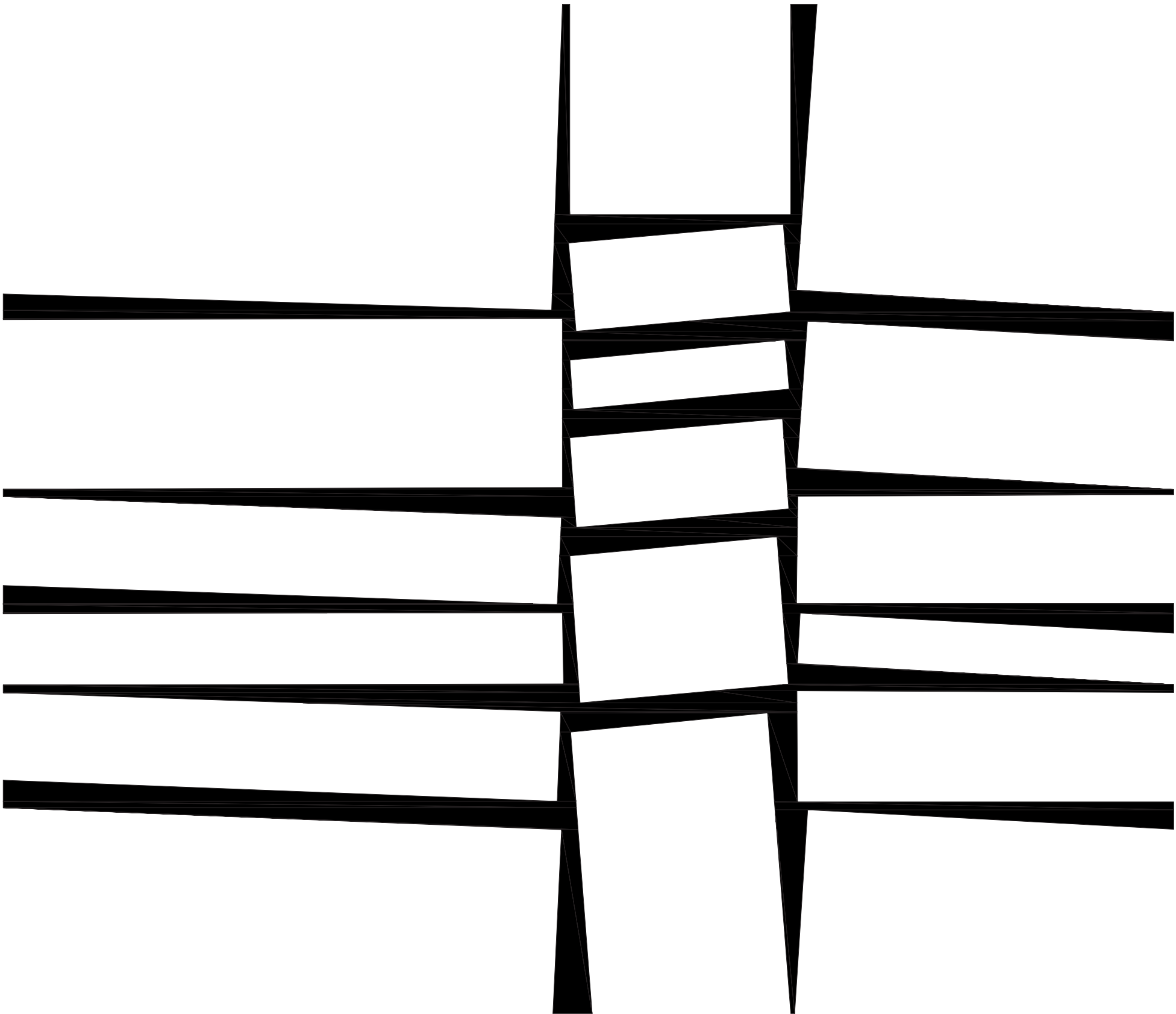
Cosmococas, são nomes de séries e obras de Hélio Oiticica. [N. do A.]

¹⁰ OITICICA, Hélio – *A transição da cor do quadro para o espaço e o sentido de construtividade*. 2006 [1962]. p.82

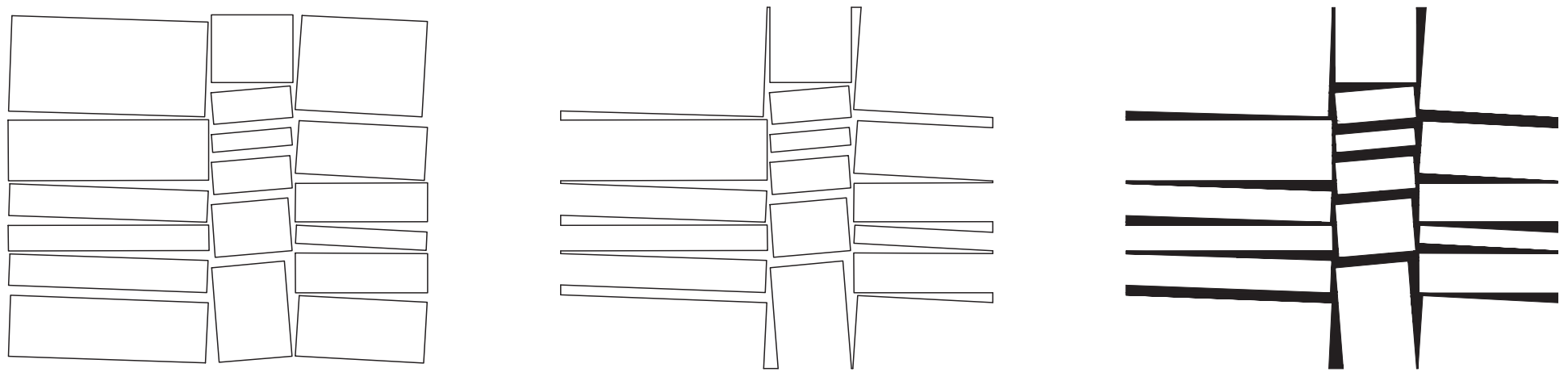
¹¹ OITICICA, Hélio – *Esquema geral da Nova Objetividade*. 2006 [1967]. p.168.

“O homem habita quando é capaz de concretizar o mundo em construções e coisas. Já dissemos que a ‘concretização’ é a função da obra de arte em oposição à ‘abstração’ da ciência ¹². As obras de arte concretizam o que fica ‘entre’ os puros objetos da ciência. Nosso mundo-da-vida cotidiana consiste nesses objetos ‘intermediários’, e compreendemos que a função essencial da arte é reunir as contradições e complexidades do mundo-da-vida. Sendo uma *imago mundi*, a obra de arte ajuda o homem a habitar.

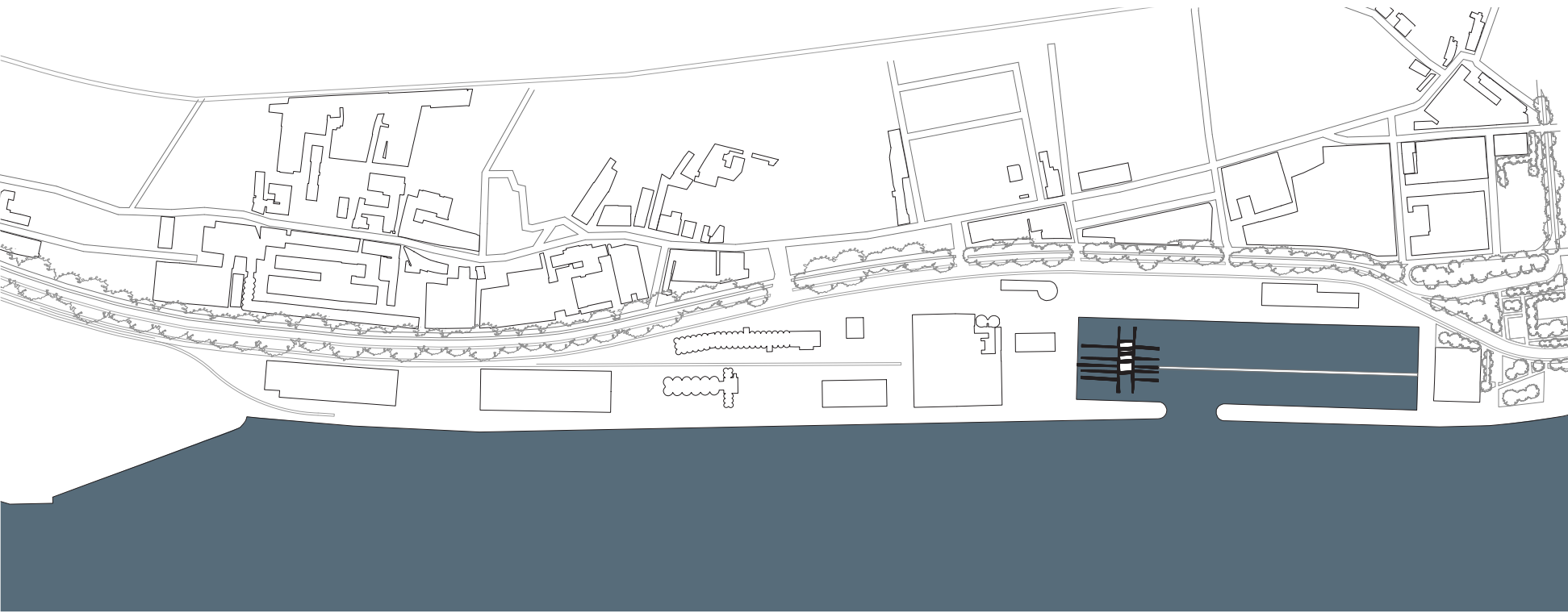
Christian Norberg-Schulz – *O fenómeno do lugar*: 2008 [1976], p.458.



6 | Alessandro Sartore. *Metaesquema Vazio*. 2023



7 | Alessandro Sartore — *Desenvolvimento*. 2022.



8 | Alessandro Sartore & Malenga — *Metaesquema Vazio*. Implantação.

¹² NORBERG-SCHULZ, Christian – “Symbolization”, En: NORBERG-SCHULZ, Christian – *Intentions in Architecture*. Oslo e Londres. 1963. Cit. por: NORBERG-SCHULZ, Christian – *O fenómeno do lugar*: 2008 [1976], p.458.

O projeto é a prática do manifesto, a aplicação das questões levantadas no fazer arquitetônico. Uma obra de Oiticica¹³ é redesenhada até revelar um artefato arquitetônico que se insinua dos “vazios” – espaços não pintados da obra – frutos das tensões espaciais da pintura, como descreve o artista,

“O fio de desenvolvimento *estrutural-cor* se desenrola aqui acrescido de novas virtualidades, muito mais completo, onde o sentido de envolvimento atinge o seu auge e a sua justificação. O sentido de apreender o ‘vazio’ que se insinuou nas ‘invenções’¹⁴ chega à sua plenitude da valorização de todos os recantos do *penetrável*¹⁵, inclusive o que é pisado pelo espectador, que por sua vez já se transformou no ‘descobridor da obra’, desvendando-a parte por parte.”¹⁶

Este “vazio”, que o artista descreve, convertido em espaço arquitetônico, é implantado no interior da Doca do Poço do Bispo, Marvila-Lisboa em 2022. Onde é submetido diariamente ao regime das marés do rio Tejo. Inserido nesse contexto funciona como uma “rótula” ativadora da doca e do entorno, para além dos seus limites rigorosos de seu desenho.

Importante ressaltar a relevância do desenho das docas para a plataforma industrial de Lisboa; estas funcionam como mediadores das marés do rio como a plataforma industrial, esta é a sua função primeira. Seu desenho resgata o desenho natural que o rio fazia sobre a cidade, suas reentrâncias, criam “bolsas” com qualidades espaciais e temporais exclusivas, que as tornam propícias para o resgate das relações cidade/água de outrora em Lisboa.

Esta conjuntura de fatores, a doca e o edifício inserido (espaço), o ritmo do regime das marés (tempo), níveis da água (circunstância), são determinantes para os limites com o qual se define o espaço. Conforme no *Manifesto Fronteiriço*, um lugar de fronteira, mediador, mutável e dinâmico.

O edifício é uma sucessão de espaços deambulatórios divididos por três pisos, sem tipologia ou uso pré-definido – um sucessão de espaços que são suportes de vida com uma grande abertura¹⁷– que ora abrem-se para pátios interiores, ora para recintos externos inscritos nos limites da doca. Permite, assim, uma relação permeável entre interior e exterior, subordinada às marés diárias.

Dois tempos servem como marcos para experiências distintas –

“(…) em Sant’Andrea de Mântua, tive esta primeira impressão da relação do tempo, no duplo significado atmosférico e cronológico, com a arquitetura; via o nevoeiro entrar na basílica, (...) como o elemento imprevisível que modifica e altera, com a luz e as sombras, (...)”¹⁸

– o tempo da maré baixa e o tempo da maré alta; a passagem temporal que refere Aldo Rossi.

No dia 04 de janeiro de 2022 às 10h09 o nível da maré atingiu 0.4m e no dia 10 de setembro de 2022 às 15h17 chegou à 4.2m¹⁹, o que com o assoreamento do rio Tejo deixa a doca seca na maré baixa e o transbordo desta na maré alta. Estas condições possibilitam acessos pelo fundo e pelo topo da doca ao edifício. A doca funciona como um grande recinto (100m x 400m e 4m de profundidade) onde a relação com o horizonte é interrompida, quando vazia e preferencial quando cheia. O percurso até o edifício abre-se ora para o céu, ora para o horizonte, a percepção dos sentidos (audição, olfato e tato) é potencializada e cambiante; a umidade, o odor das marés, a acumulação do nevoeiro e o abafar e expandir do som transformam-se consoante a jusante e a montante da maré.

Para além do recinto externo a experiência interna do edifício propicia um deambular, por três pavimentos, ao redor de quatro pátios interiores. Estes estão constantemente secos, são acessíveis pelo nível superior do edifício, isso enfatiza a diversidade de caráter do lugar, –

“(…) todos os lugares possuem um carater, e que essa qualidade peculiar é a maneira básica em que o mundo nos é ‘dado’. Até certo ponto, o carater de um lugar é uma função do tempo; ele muda com as estações, com o correr do dia e com as situações meteorológicas, fatores que, acima de tudo, determinam diferentes condições de luz.”²⁰

As circunstâncias impostas pelos níveis das marés são as adversidades das quais vivemos, como fala Hélio Oiticica. As adversidades são condicionantes primordiais para uma estratégia arquitetônica de construção. A adaptação da arquitetura, sem que esta sofra qualquer interferência construtiva no espaço ao longo do tempo, devido às circunstâncias climáticas, é o desafio.

Para a “prova real” do *Manifesto Fronteiriço* falta um fator, o homem, que é fundamental na formação do lugar, pela visão da arquitetura²¹ (projeto), da arte²² (iconografia)

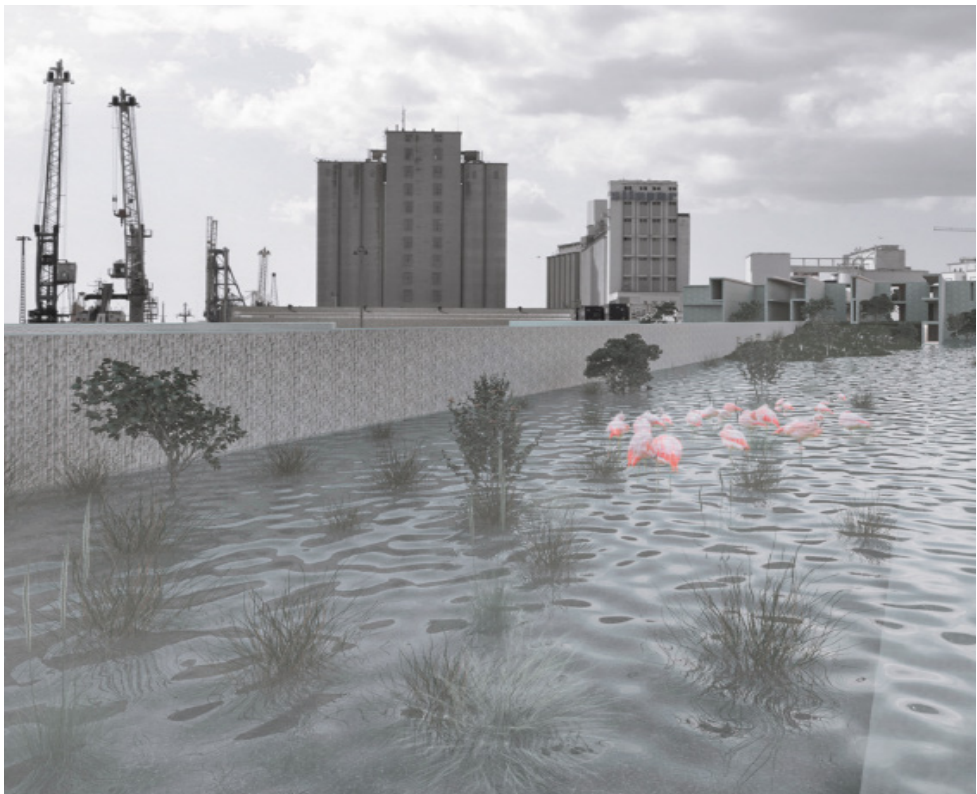
ou da filosofia²³ (reflexão). A ausência de um programa específico poderia, a priori, retirar a necessidade do usuário, o “descobridor-da-obra” para Oiticica²⁴, entretanto, somente pelo fato de ser um espaço percorrível o fator homem está presente.

Verifica-se pelo “balão-de-ensaio”, que é o projeto *Metaesquema Vazio*, para o *Manifesto Fronteiriço*, três ações fundamentais como operações arquitetônicas:

CONTER a água para não entrar no edifício;

CONVIVER é percorrer o edifício e os recintos entre ele e as paredes da doca, durante as variações diárias das marés;

CEDER, aceitar as marés cheia e vazia durante o seu tempo cotidiano e vivenciar o edifício, dentro e fora, e ora exclusivamente no seu interior.



9 | Alessandro Sartore & Hugo Charrua — *Metaesquema Vazio*. 2023.



Imagem 10 | Alessandro Sartore. Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

¹³ Hélio Oiticica, Brasil, 1937 – 1980, *Metaesquema*, 1958, guache sobre cartão, 39,3 × 57,3 cm Fundacion Malba Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, coleção: Eduardo F. Costantini, Buenos Aires. [N. do A.]

¹⁴ “invenções”, *Invenções-Monocromáticas* é o nome de uma série de obras de Hélio Oiticica. [N. do A.]

¹⁵ *Penetrável* é o nome de outra série de obras de Hélio Oiticica. [N. do A.]

¹⁶ OITICICA, Hélio – *A transição da cor do quadro para o espaço e o sentido de construtividade*. 2006 [1962]. p.85-86.

¹⁷ MATEUS, Manuel Aires. *Op. cit.*

¹⁸ ROSSI, Aldo - *Autobiografia científica*. 2013 [1981]. p.87.

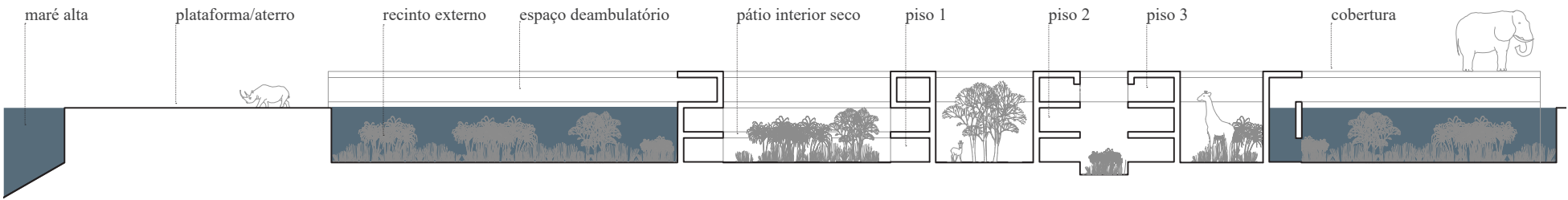
¹⁹ MARINHA, Instituto Hidrográfico - Tabela de marés 2022. 2022.

²⁰ NORBERG-SCHULZ, Christian. *Op. cit.* 2008 [1976]. p.451.

²¹ NORBERG-SCHULZ, Christian – *O pensamento de Heidegger sobre arquitetura*, 2008 [1983]. p.46 “Uma localização ou um “espaço vivido” costuma ser chamado de lugar, e a arquitetura pode

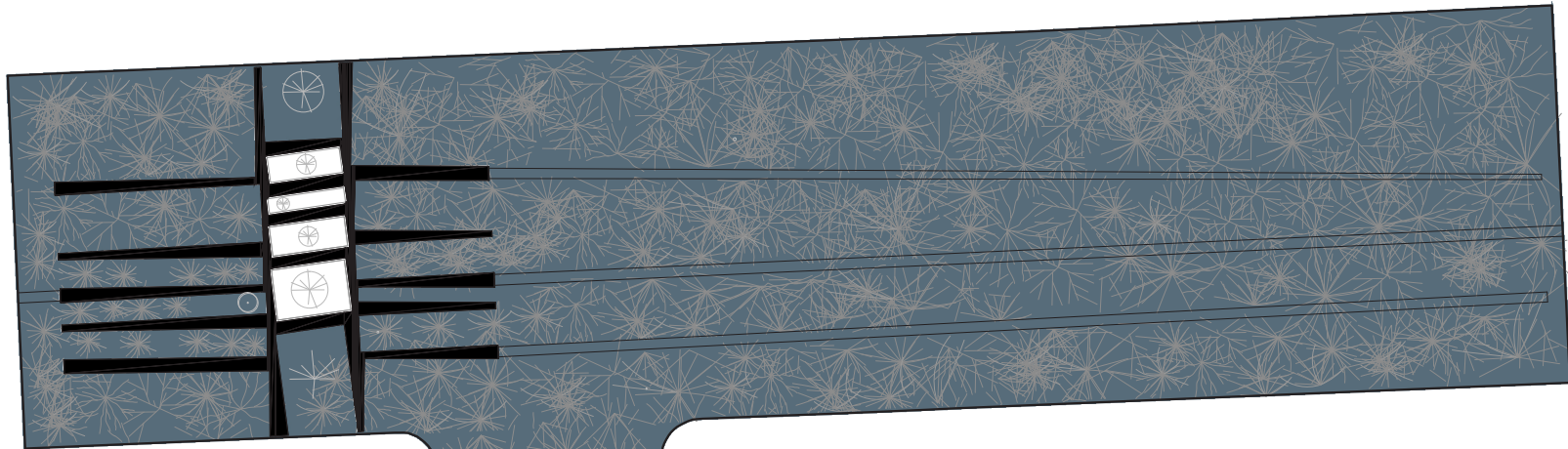
ser definida como a produção de lugares”.

²² OITICICA, Hélio - *Julho de 1966*. Posição e programa. Programa Ambiental. 1986. p.78 “A posição com referência a uma “ambientação” (cf. criação do lugar) e à consequente derrubada de todas as antigas modalidades de expressão: pintura-quadro, escultura etc., propõe uma manifestação total, íntegra, do artista nas suas criações, que poderiam ser proposições para a participação do espectador. Ambiental (cf. o lugar) é para mim a reunião indivisível de todas as modalidades em posse do artista ao criar - as já conhecidas: cor, palavra, luz, ação, construção etc., e as que a cada momento



CORTE

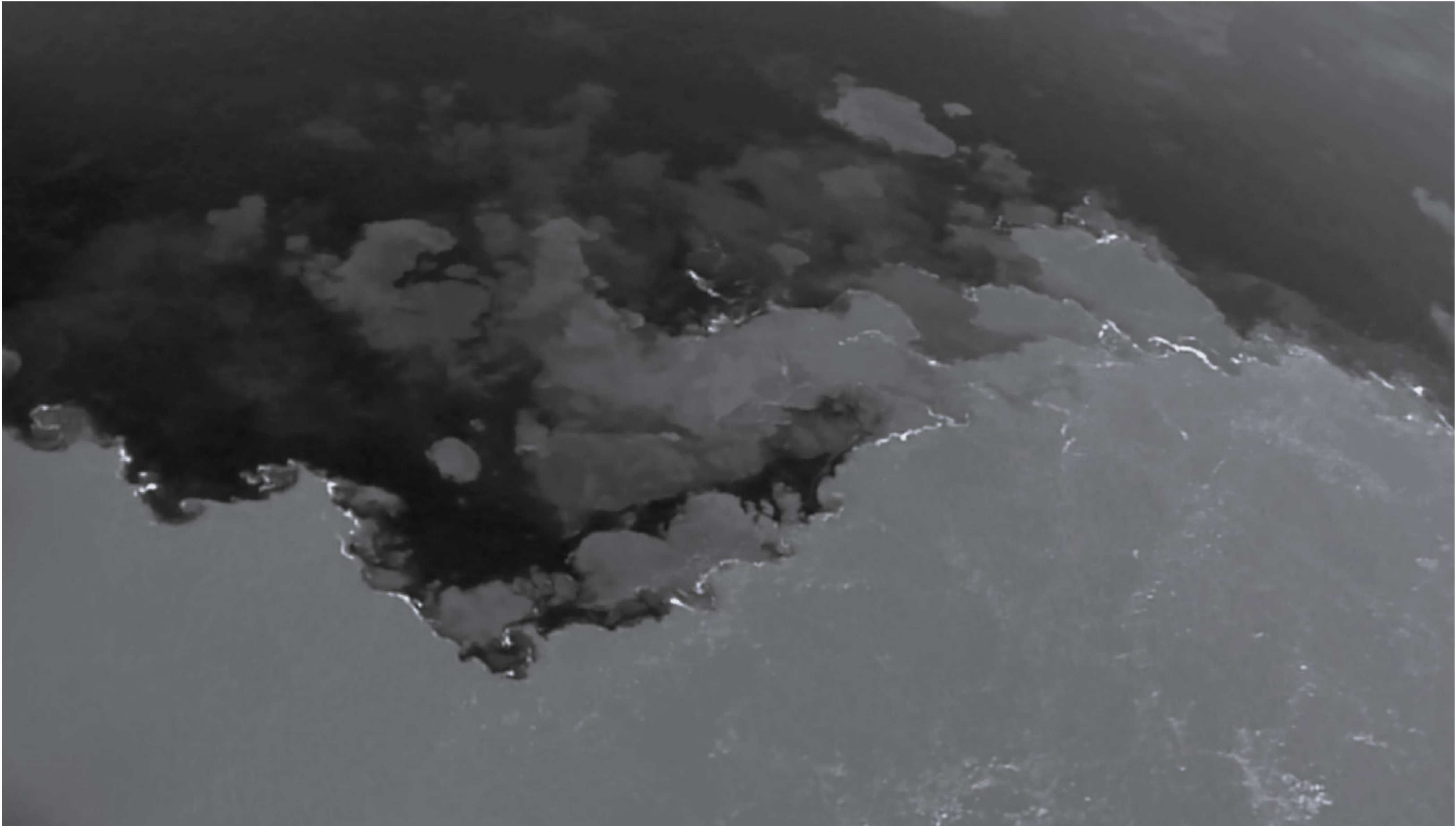
4m



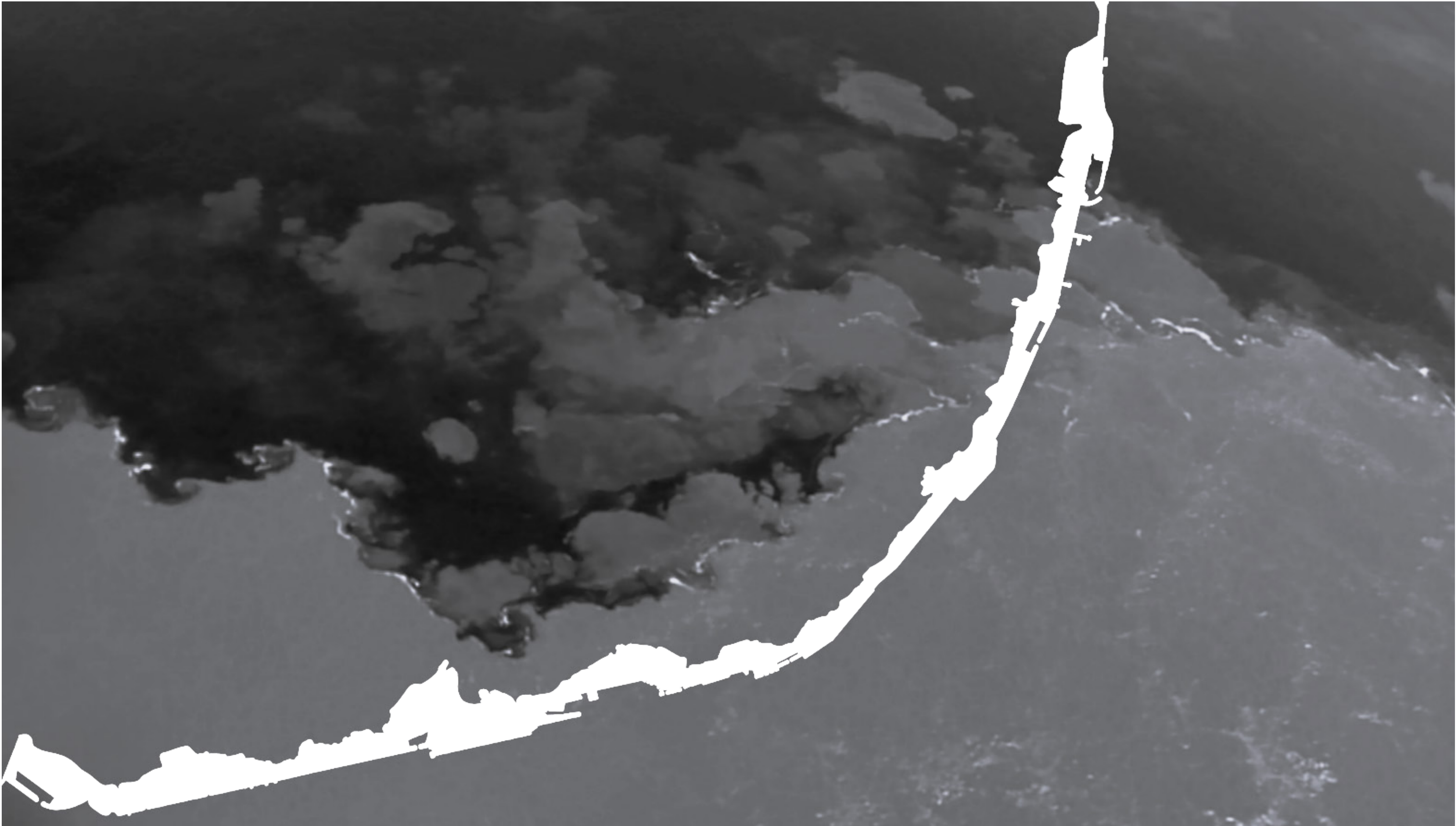
11 | Alessandro Sartore & Malenga. *Metaesquema Vazio*. Planta e Corte. 2023.

PLANTA

100m



12 | EBC Empresa Brasil de Comunicação — Encontro das águas dos rios Negro e Solimões, 2023.



“Estes lugares (cf. ‘lugar antropológico’) têm pelo menos três caracteres comuns. Querem-se (querem-nos) identitários, relacionais e históricos.

Marc Augé. *Op. cit.* 2005 [1992], p. 47.

Creio que o lugar e o tempo sejam a primeira condição da arquitetura e, portanto, a mais difícil. (...) mas também e sempre a consciência de que a realidade apenas podia ser colhida de um único ponto de vista; (...) analisar o aspecto mais fascinante: o irracional e o não expressável. (...) permitia-me compreender a complexidade do irracional em arquitetura.

Aldo Rossi. *Op. cit.* 2013 [1981], p.87.

Logo, o ato fundamental da arquitetura é compreender a ‘vocação’ do lugar.

Christian Norberg-Schulz. *Op. cit.* 2008 [1983], p.459

Para se determinar a arquitetura como lugar de fronteira é necessário determinar o que significa lugar para a arquitetura.

O léxico da palavra lugar apresenta quatorze definições possíveis; as três primeiras estão diretamente relacionadas à arquitetura:

- “1. Espaço ocupado ou que pode ser ocupado por um corpo. 2. Ponto (em que está alguém). 3. Localidade”³⁹.

Verifica-se que o conceito de lugar na arquitetura, explorado por pensadores de dentro e de fora da disciplina (filósofos, antropólogos, artistas), toca em uma ou mais destas, três definições.

Heidegger é uma referência recorrente na arquitetura quanto ao conceito de lugar. Sua conferência *Construir, habitar, pensar* de 1951 é debatida e teorizada por arquitetos -

“A essência do construir é deixar-habitar. A plenitude da essência é o edificar lugares mediante a articulação de seus espaços. Somente em sendo capazes de habitar é que podemos construir”⁴⁰.

- podemos ver que o lugar é edificado, construído pelo homem para habitar. O lugar é um espaço definido. Construir e habitar são indissociáveis. Habitar é estar no mundo, muito além do sentido da habitação como moradia, construir é próprio do homem, logo, habitar é como o homem está no mundo em estância e circunstância⁴¹. A fundação do lugar se dá no artefato arquitetônico edificado em um espaço; é o lugar que gera espaços determinados, é a arquitetura construída/habitada pelo homem, sob determinadas circunstâncias, que determina o lugar.

As argumentações de Heidegger permitem articular as três definições de lugar do início deste capítulo em uma:

Lugar é o espaço ocupado ou que pode ser ocupado por um corpo, uma construção (arquitetura) que articula um determinado ponto habitado (em que está alguém), segundo estância e circunstância.

A arquitetura como lugar de fronteira é a articulação destes dois conceitos, fronteira e lugar, necessariamente concretizados no fazer arquitetônico. Fazer este que gera na organização e articulação de ambos uma estratégia arquitetônica própria: *Estratégia Fronteiriça*.

Para pôr em prática e verificar esta estratégia desenvolve-se um projeto para um território específico: a Doca do Poço do Bispo, Marvila, Lisboa e o seu entorno. Delimitados pela cota altimétrica 5 m, na direção da cidade, ao norte; pela margem ribeirinha, cota altimétrica 4 m, rio Tejo ao sul; pela estrada de Chelas ao ocidente , e pelo parque Parque Ribeirinho Oriente a oriente; ou seja, um recorte de território sob a plataforma industrial (o aterro da primeira metade do século XX) onde ainda hoje encontra-se o porto de Lisboa. As circunstâncias que atuam sob este território são a elevação do nível das águas, consequência das alterações climáticas globais, que colocam em risco todo o conjunto arquitetônico edificado, e as pressões sociais, econômicas e humanitárias contemporâneas.

Nesse sentido a aplicação de uma estratégia fronteiriça, tendo como premissas as ações de conter, conviver e ceder é plenamente justificável.



15 | Alessandro Sartore. Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.



16 | Alessandro Sartore. Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

⁴¹ "lugar", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2023.

⁴² HEIDEGGER, Martin – *Construir, habitar, pensar* 2012 [1951]. *Op. cit.* p.139.

⁴³ Estância é o lugar propriamente dito e circunstância é o que condiciona o construir, logo, o habitar. [N. do A.]



17 | Alessandro Sartore — *Fronteira*, 2023.

A margem do Tejo, 1ª Margem.

“O lugar é o primeiro limite imóvel do continente.

Aristóteles. Física. Cit. por: OBSERVATÓRIO GEOGRÁFICO DE AMÉRICA – *A ONTOLOGIA COSMOLÓGICA ARISTOTÉLICA*.

O espaço liso é direcional, e não dimensional ou métrico. O espaço liso é ocupado por acontecimentos ou hecceidades, muito mais do que por coisas formadas e percebidas. É um espaço de afetos, mais que de propriedades. É uma percepção háptica, mais que óptica.

Gilles Deleuze, Félix Guattari – *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol.5. 1995 [1980].

Na antiguidade, o território onde Lisboa foi gradualmente crescendo e tornando-se cidade, era formalmente muito diferente do actual porque o rio Tejo o banhava em parte. As modificações de carácter natural, como o assoreamento do próprio rio, tiveram importância na modificação do território primigénio mas foi a criação, pelo homem, de espaços planos nos terrenos baixos e lodosos onde chegavam ribeiras ao Tejo e sobre as praias e margens do rio que proporcionou tão grande e significativa transformação que se iniciou há mais de dois milénios.

Vitor Carlos Marques Durão – *Andlise Urbana de Territórios Construídos Os Aterros na Baixa e na Frente Ribeirinha de Lisboa, Portugal*. 2012. p.17

A formação e transformação dos territórios portuários é intrínseca à atividade comercial que os definiram como cidades.

A escolha do território de implantação das cidades portuárias foi determinada por características geográficas, sociais e económicas. A relação intrínseca entre o tecido urbano e seu porto, gênese destas urbes, acompanha as fases do desenvolvimento das relações de comércio. Os portos da Holanda pré-industrial eram a ligação de dois mundos -

“(…) os cais eram ladeados também por casas e outras instalações urbanas; eram usados como vias urbanas e passeios, (….) O cais funciona como um sistema intermediário que unia duas redes – local e internacional – que funcionavam em escalas diferentes”⁴⁴

- esta lógica acompanhou as intensas alterações pelas quais estas cidades foram submetidas ao longo dos anos. A relação umbilical água/cidade, descrita como redes local e internacional, vai se transformando à medida que as cidades ocidentais avançam nos movimentos socioeconômicos históricos.

Lisboa não foge a este ciclo, a cidade é fruto deste modelo urbanístico entrelaçado nas relações com a água. O porto de Lisboa é hoje um exemplo desta problemática – é na relação água/cidade que se perpetua Lisboa; da *Alis Ubbo* (porto seguro) dos fenícios; à *Olissippo* romana, ao castelo mouro e suas muralhas até sua plataforma portuária, o ater-

ro sanitário da passagem para o séc. XX.

A 1ª Margem, onde, outrora, o rio determinava a ribeira e desenhava o limite da cidade pautava a relação água/cidade. Tomar um edifício para identificar o território como um lugar, numa visão heideggeriana, e determinar marcos temporais que explicitem os contextos históricos, sociais e econômicos é útil para uma análise e caracterização deste espaço. É dado assim às componentes para caracterizar um lugar específico -

“Assim, o cercamento, o ato de demarcar ou diferenciar um lugar no espaço se converte no ato arquétipo da construção e a verdadeira origem da arquitetura”⁴⁵.

O edifício selecionado é o dos Armazéns Abel Pereira da Fonseca, em vias de classificação para IM - Interesse Municipal pela CML Câmara Municipal de Lisboa. Situado na Praça David Leandro da Silva, 1-7. Lisboa, com suas traseiras para o Tejo, onde hoje está a Doca do Poço do Bispo, o centro do território do projeto objeto desta dissertação:

“Em 1917 Abel Pereira da Fonseca contratou Norte Júnior para ampliar e delinear os novos armazéns da sua firma em Marvila, que incluíam um cais, as áreas de engarrafamento, armazenamento e uma fábrica de licores. Da obra resta o edifício principal, onde se situavam os escritórios e a loja “Val do Rio”. Neste projeto, o arquiteto demonstrou uma vez mais a sua excelência enquanto projetista, desenhando um edifício onde as formas da fachada aludem às atividades vinícolas, ao mesmo tempo que lhe imprimiu a sua marca eclética e reconhecidamente ornamental, transformando um espaço que se pretende utili-

tário e de cariz industrial numa estrutura onde o cuidado estético e a harmonia das formas são dominantes”⁴⁶.

Segundo a descrição da CML, temos o primeiro marco temporal, 1917. A disposição do artefato arquitetônico, onde sua fachada principal, é voltada para a cidade e suas traseiras orientadas para o rio, deixa clara a relação de fronteira que este impõe ao Lugar, ora se abre a cidade, ora ao rio; -

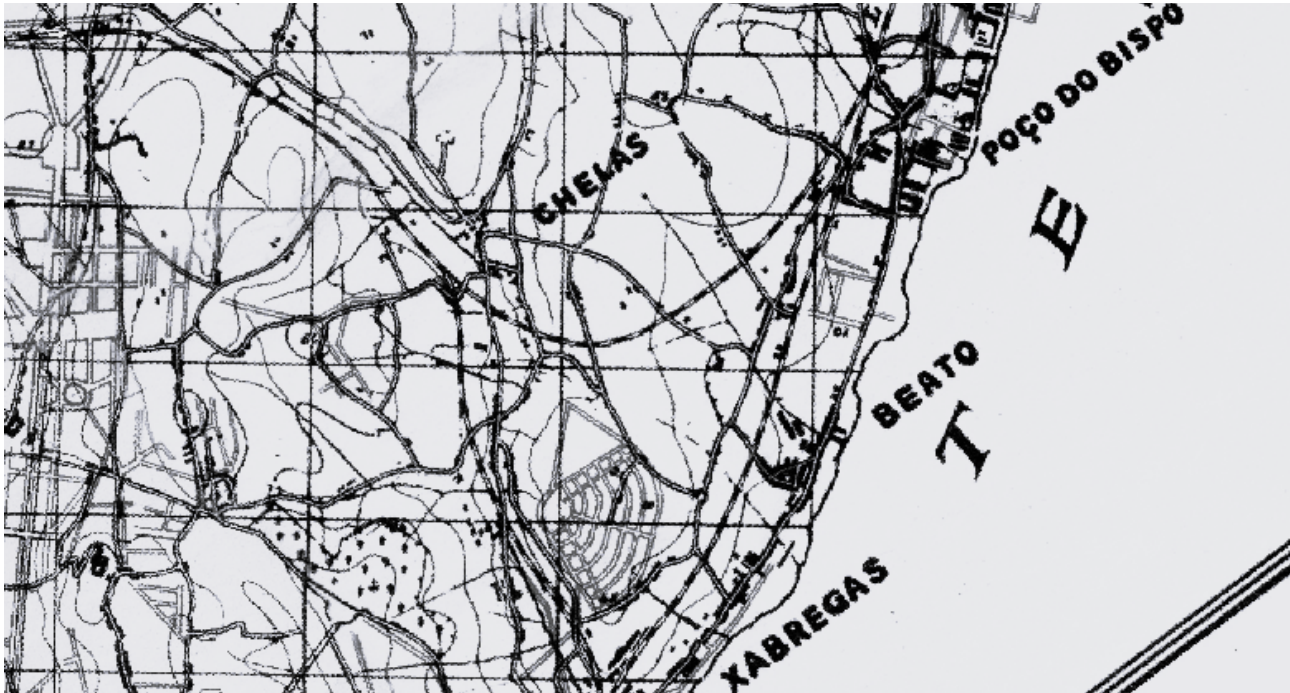
“O abrir e guardar simultâneos podem ser entendidos como um conflito que Heidegger chama de ‘fenda’ (Riss). ‘No entanto, o conflito não uma fenda da mesma forma como uma fenda se abre; é a intimidade com que os adversários pertencem um ao outro. A fenda não deixa os adversários se afastarem; ela insere um contorno comum à contradição de medida e fronteira.’ assim o mundo dá uma medida as coisas, ao passo que a terra, como corporificação, provê uma fronteira”⁴⁷.

- o edifício dos Armazéns Abel Pereira da Fonseca é na prática ao mesmo tempo um lugar e uma fronteira.

Em sendo um lugar e uma fronteira, o edifício é uma arquitetura como lugar de fronteira. O que pede que sua leitura seja feita como tal, ou seja, através de uma *Estratégia Fronteiraça*:

Espaço liso / paisagem não humanizada (rio): O Tejo é este espaço, a paisagem não humanizada, O fluxo. As águas do rio -

“Sem dúvida, é por isso que o mar (cf. rio), é o arquétipo do espaço liso (...)”⁴⁸.



18 | CML Câmara Municipal de Lisboa — Cartografia histórica 1899-1948.



19 | Portugal, Eduardo. Câmara Municipal, Pelouro da Cultura, Arquivo Municipal - Lisbo .

Máquina de guerra / potência não disciplinar (nômade):

A variação das marés é esta potência. A exterioridade por definição, que desenha e redesenha, diariamente os contornos da cidade, o espaço nômade, o fluxo. -

“Como regra geral, um agenciamento é tanto mais afinado com a máquina abstrata quanto mais apresenta linhas sem contorno que passam entre as coisas, e goza de uma potência de metamorfose (transformação e transubstanciação) corresponde à matéria-

-função: (cf. marés) a máquina de Ondas”⁴⁹.

Espaço estriado / paisagem humanizada (cidade): Lisboa é este espaço, a paisagem humanizada. A arquitetura do edifício dos Armazéns Abel Pereira da Fonseca -

“Ao contrário do mar, ela (cf. cidade) é o espaço estriado por excelência (...)”⁵⁰

Aparelho de Estado / potência disciplinar (povo sedentário):

A arquitetura é essa potência. O sistema que organiza e

reorganiza o fluxo de dentro para fora, o espaço sedentário, a estabilidade -

“O espaço marítimo foi estriado em função de duas conquistas, astronômica e geográfica: o ponto, que se obtém por um conjunto de cálculos a partir de uma observação exata dos astros e do sol; o mapa, que entrecruza meridianos e paralelos, longitudes e latitudes, esquadrinhando, assim, regiões conhecidas ou desconhecidas.”⁵¹

A síntese possível é de que, no início do séc. XX, houve uma alteração significativa na margem ribeirinha de Lisboa, nomeadamente o que hoje conhecemos como Doca do Poço do Bispo em Marvila.

O rio Tejo que desenhava a margem segundo o fluxo de suas águas, passa a sofrer uma apropriação sistemática do seu leito, por uma série de aterros, que, através de uma geometrização, inerente à urbe, atribui uma transformação radical nesta paisagem.

Há a emancipação desse espaço como um lugar de forte caráter industrial, deixando no passado o seu cariz rural, o crescimento da cidade industrial, ainda que tardio, historicamente.

⁴⁴ Hans Meyer, Cit. por: CAMPOS, Martha Machado; FIM, Mineli, SORTE – *Infraestrutura dos portos* – Herança cultural da cidade.

⁴⁵ NESBITT, Kate, *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*, 2008. p.443

⁴⁶ DGPC, Direção-Geral do Património Cultural – *Norte Júnior - Itinerários 1905 - 1929* Lisboa | Graça a Poço do Bispo | Edifício da Abel Pereira da Fonseca.

⁴⁷ NORBERG-SCHULZ, Christian – *O pensamento de Heidegger sobre arquitetura*. 2008 [1983].

p. 469.

⁴⁸ DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix – *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol.5. 1995 [1980].

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ *Ibidem. Ibidem*.

⁵¹ *Ibidem. Ibidem. Ibidem*.



20 | Estúdio Mário Novais. 1933-1983.



21 | Estúdio Mário Novais. 1933-1983.



A margem de Lisboa. 2ª Margem.

“(…) aspectos fundamentais do aparelho de Estado: *a territorialidade, o trabalho ou as obras públicas, o sistema fiscal*.

Gilles Deleuze, Félix Guattari – Mil platós - capitalismo e esquizofrenia, vol.5. 1995 [1980].

Presença do passado no presente que o transborda e o reivindica: (...) a essência da modernidade.

Jean Starobinski. Cit. por: Marc Augé. Op. cit. 2005 [1992]. p. 65.

Os espaços planos criados por aterros, tiveram uma efectiva transcendência sobre a forma urbana ao modificar a forma do próprio suporte - o território, que em vez de enseadas e pequenas praias, foi sendo transformado numa plataforma que relegou a cidade para o interior com pouco contacto com o rio, apesar de possibilitar muitos e diversificados usos que facilitaram por sua vez a contínua readaptação da cidade enquanto se afirma no plano político, económico, ao nível nacional e internacional.

Vitor Carlos Marques Durló. Op. cit. 2012. p.17.

Fragmento indeciso do jardim planetário, a Terceira paisagem se compõe na soma dos espaços negligenciados pelos homens. Essas margens apresentam uma diversidade biológica que não é por ora reconhecida como sendo uma riqueza. Terceira paisagem refere-se a Terceiro Estado — e não a Terceiro Mundo; o espaço não expressando poder nem submissão ao poder. Ela faz menção ao panfleto de Sieyès, de 1789:

O que é o terceiro estado? — Tudo

O que ele realizou até agora? — Nada

O que ele almeja alcançar? — Algo.

CLÉMENT, Gilles – Manifesto da terceira paisagem. Fragmento indeciso do jardim planetário. [2004].

O rio, que outrora determinava a margem ribeirinha e desenhava o limite da cidade, passa a ter seu limite desenhado pelo aterro.

Este ganho de território, a sua ocupação, o seu acesso dificultado pelas infraestruturas, nomeadamente a linha de caminho de ferro, apartam Lisboa e o Tejo -

“Todas as cidades têm algo que as distingue entre si.

Algumas cidades tiveram o privilégio de terem nascido a partir de um porto. Nestes casos, embora a sua génese seja o porto, as cidades foram gradualmente assistindo ao desenvolvimento e transformação do seu parceiro, nem sempre reconhecendo o seu valor enquanto motor da economia. Por outro lado, o valor económico produzido proporcionou aos portos uma ‘independência’ que se manifestou na forma como geriram e ocuparam o seu território, por vezes alheios às dinâmicas da cidade”⁵².

- O desenvolvimento da plataforma portuária obrigou interferências territoriais e infraestruturais, esta necessidade desenvolvimentista enfraqueceu a relação água/cidade e tornou mais relevante a relação plataforma portuária/água. Modelos de evolução portuária e cidades foram desenvolvidos e ajudam a perceber como estas relações se refletem nos seus traçados, nas ocupações e nas cidades. James Bird

(1963)⁵³, demonstra através de seu modelo *Anyport*, que esta relação plataforma portuária e cidade não é contínua, e sim faseada. Para Bird são uma sucessão de fases histórico-morfológicas: *setting*, com os portos como centro do tecido urbano por um longo período; *expansion* com a modernização e o aumento do tamanho das embarcações e o crescimento das infraestruturas (caminhos de ferro) e novas atividades (industrialização), onde se faz necessária a ampliação dos portos e a expansão urbana; por fim a fase *specialization*, é o afastamento dos portos das cidades, o agigantamento das embarcações a especialização dos terminais, requer modais (rodovias, ferrovias etc) mais diversificados que possibilitem uma integração mais eficiente para um melhor escoamento das mercadorias, é o afastamento definitivo das operações portuárias da malha urbana consolidada.

Uma fronteira determinada por dois limites rigorosos, pouco, ou nada, negociados entre si ao longo de suas construções. A cidade e rio sofrem imposições de ordem territorial e geográfica, quando o rio desenha a cidade; e de ordem desenvolvimentista e social, na medida que a plataforma portuária/industrial é construída sobre as águas do rio, quer por aterro ou estruturas de estacas; são estas operações arquitetônicas que determinam este lugar.

Numa análise, deste território, através do instrumento da *Estratégia Fronteiriça* verifica-se a reação da cidade segundo: o *espaço estriado* / paisagem humanizada, em relação ao rio, o *espaço liso* / paisagem não humanizada; via a expansão e consolidação da plataforma portuária (aterro), como um *aparelho de Estado* / potência disciplinar, que atua sobre a margem ribeirinha, a *máquina de guerra* / potência não disciplinar.

É a afirmação da cidade sobre esta fronteira, que já se esboçava com o início dos aterros do final do século XIX, -

“O porto de Lisboa foi-se adaptando, pouco a pouco, às necessidades económicas, agrícolas e industriais em desenvolvimento, como a vitivinícola e a salineira; as reentrâncias de águas fluviais foram sendo substituídas por terra firme, tornando-se cais para descarga da intensa mercadoria transportada por barcas, faluas, varinos, iates, galeotas reais...”⁵⁴

— como o aterro do embasamento do edifício dos Armazéns Abel Pereira da Fonseca, e seu cais (ainda em madeira sobre estacas), estes já insinuavam a grande operação arquitetônica a ser implantada pelo Estado —

“No entanto, é só em 1887 que são adjudicadas as obras que constituem a 1.ª secção do plano geral dos melhoramentos do Porto de Lisboa ao empreiteiro francês Pierre H. Hersent, após concurso que teve por base o projeto dos Engenheiros João Joaquim de Matos e Adolpho Loureiro, promulgado por Lei de 15 de julho de 1885, sendo inauguradas as grandes obras no Porto de Lisboa por D. Luís I, em 31 de Outubro de 1887, dia do seu aniversário.”⁵⁵

da unificação dos pequenos aterros até a construção da plataforma portuária/industrial por toda a frente ribeirinha de Lisboa, avançando sobre o Tejo.

“A formação destes novos territórios possibilitou à Coroa ou à Administração da cidade realizar os objectivos urbanísticos sem intervir na cidade consolidada não necessitando de negociar com os nobres nem com as ordens religiosas (dissolvidas em 1834), que eram os principais detentores das



23 | CML Câmara Municipal de Lisboa — Cartografia histórica 1950.



24 | CML Câmara Municipal de Lisboa. Cartografia histórica 1950.

propriedades em Lisboa o que terá facilitado em muito a execução de todas estas obras que criaram uma estrutura urbana central, de carácter público e de utilização flexível, que julgamos ter sido determinante ao longo do tempo na readaptação da cidade.”⁵⁶

É o estriamento total da margem ribeirinha.

Aqui o porto se enquadra, segundo o modelo *Anyport*, na fase chamada de *expansion*, e já não mais na fase de *setting*; é a captura concreta do *espaço liso* através da potência do *aparelho de Estado*; sobreposição da paisagem humanizada sobre a paisagem não humanizada. A operação arquitetônica é toda voltada para o objetivo estatal —

“As obras, amplamente divulgadas pela Imprensa coeva, delinçaram o porto de Lisboa moderno provendo-o de muros cais, rampas, taludes empedrados, docas de abrigo e de reparação de navios com as respetivas oficinas, de plano inclinado, de armazéns e de equipamento, condições que iriam ser melhoradas ao longo dos anos.”⁵⁷

— a arquitetura torna-se um instrumento de ação do Estado, com fins exclusivos, e, que, por consequência, são excluídos.

O porto continua um lugar, em essência, —

“O propósito existencial do construir (c.f. arquitetura) é fazer um sítio tornar-se um lugar, isto é, revelar os significados presentes de modo latente no ambiente dado.”⁵⁸

- ou talvez, um não-lugar —

“O lugar e o não-lugar são antes polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se consuma totalmente - palimpsestos nos quais se reinscreve sem cessar o jogo misto da identidade e da relação.”⁵⁹

O artefato arquitetónico dos Armazéns Abel Pereira da Fonseca já não cumpre mais a função de mediador da fronteira, não é mais o ponto de contato entre cidade e rio ou paisagem humanizada e paisagem não humanizada, suas traseiras passam a ter o caráter de fachada principal; o edifício dá as costas à cidade e passa a se relacionar prioritariamente com a plataforma portuária/industrial, esta, por sua vez, empurra o ponto de fronteira para o limiar do aterro com o rio, e materializa-se na Doca do Poço do Bispo. Ou por outra, a espessura da fronteira ganha corpo, passa do

^[5] Porto de Lisboa – Porto-Cidades. Relação Porto-Cidade, uma inevitabilidade.

^[6] James Bird Cit. por: RIAL, Mariana Fontes Perez – Cidade – porto: dinâmicas espaciais e planeamento infra-urbano. 2008.

^[7] PORTO DE LISBOA – Memória Institucional... de montante para o presente.

^[8] Ibidem.

^[9] DURÃO, Vitor Carlos Marques. Op. cit. 2012. p.24.

^[10] Ibidem.



25 | Estúdio Mário Novais: 1933-1983.

“ínfimo entre fachadas”, o interior do edifício, para toda uma faixa de aterro, que neste ponto atinge cerca de 250m de comprimento. Não é mais pelas soleiras do edifício que se fazem as trocas local e global, este desce na hierarquia do *espaço estriado* / paisagem humanizada, o ponto de fatura da fronteira passa a ser a doca.

A doca, por excelência, é um não-lugar,

“ Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não-lugar.”⁶⁰,

antropologicamente um não-lugar não se define na negação do lugar, mas sim na ausência das características que o definem como lugar antropológico, ou seja, continua a existir como lugar, porém, sob outra caracterização. Entretanto, um lugar, segundo numa visão Heidegger –

“Parece que só é possível habitar o que se constrói. Este, o construir, tem aquele, o habitar, como meta”⁶¹.

– como a doca, um espaço construído, um recinto descoberto “enterrado”, com uma única abertura, –

“mas nem todas as construções são habitações. Uma ponte, um hangar (...) são construções e não habitações”⁶².

– não faz da doca uma habitação, –

“Essas várias construções estão, porém, no âm-

bito do nosso habitar, um âmbito que ultrapassa essas construções sem limitar-se à uma habitação”⁶³.

– a doca é arquitetura, mesmo que sendo um espaço de passagem, ou seja, um ícone de não-lugar, ela e seu entorno são espaços de permanência temporária com estatuto de fronteira, o novo limiar da exterioridade entre a paisagem não humanizada e a paisagem humanizada –

“Tal como na cidade invisível de Despina (Calvino, 1990) o homem da terra vê e entende este espaço como se pertencesse ao mar, enquanto o homem do mar, o viajante, aquele que chega aqui, vê o mesmo espaço como se pertencesse à terra. É sobretudo um espaço de fronteira entre dois mundos muito diferentes, mesmo antagônicos”⁶⁴.

Brian Hoyle (1988) identifica esta dinâmica em determinadas cidades e cria o seu modelo de desenvolvimento portuário, também faseado, que dá continuidade, em certa medida, ao modelo *Anyport*. Hoyle identifica cinco fases, onde as três primeiras, *primitive port/city* (ancestral/medieval, séc. XIX), *expanding port/city* (séc.XIX início séc. XX), *modern industrial port/city*, (meados séc. XX), não divergem muito do pensamento de Bird.

A quarta fase do modelo de Hoyle, *retreat from the waterfront* (1960-1980), identifica o desenvolvimento das operações marítimas e o deslocamento dos territórios portuários; a quinta *redevelopment of waterfront* (1970-1990), expõe a larga escala do porto moderno e o seu redesevolvimento. Nesta fase as plataformas portuárias ganham uma configuração de “*brownfields*” com um caráter de abandono, baldio.

Os “*brownfliers*” tendem a estar entre a paisagem huma-

nizada e paisagem não humanizada, podem ser entendidos como o que Gilles Clément⁶⁵ intitulou de: Terceira paisagem, em seu Manifesto da *Terceira Paisagem. Fragmento indeciso do jardim planetário* –

“A análise da paisagem de Vassivière NdT I foi realizada em 2002, solicitada pelo Centro de arte e da paisagem; ela nos permitiu entrever o caráter artificial do que parece ser ‘naturalmente presente’: a superfície das águas represadas, as árvores de uma floresta manejada, os verdes pastos destinados aos bovinos... Um conjunto organizado segundo as facilidades do relevo, da exposição, dos acessos”⁶⁶.

A plataforma, agora “*brownfliers*”, são um território indeciso, indefinido, ainda que sua construção seja via *aparelho de Estado* / paisagem humanizada, como assinalam Deleuze e Guattari, a *máquina de guerra* / potência não disciplinar. Também opera dentro do espaço estriado:

“Um movimento artístico, científico, ‘ideológico’, pode ser uma máquina de guerra potencial, precisamente na medida em que traça um plano de consistência, uma linha de fuga criadora, um espaço liso (...)”⁶⁷.

A análise deste território, neste momento caracterizado como “*brownfliers*”, pela lente da *Estratégia Fronteiraça*, mostra, que, pela prática dos dois exercícios teóricos, é possível definir o modelo de Brian Hoyle (1988) como um *aparelho de Estado* / potência disciplinar; e como *espaço estriado* / paisagem humanizada o *Manifesto da terceira paisagem*, de Clement.

Manifesto da terceira paisagem. Fragmento indeciso do jardim planetário — Gilles Clément 2004.

“Manifesto

Cada uma das frases seguintes pode ser considerada na forma interrogativa.

- Instruir o espírito do não-fazer como instruímos o do fazer.
- Alçar a indecisão ao nível político. Possibilitar sua ponderação com o poder.
- Imaginar as propostas como um espaço de questões abertas e de prudência.
- Considerar o não-planejamento como princípio vital através do qual todo planejamento seja penetrado por centelhas de vida.
- Encarar a diversidade com admiração.

Quanto à extensão

- Considerar a multiplicação dos espaços de Terceira paisagem, resultantes do planejamento, como o contraponto necessário ao planejamento em si.
- Privilegiar a criação de espaços de Terceira paisagem de grande dimensão, de modo a acolher a totalidade das espécies capazes de lá viverem e se desenvolverem.
- Antecipar a conexão dos baldios às reservas, permitindo a constituição de territórios de continuidade biológica.

Quanto às características

- Considerar a miscigenação planetária — mecânica inerente à Terceira paisagem — como motor da evolução.
- Ensinar os motores da evolução como ensinamos as línguas, as ciências, as artes.
- Informar os usuários das precauções necessárias à manipulação e à exploração dos seres dos quais eles dependem.
- A fragilidade de um sistema está ligada ao volume e à natureza das práticas.

Quanto ao estatuto

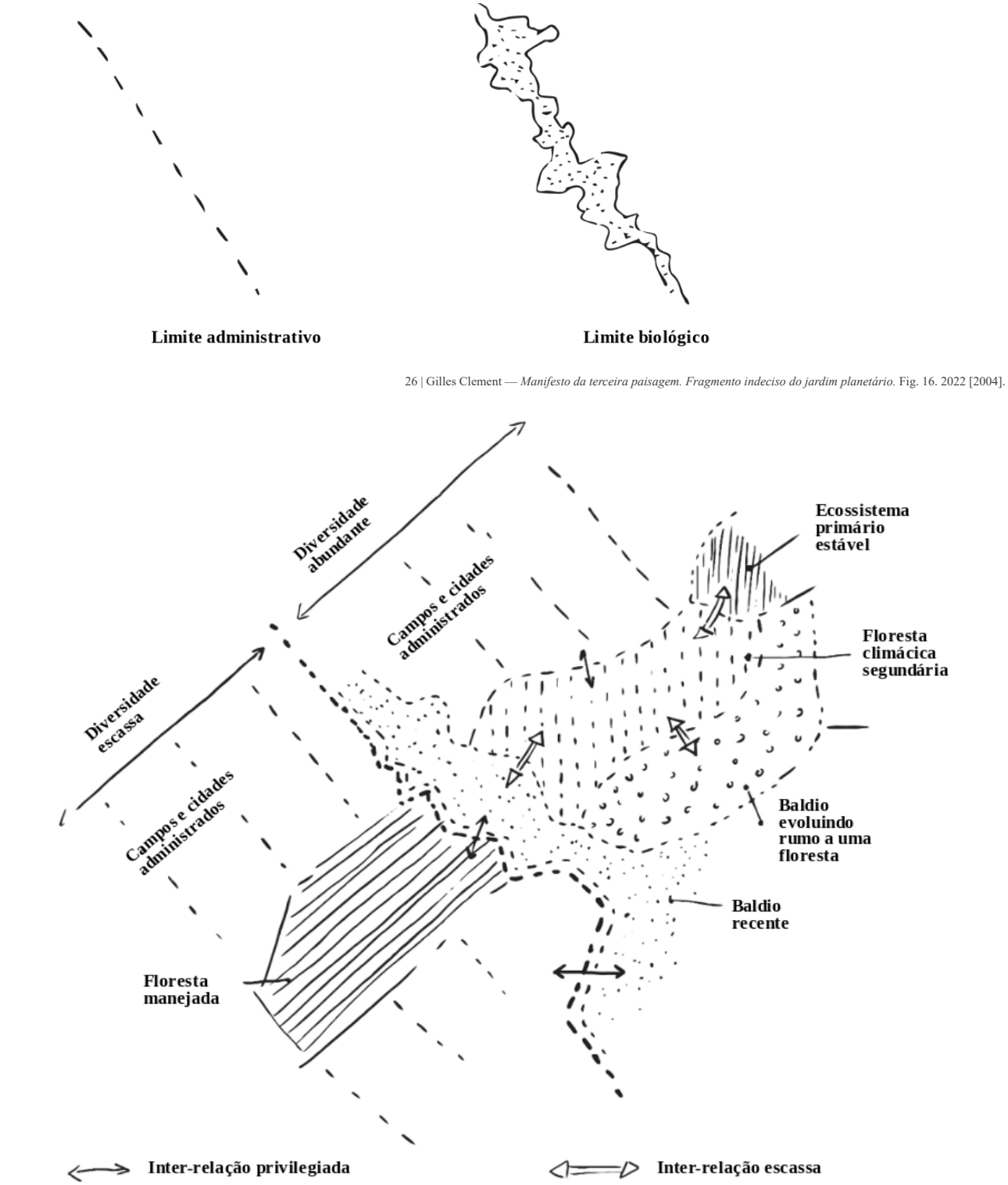
- Considerar a dimensão planetária.
- Preservar a Terceira paisagem da desregulamentação moral, social e política.
- Identificar a Terceira paisagem, fragmento indeciso do Jardim planetário, não como sendo um bem patrimonial, mas sim como um espaço comum do futuro.

Quanto aos desafios

- Manter ou incrementar a diversidade através de uma prática consensual do não-planejamento.
- Iniciar um processo de requalificação dos substratos abrigando a vida — ar, solo, água — adaptando as práticas periféricas aos espaços da Terceira paisagem, procurando não alterar a sua dinâmica, na esperança de obter uma influência.
- Estabelecer uma política territorial visando a conservação dos fragmentos existentes de Terceira paisagem e mesmo favorecendo a sua progressão.

Quanto à mobilidade e à evolução

- Favorecer as dinâmicas de intercâmbio entre os meios antropizados e a Terceira paisagem.
- Orientar as questões de cessão da propriedade territorial, dos remanejamentos, dos mecanismos de ligação entre os diferentes polos de atividade. Desenhar um território onde as malhas são largas e permeáveis.
- Criar tantas portas quantas forem necessárias para a comunicação entre estas.



27 | Gilles Clement — Manifesto da terceira paisagem. Fragmento indeciso do jardim planetário. Fig. 14, 2022 [2004].

Quanto à escala

- Disponibilizar as ferramentas necessárias à compreensão da Terceira paisagem.
- Facilitar o acesso às imagens de satélite e às imagens de microscópio.
- Favorecer a identificação na escala habitual do olhar. Aprender a denominar os seres.

Quanto aos limites e representação

- Considerar os limites como uma espessura e não como uma linha.
- Pensar a margem, intersecção de meios distintos, como território de investigação de riquezas.
- Abraçar a imprecisão e a complexidade como modos de representação da Terceira paisagem.

Quanto ao tempo

- Dissipar os prazos administrativos, políticos, de gestão territorial.
- Não ficar à espera: averiguar dia após dia.

— Oferecer à Terceira paisagem a possibilidade de se desenvolver segundo um processo evolutivo inconstante, pela reinterpretação cotidiana da mutabilidade dos meios.

Quanto ao vínculo com a sociedade

- Elevar a improdutividade à altura da política.
- Valorizar o crescimento e o desenvolvimento biológicos em oposição ao crescimento e ao desenvolvimento econômicos.
- Preservar os territórios tocados por crenças como territórios indispensáveis à divagação da consciência.

Quanto ao vínculo com a cultura

- Inverter a visão ocidental sobre a paisagem.
- Atribuir à Terceira paisagem a função matricial de uma paisagem global emergente.
- Declarar o território da Terceira paisagem como sede privilegiada da inteligência biológica: apta a se reinventar continuamente.
- Confrontar nossas hipóteses a outras culturas, particularmente aquelas cuja concepção se funda em vínculos profundos entre o homem e a natureza.”⁶⁸

⁶⁰ AUGÊ, Marc. *Op. cit.* 2005 [1992]. p. 67.

⁶¹ HEIDEGGER, Martin – *Construir, habitar, pensar*: 2012 [1951]. p.139.

⁶² *Ibidem*.

⁶³ *Ibidem. Ibidem*.

⁶⁴ DURÃO, Vitor Carlos Marques *Op. cit.* 2012. p.19.

⁶⁵ CLÉMENT, Gilles. *Op. cit.* [2004]. “Gilles Clément (Argenton-sur-Creuse, 1943) é um ‘jardineiro’ francês: paisagista, botânico, ensaísta e professor da Escola de Paisagismo de Versalhes.

É autor de conceitos teóricos que marcaram os protagonistas da paisagem moderna e também o grande público, como o “jardim em movimento”, o “jardim planetário” e a “terceira paisagem”. Na prática, concebeu vários parques e espaços públicos franceses, a partir de conceitos resultantes da observação de paisagens naturais nunca cristalizadas, onde as espécies devem poder circular livremente. Desde 1977 Gilles Clément “cultiva” também o seu próprio jardim, “o vale”, sua morada, onde observa, investiga e dialoga”. [N. A.]

⁶⁶ *Ibidem*. NdT I “O centro internacional de arte e da paisagem” (criado em 1983) de Vassivière é

um centro de arte contemporânea criado em uma ilha, sobre um lago artificial, na região Limousin. Ele é a sede de uma renomada residência artística pluridisciplinar. [N. A.]

⁶⁷ DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix – *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol.5. 1995 [1980].

⁶⁸ CLÉMENT, Gilles. *Op. cit.* [2004].

Retomando os modelos portuários, em 2000 Hoyle revisa o seu e acrescenta mais uma fase, *renewal of port/city limits* (1980-2000+) novos usos, para além dos portuários e industriais e novas formas de conexões com a cidade e de permanência no espaço. É o momento em que a plataforma portuária/industrial encontra-se em 2023.

A renovação deste território está sob forte pressão de ambos os limites.

Pela linha que define a fronteira da plataforma com a cidade sofre constantes avanços da paisagem humanizada, como possibilidade de solução para demandas sociais e econômicas urgentes: o déficit habitacional em Lisboa, o crescimento de Lisboa na direção oriental, as novas configurações de regime laboral, a carência do transporte público (tanto em diversidade, quanto em quantidade), o aumento populacional fruto dos crescentes fluxos migratórios para Lisboa, o aumento dos custos das habitações para estudantes, dentre outros.

Na fronteira da plataforma com o rio questões ambientais e climáticas, da ordem planetária, pressionam o território: elevação do nível das águas, consoante ao aquecimento global em marcha –

“o derretimento das geleiras e o aumento do nível do mar – que novamente atingiu níveis recordes em 2022 – devem seguir por milhares de anos”⁶⁷;

cheias decorrentes do aumento pluviométrico e das grandes superfícies impermeáveis de solo das cidades, que inviabilizam a cidade consolidada cada vez mais desaparecimento de biomas importantes para regulação da flora e fauna existente no estuário do Tejo –

“A OMM observa que o aquecimento dos oceanos tem sido ‘particularmente alto nas últimas duas décadas.’(...) Como resultado dessas mudanças, ecossistemas inteiros podem ser destruídos. A OMM observa que os tempos de chegada da primavera de mais de cem espécies de aves migratórias europeias ao longo de cinco décadas ‘mostram níveis crescentes de incompatibilidade com outros eventos da estação’, como o momento em que as árvores produzem folhas e os insetos voam, que são importantes para a sobrevivência das aves”⁶⁸.

As alterações climáticas em curso, independentemente das suas causas, quer cíclicas ou fruto da exploração humana de recursos do planeta, são um importante fator para as operações arquitetônicas de “*waterfront*”.

A previsão da elevação global do nível das águas dos oceanos, não poupará Lisboa. A mais conservadora expectativa já inviabiliza a plataforma atual e todos os seus edifícios e infraestruturas, tendo em vista, que esta já está no seu limite. Já atinge a sua cota de segurança de +4m na maré alta, com episódios de alagamento, cada vez mais frequentes, em decorrência de circunstâncias outras pontuais, como chuvas intensas concomitantes à maré alta.

A plataforma portuária/industrial encontra-se diante deste cenário de urgência arquitetônica.

Uma elevação mínima, de 10cm que seja, do nível do Tejo obriga uma convivência diária com uma lâmina de água sobre a plataforma em toda a sua extensão; adentrando no território até a cota +5m, que passaria a ser, ou voltaria a ser, de certa forma, a cota de segurança.

Este cenário, descrito nos parágrafos acima, é um programa arquitetônico em concreto; com demandas socioeconômicas, ambientais e políticas, quer sejam pela cidade – *espaço estriado* / paisagem humanizada – quer sejam pelo rio – *espaço liso* / paisagem não humanizada.

Ações da *máquina de guerra* / potência não disciplinar já se fazem notar assim como operações via *aparelho de Estado* / potência disciplinar. É preciso olhar para este lugar de dentro, ambas as potências vão continuar atuando e demandando, novas e dinâmicas soluções arquitetônicas -

“É um espaço que não exprime nem o poder nem a submissão ao poder.”⁶⁹

Entretanto, este lugar não reflete as qualidades necessárias para seu uso nos dias de hoje; seja do ponto de vista industrial, habitacional, urbanístico, de mobilidade ou lazer. A imprecisão do uso, mesmo que este seja aparentemente industrial, é logo percebida pela grande quantidade de áreas abandonadas e subutilizadas, contendo grandes estruturas obsoletas ou em conservação precária. –

“(…) um grande número de espaços indecisos, desprovidos de função, aos quais é difícil dar um nome. Esta coleção não pertence nem ao domínio da sombra nem ao da luz. Situa-se nas suas margens: nas bordas das florestas, ao longo das estradas e dos rios, nos cantos mais esquecidos da cultura, onde as máquinas não conseguem chegar. Abrange áreas de dimensões modestas, tão dispersas como os cantos perdidos de um prado, e tão vastas e unitárias como turfeiras, charnecas e certos terrenos baldios”⁷⁰.

A desertificação, no sentido do uso humano cotidiano; e principalmente o distanciamento da água do rio da cidade colaboram fortemente para esta falta de identidade do território e da paisagem –

“Este fenômeno, que muito contribuiu para um afastamento entre as partes, gerou também, ao longo do tempo, uma luta pelo território que ia ficando disponível, consequência de algum declínio nas atividades dos portos, designadamente o que resultou das transformações que ocorreram com a contentorização”⁷¹

– são fragmentos de territórios, baldios ou estruturas superdimensionadas que remetem à um abandono do território. –

“Os baldios se referem a todos os espaços. A cidade, a indústria e o turismo produzem tantos



baldios quanto a agricultura, a silvicultura e a pecuária”⁷².

– Estes baldios contribuem, de forma categórica, para a não permeabilidade do porto lisboeta, mesmo quando esse gera espaços potencialmente generosos –

“Na actualidade, a frente ribeirinha é apreciada pela qualidade urbana e amplitude de vistas que proporciona, pela identidade que fortalece, pelo valor simbólico que lhe é intrínseco, pela sua própria história, pelas funções portuárias, comerciais, lúdicas e turísticas que possibilita mas continua a não ter uma relação de proximidade com a cidade devido à existência da linha de caminho-de-ferro e de vias de grande fluxo de tráfego na sua frente que os planos de melhoramentos da frente ribeirinha não resolvem por não estabelecerem a permeabilidade necessária”⁷³

– o projeto do aterro é negligente à este aspecto da relação água/plataforma/cidade harmônica, reflete-se na paisagem urbana do território e a sua subutilização, um vazio, um lugar sem identidade definida, uma fronteira definida por dois limites rigorosos e pouco, ou nada negociados, uma imposição.

Esta negligência, identificada por Gilles Clément –

“Se deixarmos de olhar a paisagem como se fosse o objeto de uma indústria, podemos descobrir subitamente - será um descuido do cartógrafo, uma negligência do político - um grande número de espaços indefinidos, desprovidos de função, aos quais é difícil dar um nome”⁷⁴

– é verificada em Lisboa. A cidade carece de coser estes dois tecidos urbanos, já consolidados, porém apartados. Rever o rigor de seus limites e ampliar suas relações de fronteira, neste território em questão, é fundamental e urgente diante das demandas ambientais, sociais e econômicas que já se impõem ao território.

Contudo, é o enorme potencial para ser lugar, que torna este território tão rico. Ao qual podemos caracterizar como plano, de limites definidos tanto à cidade quanto ao rio, é hoje uma longa faixa ocupada onde proliferam espaços sem personalidade e vazios urbanos pouco aproveitados pela cidade. É aí, nesta entropia urbana latente, que reside



Imagem 29 — Estúdio Mário Novais: 1933-1983. Biblioteca de Arte / Art Library Fundação Calouste Gulbenkian.

a potência deste território.

Um lugar fronteiriço no sentido da porosidade de convívio e não rigidez de limites -

“Hoje em dia só é possível pensar em cidades portuárias que vivam da sinergia gerada pela interação das duas partes: um porto ativo e uma cidade dinâmica. Assim, o diálogo constante e a comunicação regular entre as entidades intervenientes no processo são indispensáveis para uma sólida relação, devendo estas atuar como parceiras na gestão do território, aproveitando o que advirá da inevitável troca de experiências”⁷⁵.

Atos concretos geram utopias.

Foi o ato concreto da construção da plataforma portuária, um aterro plano, que gerou uma utopia de lugar.

Na transição do séc. XIX para o séc. XX Lisboa pensou, projetou e concretizou o aterro sobre as águas do rio Tejo em toda a sua frente ribeirinha. Esta operação, possivelmente só a proposta dela, seria uma utopia nos dias atuais, entretanto, Lisboa concretizou-a há mais de um século.

Para este lugar concreto, a plataforma, o desafio, que, hoje se coloca, é a utopia de ser um lugar no pleno sentido arquitetônico.

⁶⁷ ONU News *Perspectiva Global Reportagens Humanas*. Relatório da ONU revela aumento alarmante nos efeitos da mudança climática. 2023.

⁶⁸ *Ibidem*.

⁶⁹ CLÉMENT, Gilles. *Op. cit.*

⁷⁰ *Ibidem*.

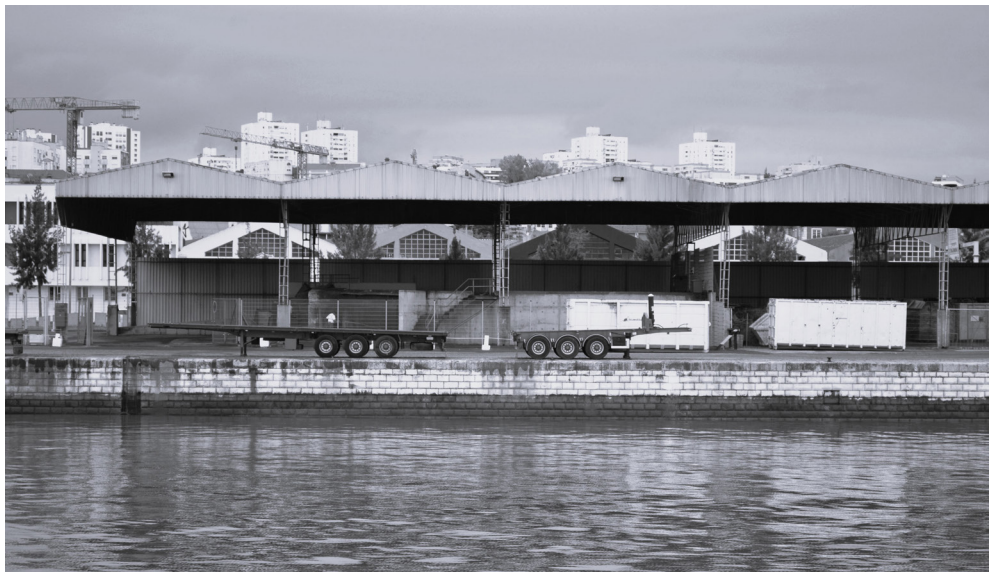
⁷¹ Porto de Lisboa. *Op. cit.*

⁷² CLÉMENT, Gilles. *Op. cit.*

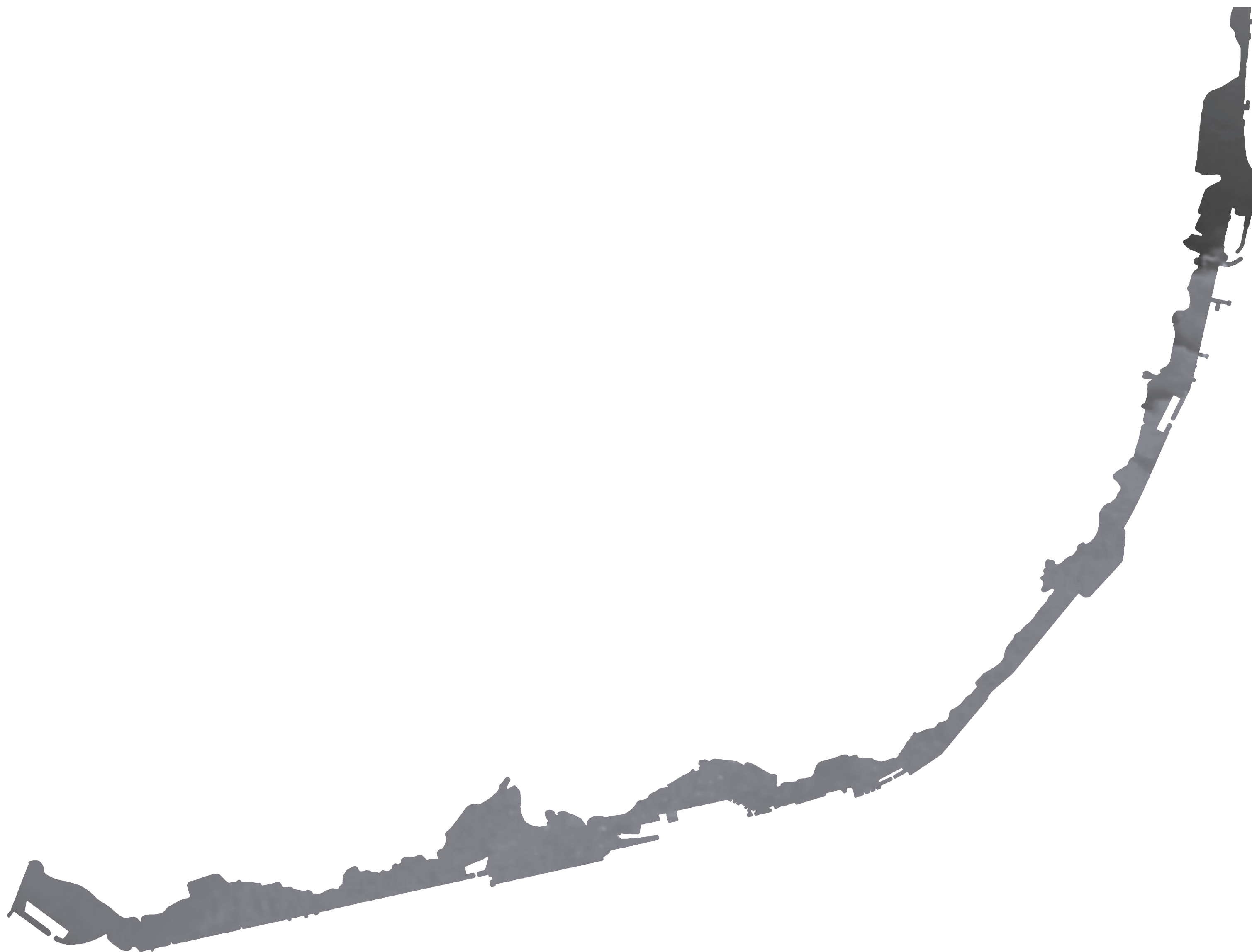
⁷³ DURÃO, Vitor Carlos Marques *Op. cit.* p.17.

⁷⁴ CLÉMENT, Gilles. *Op. cit.*

⁷⁵ Porto de Lisboa. *Op. cit.*



31 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo, 2022.



A 3ª Margem.

“Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais

João Guimarães Rosa – *A terceira margem do rio*. 2005 [1962], p.78

João Guimarães Rosa, um dos maiores escritores brasileiros do séc. XX , ambienta sua obra no sertão brasileiro, sua narrativa, extremamente regionalista, atinge um caráter universal através de sua prosa poética -

“Nessas duas obras, e nas subsequentes, Guimarães Rosa fez uso do material de origem regional para uma interpretação mítica da realidade, através de símbolos e mitos de validade universal, a experiência humana meditada e recriada mediante uma revolução formal e estilística.”⁷⁶

Em seu célebre conto *A terceira margem do rio* o autor lança mão de uma terceira hipótese para estar no mundo -

“A terceira Margem simboliza uma mudança de perspectivas, a possibilidade de criação de uma terceira forma de perceber a realidade”⁷⁶

No âmbito do conto um outro exemplo de ato concreto que gera uma utopia; quando o personagem, o pai, sem explicação alguma, sem dizer uma única palavra, salta para dentro de uma canoa e passa a viver no meio do rio, e funda, assim, um lugar.

“Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais”⁷⁸

Guimarães Rosa descreve, através da ficção, o lugar arquitetônico. Quando a canoa (construção/arquitetura), é ocupada (habitada), pelo pai (indivíduo), no leito do rio (espaço) –

“Assim, o cercamento, o ato de demarcar ou diferenciar um lugar no espaço se converte no ato arquetípico da construção e a verdadeira origem da arquitetura. (...) A arquitetura torna clara a localização de existência dos homens, que, na definição de Heidegger, está entre o céu e a terra, em face dos seres divinos.”⁷⁹

– funda um lugar específico no rio, um *lugar de fronteira*; um rio é o arquétipo de fronteira.

A estória é a metáfora que evidenciam todos os pontos que formam uma reta entre duas margens, tornando o rio um lugar contínuo, rizomático, e não um espaço vazio entre duas margens, trazendo à tona infinitas possibilidades de construção de lugares e suportes de vida.

A plataforma é uma fronteira definida por dois limites: um onde outrora as águas do Tejo desenharam a cidade; e o atual onde o homem “desenhou” as águas do rio. É a plataforma este limite de espessuras variáveis, mas de dimensões físicas pertinentes, ao ponto de ser um espaço concreto, palpável, habitável e construível; onde a arquite-

tura é um lugar de fronteira na sua gênese.

Nesse sentido, evocando o *Manifesto Fronteiriço*, e permeando as fronteiras disciplinares, toda a operação arquitetônica do projeto 3ª Margem, é pautada nos conceitos de deleuzianos, descritos em *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, e ou seja, a metáfora do conto *A terceira margem do rio* de Guimarães Rosa; através da *Estratégia Fronteiriça*; e baseada nas premissas que daí advêm,

CONTER, CONVIVER e CEDER.

É esta articulação que visa cumprir o programa imposto pelas circunstâncias, que pressionam este território, plataforma portuária/industrial de Lisboa, nos dias atuais –

“É sobre estas relações que importa refletir e estudar para facilitar a construção de um território sem nós ou ligações mal resolvidos ou interrompidos e que são verdadeiros grúmulos na necessária fluidez do tecido urbano portuário. Tal como entre países, a fronteira entre a cidade e o porto é sempre o pedaço de território mais difícil de resolver. É aqui que se verificam as maiores ruturas do contínuo que se pretende, quer seja ao nível da superfície visível (passeios, vedações, sinalização, arruamentos, etc.), quer seja ao nível das infraestruturas no subsolo. Esta leitura contínua do território também não deverá impedir que cada um cumpra as suas funções conseguindo uma saudável partilha de usos entre o que o porto oferece à cidade e vice-versa.”⁸⁰

– programa este que demanda questões, ambientais, sociais, econômicas e políticas –

“o relatório (cf. ONU) também examina os impactos socioeconômicos do clima extremo, que causam impactos negativos na vida dos mais vulneráveis em todo o mundo. A OMM destaca que os danos totais e as perdas econômicas foram avaliados em US\$ 30 bilhões e que, até outubro de 2022, cerca de 8 milhões de pessoas foram deslocadas internamente pelas enchentes. Segundo o levantamento, além de deslocar dezenas de pessoas, ao longo do ano, o clima perigoso e os eventos relacionados ao clima ‘pioraram as condições’ para muitos dos 95 milhões de pessoas que já tiveram de deixar suas casas”⁸¹

– para as quais o projeto 3ª Margem oferece soluções para um tempo atual, pragmáticas, de fácil execução e mediadoras do território.

Através de uma *Estratégia Fronteiriça*, tal qual o autor desenvolve no conto.

Paisagem não humanizada:

“o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a outra beira”⁸².

Potência não disciplinar:

Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa”⁸³.

Paisagem humanizada:

“As vozes da notícias se dando pelas certas pessoas – passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda – descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente”⁸⁴.

.

Potência disciplinar:

“Nossa mãe (...) mascarou o beijo e bramou: – ‘Cê vai, ocê fique, você nunca volte!’”⁸⁵.



33 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022

⁷⁶ Academia Brasileira de Letras – João Guimarães Rosa, Biografia.

⁷⁷ BARREIRO. Gabriel Pérez. Fundação Bienal do Mercosul, VI Bienal do Mercosul.

⁷⁸ NESBITT, Kate. *op. cit.* p.443

⁷⁹ Porto de Lisboa. *op. cit.*

⁸⁰ ONU. *op. cit.*

⁸¹ ROSA, João Guimarães. *op. cit.* p. 77.

⁸² *Idem*. p. 78.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ *Ibidem*.



34 | Alessandro Sartore & Malenga — *Estuário Tejo*. Mapa.

MAPA | ESTUÁRIO TEJO 2023

ESCALA: 1/90 000





35 |Alessandro Sartore & Malenga — *Lisboa*. Mapa.

MAPA | LISBOA PLATAFORMA 2023

ESCALA: 1/15000

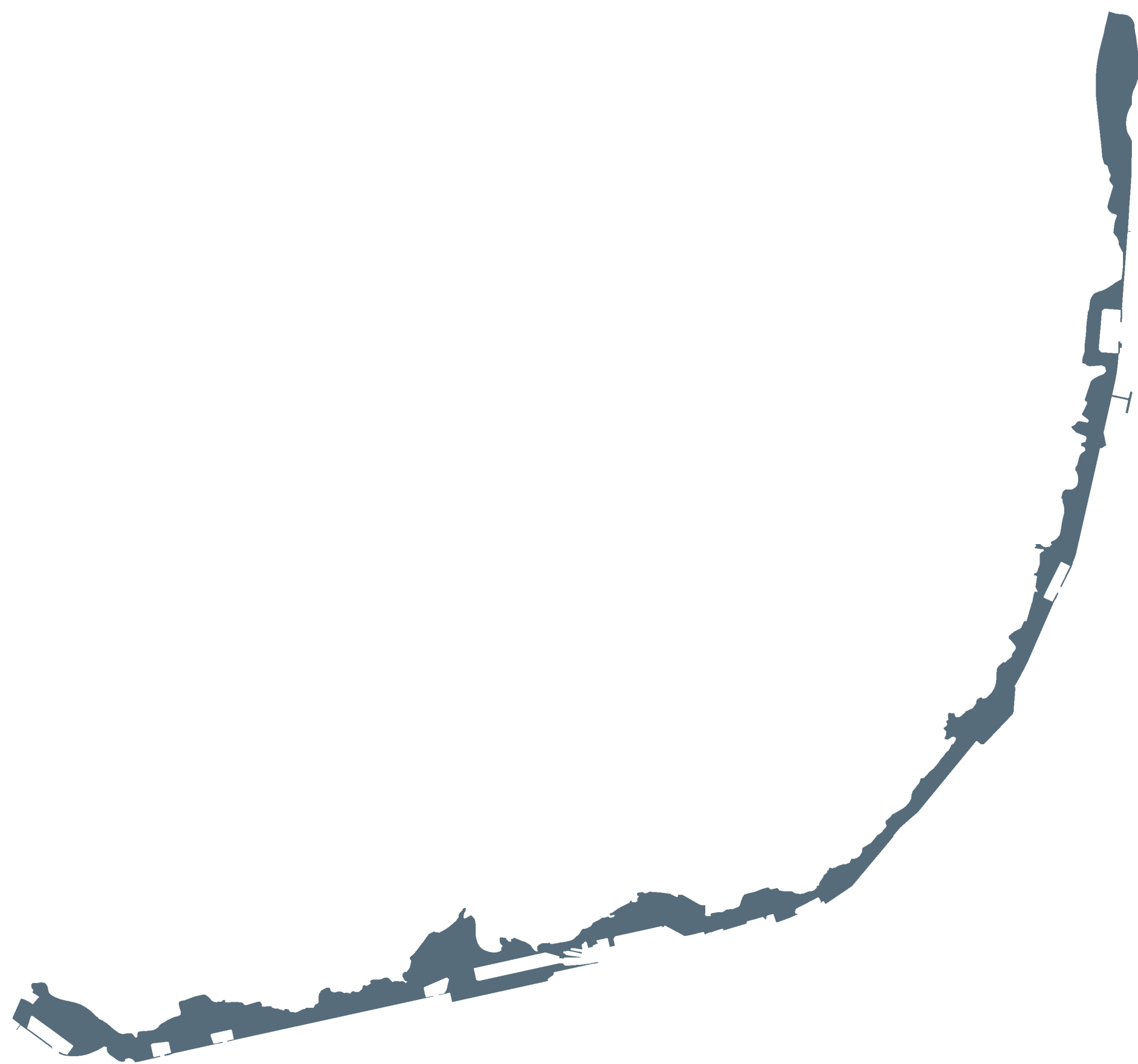
Doca do Poço do Bispo, Marvila, Lisboa e o seu entorno. Delimitado pela cota altimétrica 5 m, na direção da cidade, ao norte; pela margem ribeirinha, cota altimétrica 4 m, rio Tejo ao sul; pela estrada de Chelas ao ocidente, e pelo parque Parque Ribeirinho Oriente a oriente; ou seja, um recorte de território sob a plataforma industrial (o aterro da primeira metade do século XX).

Circunstâncias que atuam sob este território são a elevação do nível das águas, consequência das alterações climáticas globais, que colocam em risco todo o conjunto arquitetônico edificado, e as pressões sociais, econômicas e humanitárias contemporâneas.

TERRITÓRIO DE IMPLANTAÇÃO

PLANTA | DOCA DO POÇO DO BISPO LISBOA 2023

ESCALA: 1/15000



nível das águas 2050



águas de chuva 2023



37 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.



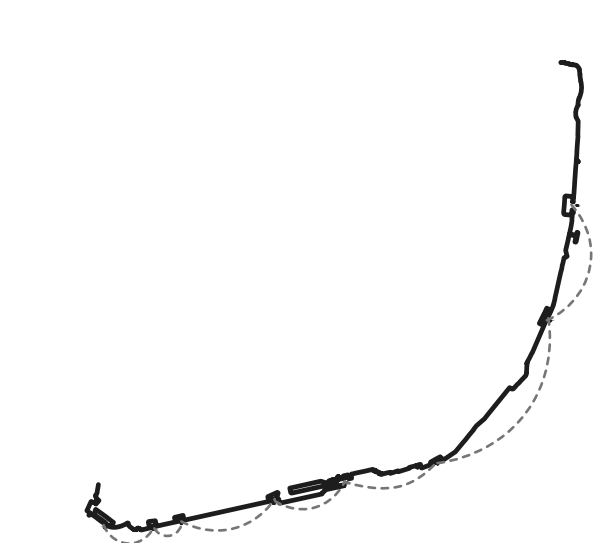
38 | Alessandro Sartore & Malenga & Hugo Charrua — *Render com fotomontagem*. 2023.



39 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo, 2022.



40 | Alessandro Sartore & Malenga & Hugo Charrua — Render com fotomontagem, 2023.



linha fluvial inter-docas



linha VLT-Veículo Leve sobre Trilhos inter-docas

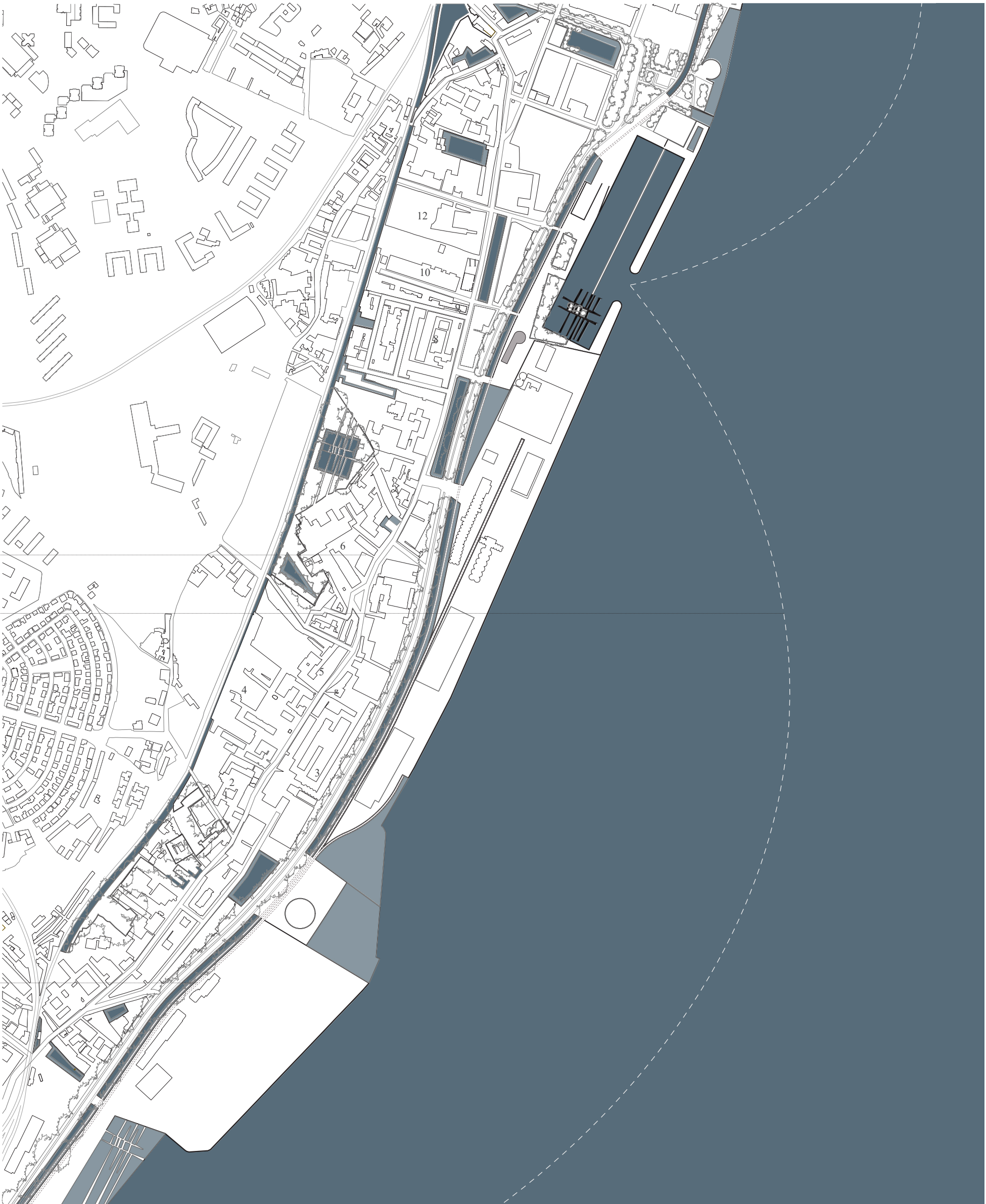
O projeto 3ª Margem gera, ao propor suportes de vida que atendam as necessidades do tempo corrente a quebra da relação binária entre os dois limites preexistentes; ativa as relações de fronteira e de troca, baseada na construção de uma rede arquitetônica rizomática; com base em três operações:

CONTER | CONVIVER | CEDER.

RIZOMA - SISTEMA DE CONTROLE DAS ÁGUAS
ÁREAS PERMANENTEMENTE SECAS,
ÁREAS AFETADAS DIARIAMENTE PELO
REGIME DAS MARÉS E DAS CHUVAS
E ÁREAS CONSTANTEMENTE INUNDADAS
PELAS ÁGUAS DO RIO OU DAS CHUVAS

EDIFICADO EXISTENTE ATÉ A COTA +10m:

1. Antigo Convento do Grilo
2. Igreja Paroquial de S. Batolomeu do Beato
3. Hub Criativo do Beato
4. Manutenção Militar
5. Palácio dos Duques de Lafões
6. Convento do Beato
7. Parque Empresarial da Rua do Açúcar
8. Parque Empresarial Phosphoreira
9. Centro de Saúde Domingos Barreiro
10. Mitra - Hub de Inovação
11. ANAFRE - Associação Nacional de Freguesias
12. Parque Empresarial da Rua Pereira Henriques
13. SPEM - Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla



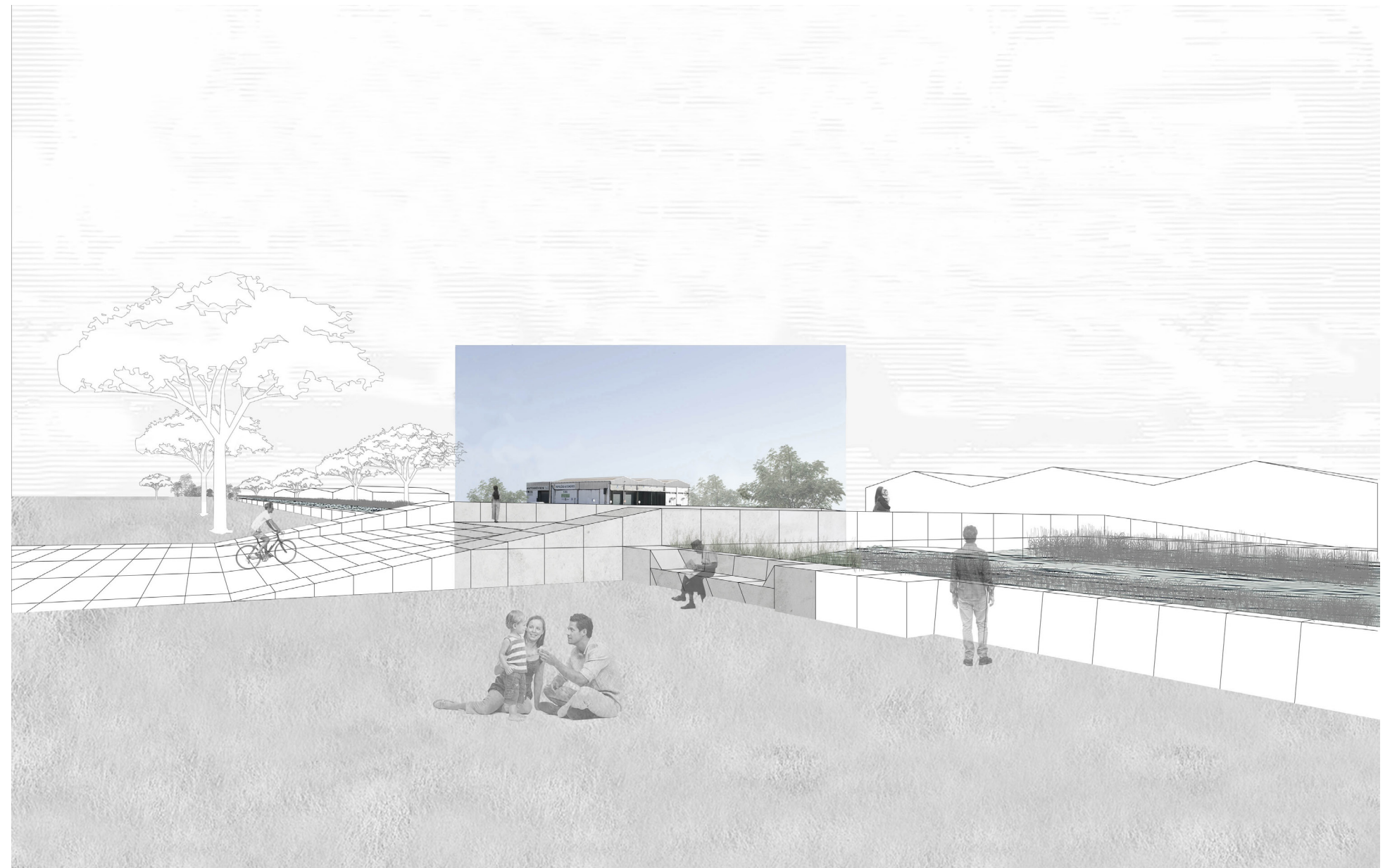
41 | Alessandro Sartore & Malenga — *Doca do Poço do Bispo Lisboa* 2023. Planta

PLANTA | DOCA DO POÇO DO BISPO LISBOA 2023

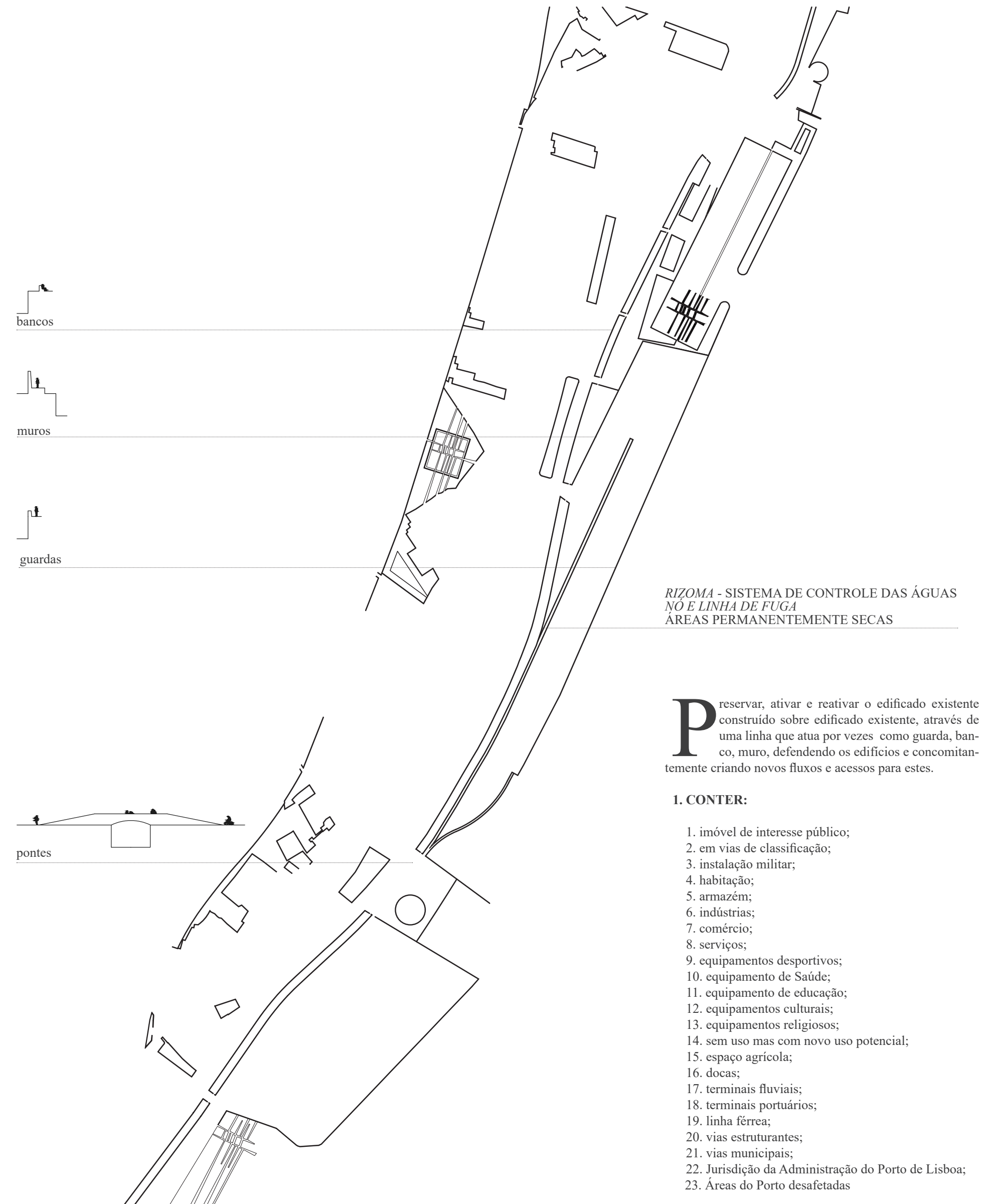
ESCALA: 1/15000



42 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo, 2022.



43 | Alessandro Sartore & Malenga & Hugo Charrua — *Render com fotomontagem*, 2023.



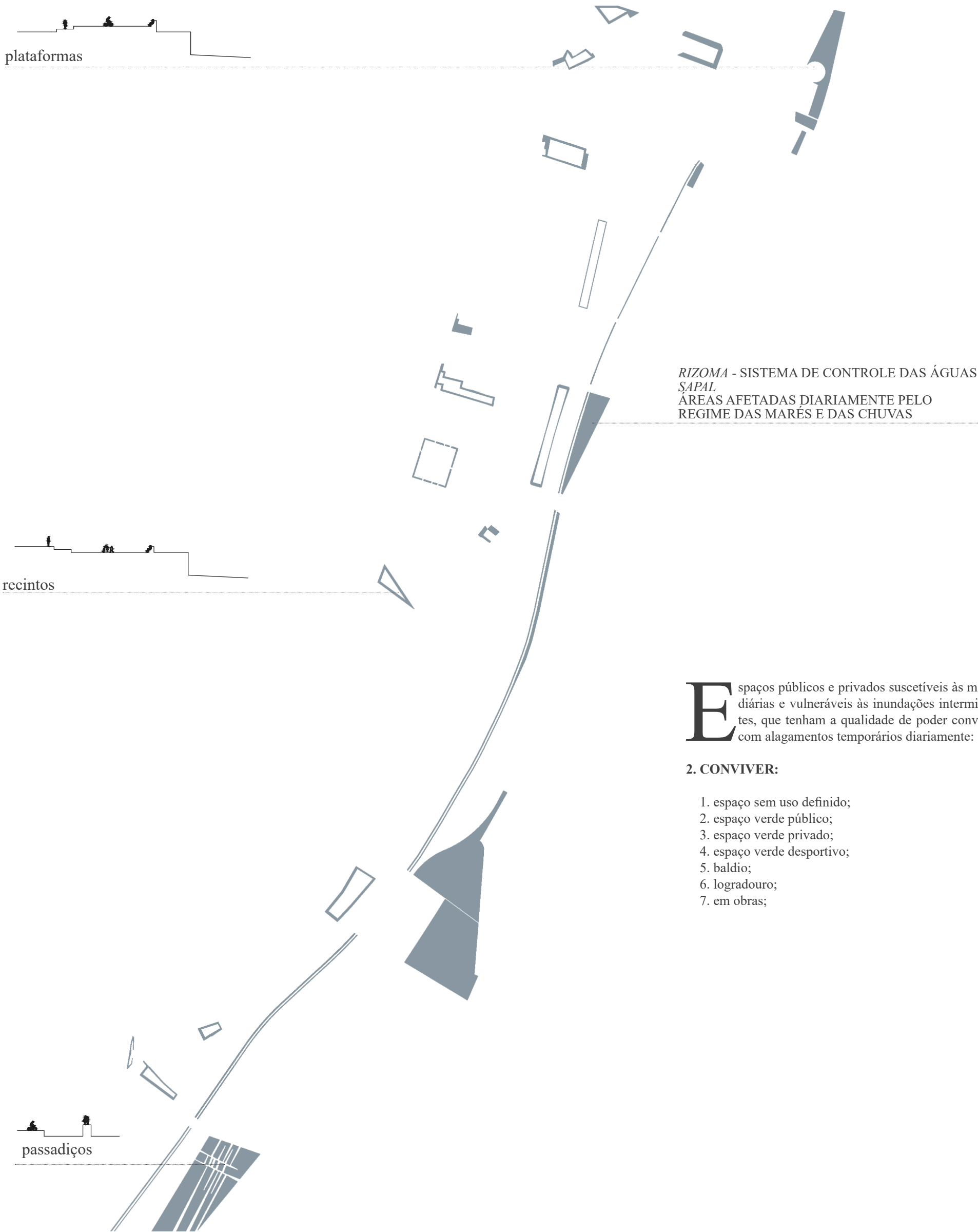
44 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem Conter. Planta.



45 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.



46 | Alessandro Sartore & Malenga & Hugo Charrua — Render com fotomontagem. 2023.

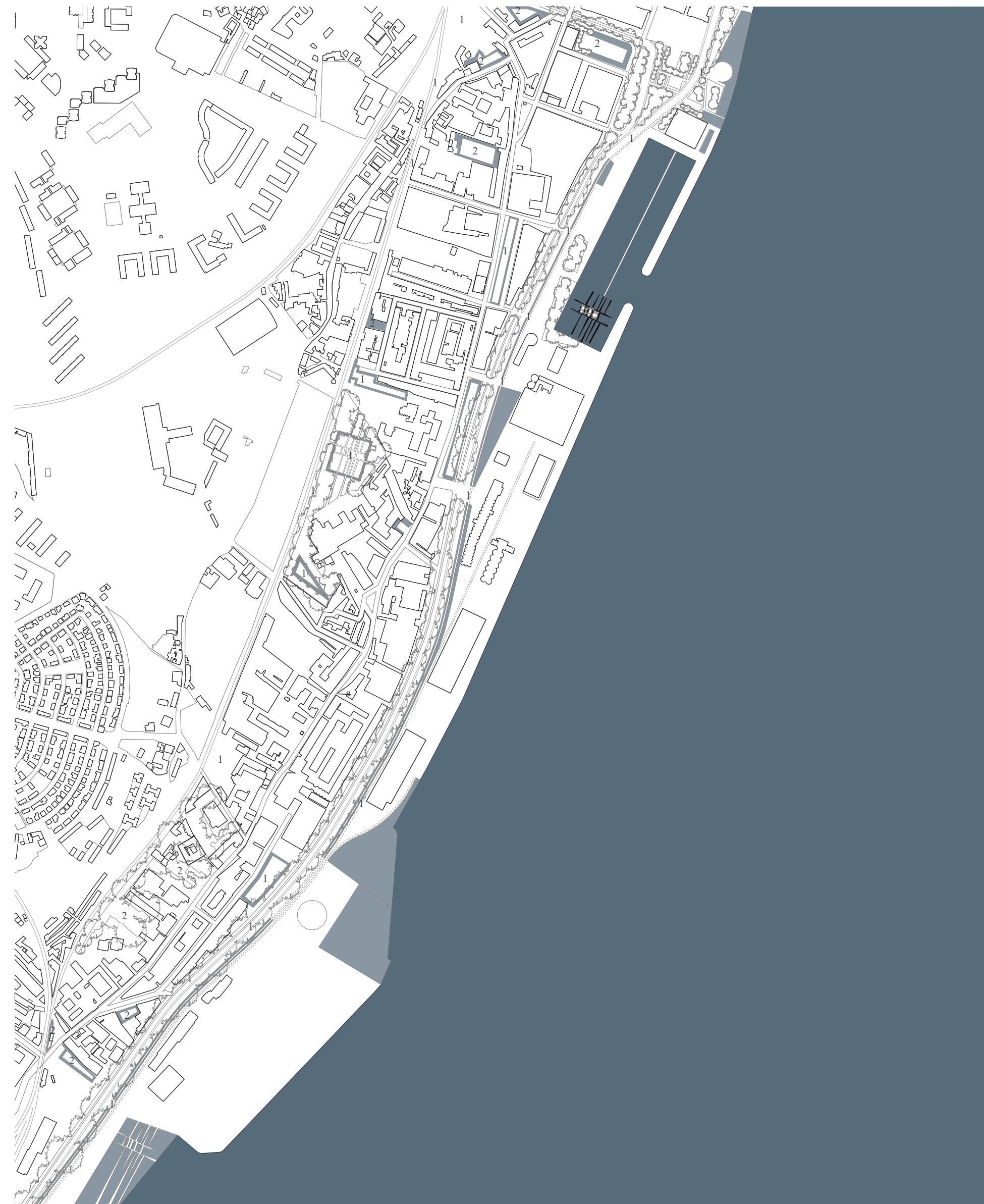
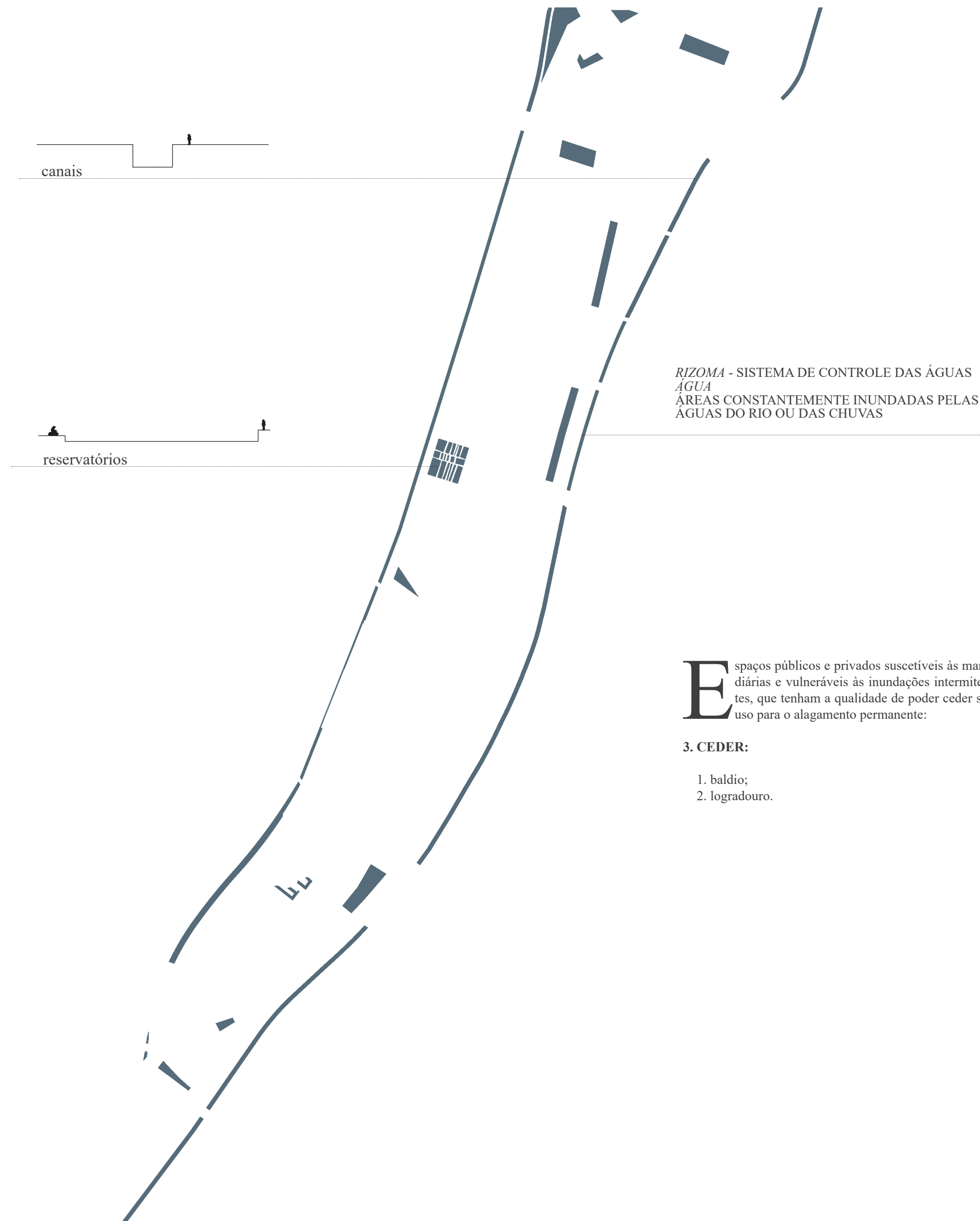




48 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo, 2022.



49 | Alessandro Sartore & Malenga & Hugo Charrua — Render com fotomontagem, 2023.



50 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem Ceder. Planta.

PLANTA | CEDER | 3ª MARGEM

ESCALA: 1/500



51 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo, 2022.



52 | Alessandro Sartore & Malenga & Hugo Charrua — Render com fotomontagem, 2023.

O desenho arquitetônico consiste num único gesto; uma linha contínua reguladora que define e edifica espaços. É uma linha de fuga –

“Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras. É por isso que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau”¹³⁴

– que percorre toda a plataforma portuária/industrial, o espaço fronteiriço; ora com a função de CONTER as águas (do rio e das chuvas); ora com a função de CONVIVER, através da regulação do acesso das águas; ora com a função de CEDER terreno à água, dentro do território.

BANCOS (+4m)
CONTEMPLAÇÃO
PLATAFORMA (+5m)
MIRADOURO MULTIUSO

EDIFÍCIO DEVOLUTO (+4m)
CONVERSÃO DE ARMAZENS EM HABITAÇÃO

METAESQUEMA VAZIO (+4m)
TERMINAL LINHA FLUVIAL INTER-DOCAS
PÁTIOS VERDE DE VEGETAÇÃO PERENE
RECINTO EXTERNO *SAPAL*

EDIFÍCIO DEVOLUTO (+4m)
PARAGEM VLT-VEÍCULO LEVE SOBRE TRILHOS
LIGAÇÃO INTER-DOCAS

LINHA VLT-VEÍCULO LEVE SOBRE TRILHOS (+4m)
REATIVAÇÃO (LINHA EXISTENTE) E EXTENSÃO
LIGAÇÃO INTER-DOCAS

PASSADIÇO (>ou= +10m)
SOBRE RESERVATÓRIO ÁGUAS PLUVIAIS
JARDIM VEGETAÇÃO PERENE
TRASBORDO PERMEÁVEL VEGETAÇÃO *SAPAL*

CANAL COLETOR ÁGUAS PLUVIAIS (>ou= +10m)
REGULADOR RO REGIME DAS CHUVAS

RESERVATÓRIO ÁGUAS PLUVIAIS (>ou= +10m)
JARDIM VEGETAÇÃO PERENE
TRASBORDO PERMEÁVEL VEGETAÇÃO *SAPAL*

MURO (+4m)
DEFINIR E LIMITAR A ÁREA DO PORTO

GUARDA (+4m)
CONTENSÃO NÍVEL DAS ÁGUAS (2050 +70cm)

EDIFÍCIOS DEVOLUTOS (+5m)
CONVERSÃO PARA NOVOS USOS: HABITAÇÃO E
TIPOLOGIAS DE SUPORTE AO HABITAR

PARQUE (>ou= +10m)
VEGETAÇÃO PERENE

PONTE (+5m)
ATRAVESSAMENTO SOBRE CANAL REGULADOR
DAS ÁGUAS E MARÉS DO TEJO

RECINTO (+3m)
MULTIUSO

CANAL (+4m)
REGULADOR DAS ÁGUAS E MARÉS DO TEJO
PROFUNDIDADE 4m
TRASBORDO PERMEÁVEL VEGETAÇÃO *SAPAL*

RESERVATÓRIO ÁGUAS MARÉS DO TEJO (+4m)
TRASBORDO PERMEÁVEL VEGETAÇÃO *SAPAL*

BANCOS (+4m)
CONTEMPLAÇÃO

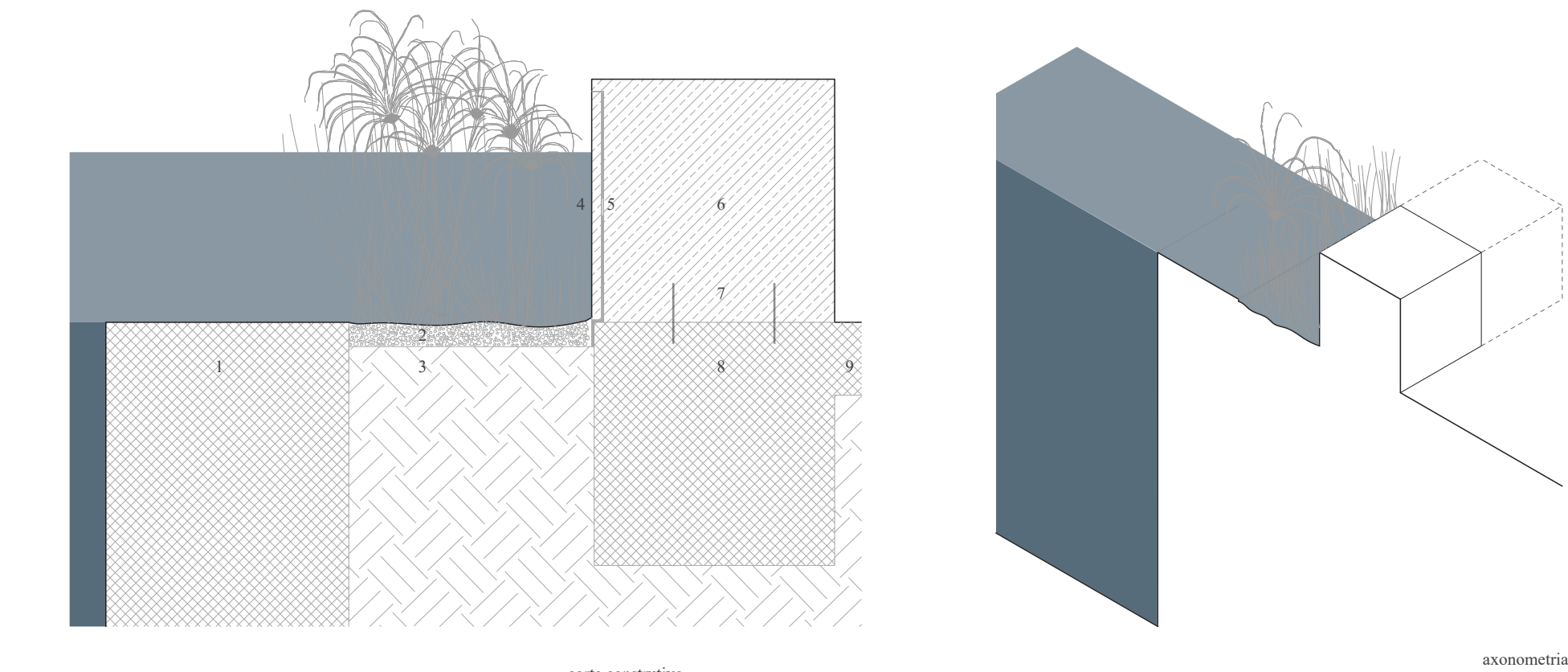
PASSADIÇO (+4m)
SOBRE JARDIM PERMEÁVEL VEGETAÇÃO *SAPAL*

JARDIM (+4m)
PERMEÁVEL VEGETAÇÃO *SAPAL*



53 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem Maré Alta 2050. Planta.

¹³⁴ DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix - Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol.1.

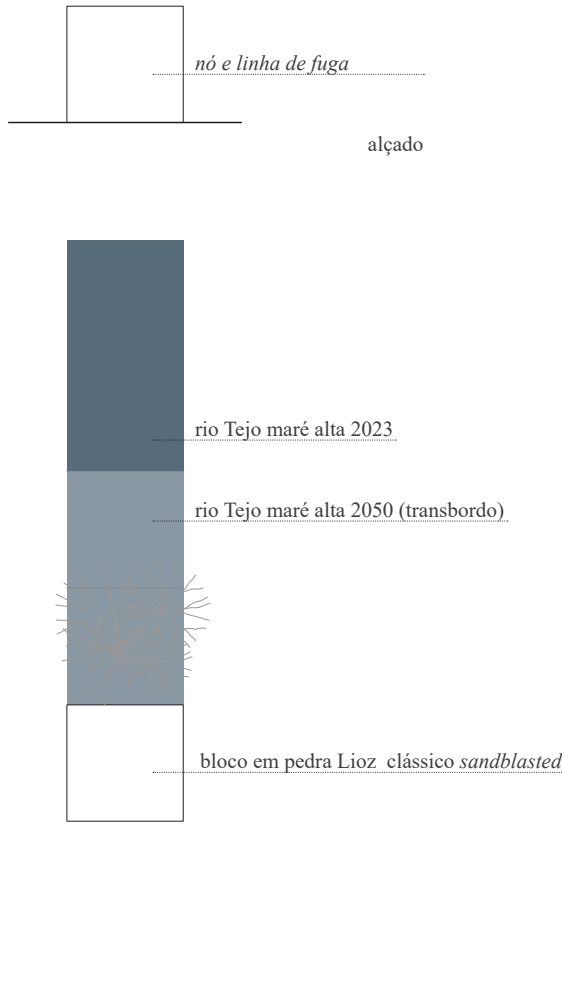
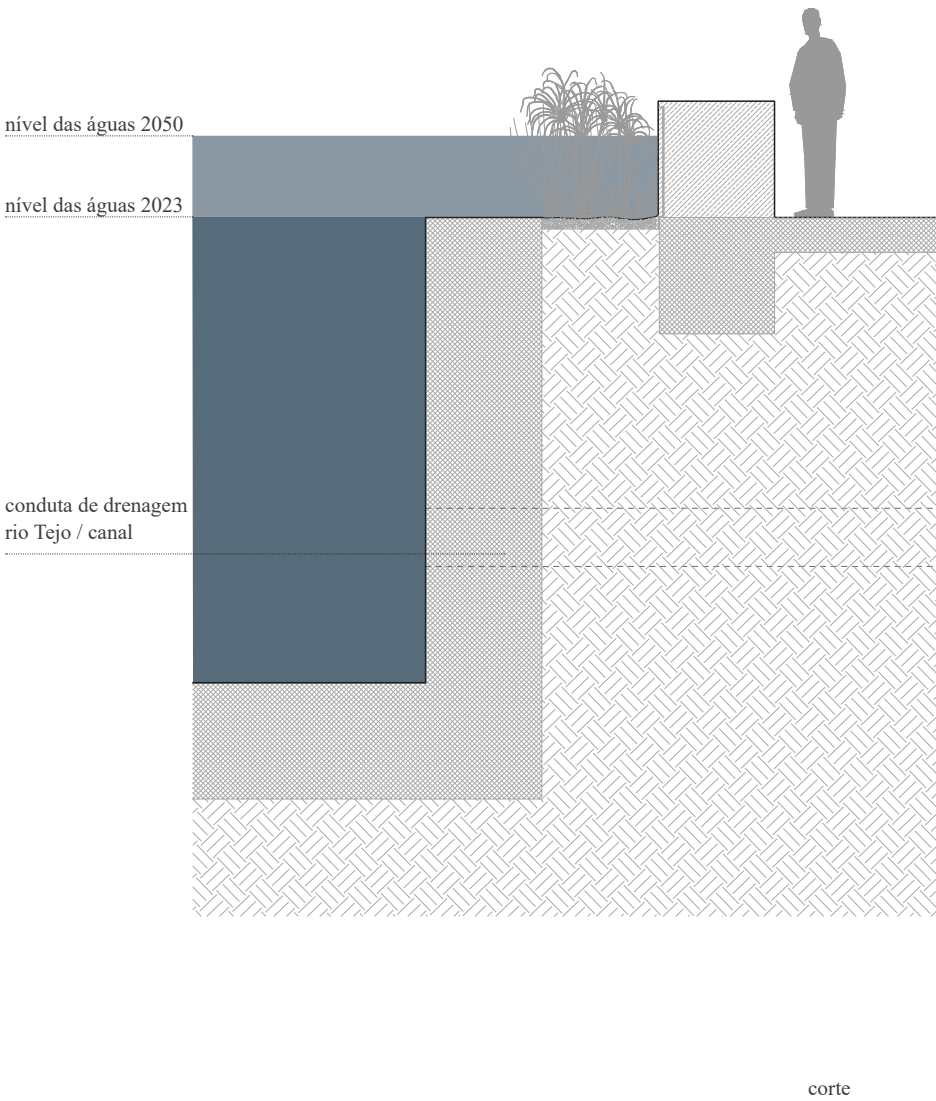


1. muro de contenção do aterro existente
2. camada em cascalho de Lioz permeável
3. despavimentação solo existente permeável
4. placa em pedra Lioz clássico *sandblasted* assentada com argamassa niveladora impermeável
5. sistema de impermeabilizante
6. bloco em pedra Lioz clássico *sandblasted*
7. chumbadores em aço de fixação
8. fundação em baldrame
9. laje de piso existente

Nó e linha de fuga de um sistema rizomático, com dimensões e formas variáveis, que se desdobram e se associam, para desenhar múltiplos equipamentos arquitetônicos, com funções determinadas diversas.

_dimensões:
. Largura 1m | segue a existente do muro de contenção
. Comprimento 1m | secção mínima
. Altura 1m | 0.2m acima da elevação das águas em 2050

**RIZOMA - SISTEMA DE CONTROLE DAS ÁGUAS
NÓ E LINHA DE FUGA
INSTRUMENTO REGULADOR DO CONTROLE DAS
ÁREAS: PERMANENTEMENTE SECAS,
AFETADAS DIARIAMENTE PELO
REGIME DAS MARÉS E DAS CHUVAS
E CONSTANTEMENTE INUNDADAS
PELAS ÁGUAS DO RIO OU DAS CHUVAS**



54 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem, Sistema. Planta, Corte e Axonometria.

SISTEMA

1m



O desenho arquitetónico consiste num único gesto; uma linha contínua reguladora que define e edifica espaços. É uma linha de fuga –

“Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras. É por isso que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau”¹³⁴

– que percorre o toda a plataforma portuária/industrial, o Espaço Fronteiriço; ora com a função de CONTER as água (do rio e das chuvas); ora com a função de CONVIVER, através da regulação do acesso das água; ora com a função de CEDER terreno à água, dentro do território.

São inúmeras as possibilidades de artefatos arquitetónicos proporcionados por este único gesto:

1. bancos;
2. guardas;
3. muro;
4. canais;
5. pontes;
6. reservatórios de água;
7. passadiços;
8. recintos;
9. plataformas;

Tais possibilidades formam um conjunto de elementos que são articulados entre si ao longo do território, em múltiplas combinações, que resultam em soluções arquitetónicas pontuais e específicas para demandas determinadas. Entretanto, estas soluções são sempre da ordem do cambiante, ou seja, uma mesma solução pode funcionar num momento e em determinada circunstância, nomeadamente o nível da maré, e não funcionar em outra. É admitido no projeto que equipamentos arquitetónicos tenham uso restrito durante parte do dia, e que, estejam submersos ou parcialmente submersos, de forma cíclica, maré baixa e maré alta.

Estes elementos podem ou não pertencer aos “mundos” do CONTER, do CONVIVER ou do CEDER. O que determina a escolha do elemento e o limite que a linha de fuga vai definir, em determinado espaço, tempo e circunstância, são critérios de de contenção, convivência e cedência, quando confrontada à uma preexistência do território, um imóvel de interesse público, uma habitação ou um baldio, por exemplo.

O desenho da linha de fuga, que vai revelando tais equipamentos arquitetónicos, ora tende para a paisagem não humanizada (rio), ora tende para a paisagem humanizada (cidade), e em determinados momentos atua como mediador de ambas; na medida em que, em lugares específicos do território, cria condições de convivência entre os mundos da cedência, o Tejo, e o mundo da contenção Lisboa. É o assumir do caráter mutante da fronteira como fator construtivo.

Não há um edifício, no sentido convencional, a ser implantado, mas uma linha de fuga construída que determina o dentro e o fora –

“Desse modo, na fronteira, caráter e espaço se combinam e isso nos leva a concordar com Venturi” quando ele define a arquitetura como “a parede entre o interior e o exterior”¹³⁵.

No caso da 3ª Margem a parede, a linha de fuga, é o desenho do vazio, o entre, que se apresenta na fronteira do edificado a se preservar (arquitetura) e o gesto necessário para tal:

CONTER, CONVIVER ou CEDER.

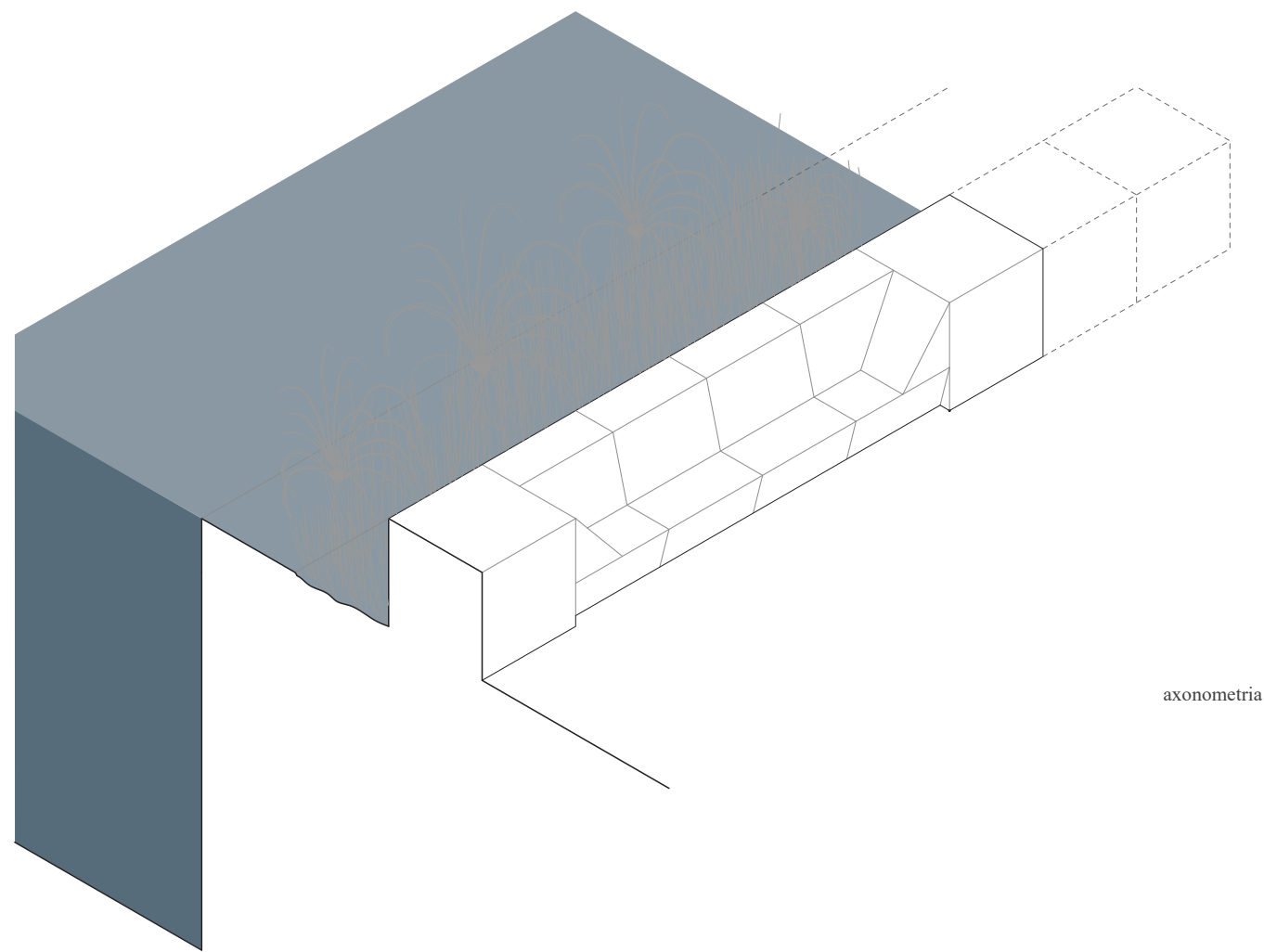
Contudo, a relação entre edificado e linha de fuga torna-se umbilical, onde, a linha determina o caráter da permanência do edifício preexistente; preserva o uso, imprime novo uso, possibilita o uso ou ativa o reuso.



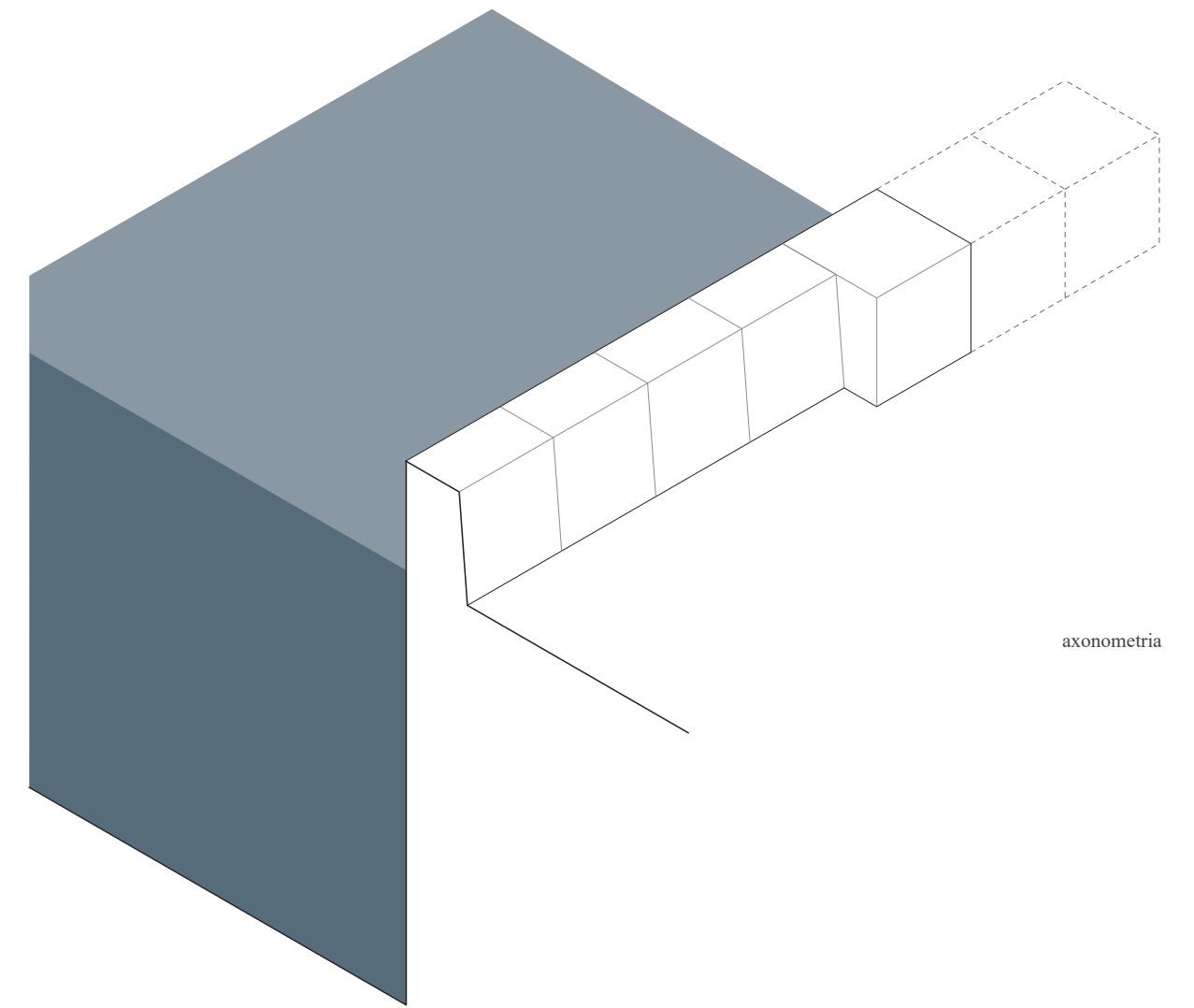
55 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

⁸⁵ NESBITT, Kate. *op. cit.* p. 444. “Norberg-Schulz, levado por uma grande admiração por Robert Venturi, identifica-o equivocadamente com a fenomenologia, por causa do interesse recente do arquiteto na ‘parede entre o interior e o exterior’. Depois de Aprendendo com Las Vegas, restam poucas dúvidas de que Venturi e seus colaboradores estão mais interessados na superfície (o ‘galpão decorado’) do que em questões espaciais, como lugares delimitados.”

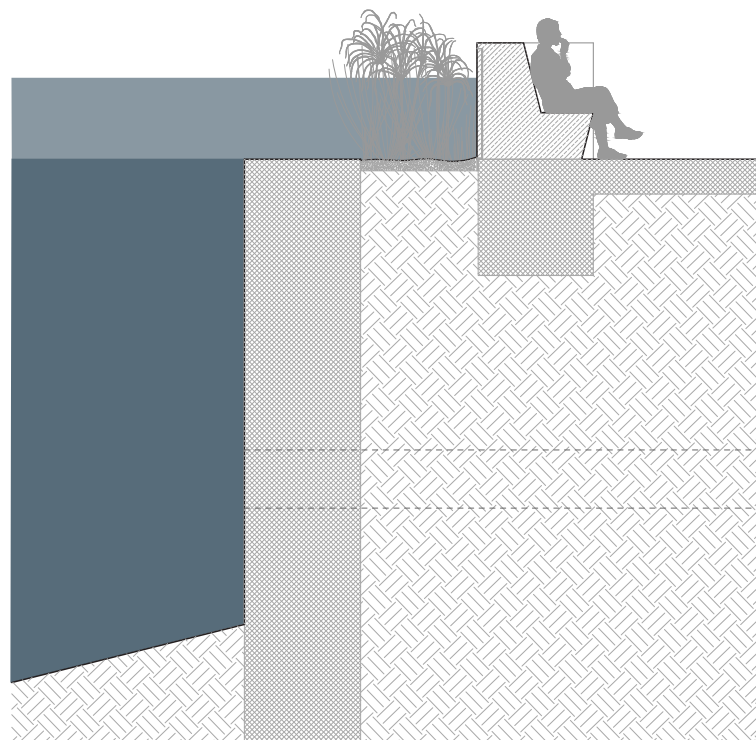
⁸⁶ NORBERG-SCHULZ, Christian. *op. cit.* p.451.



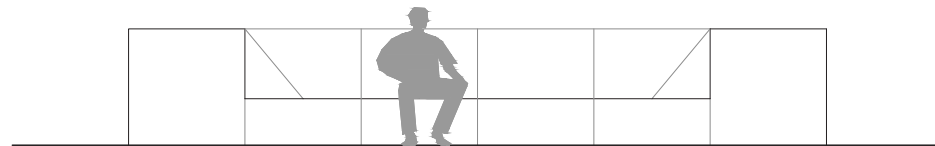
axonometria



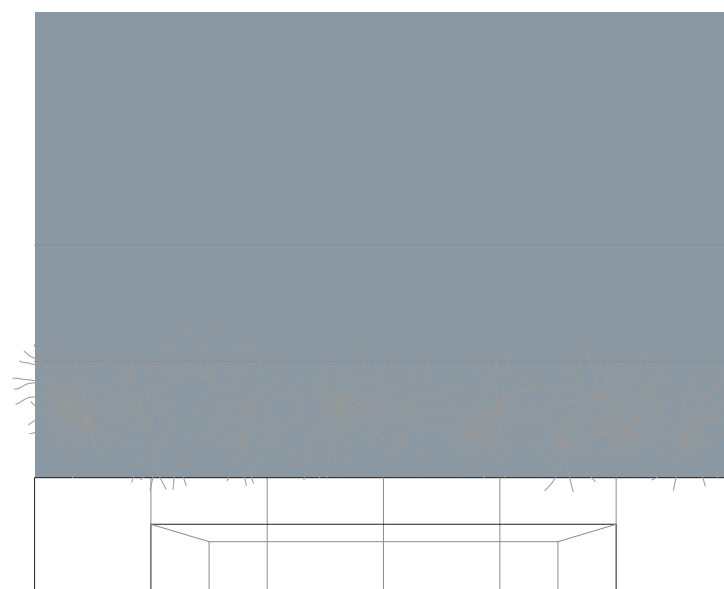
axonometria



corte



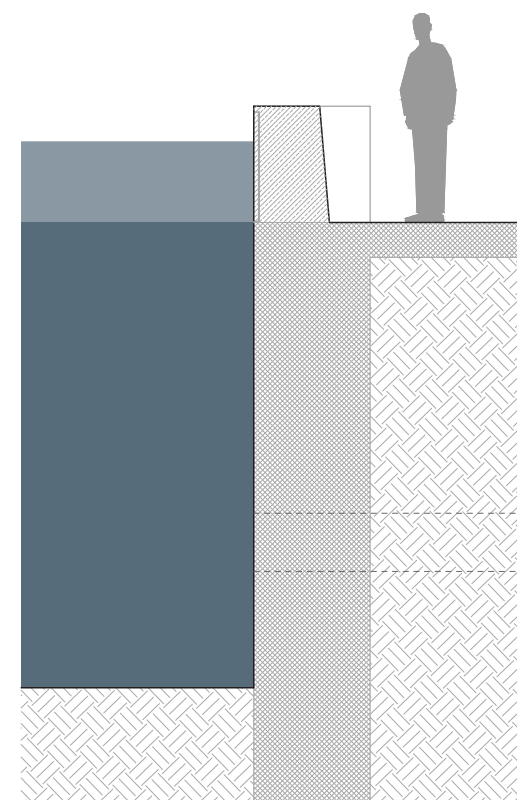
planta



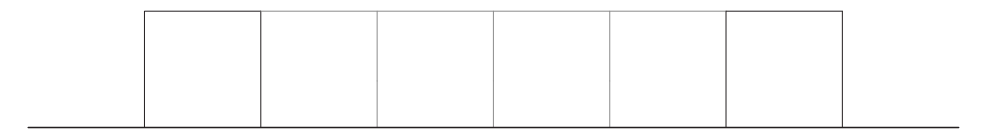
56 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem, Banco. Planta, Corte e Axonometria.

BANCO

1m



corte



planta

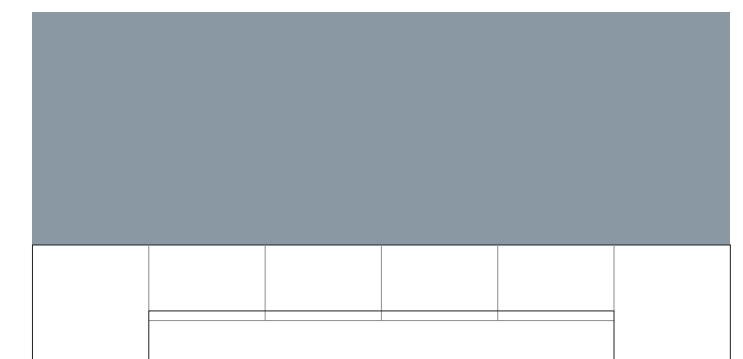
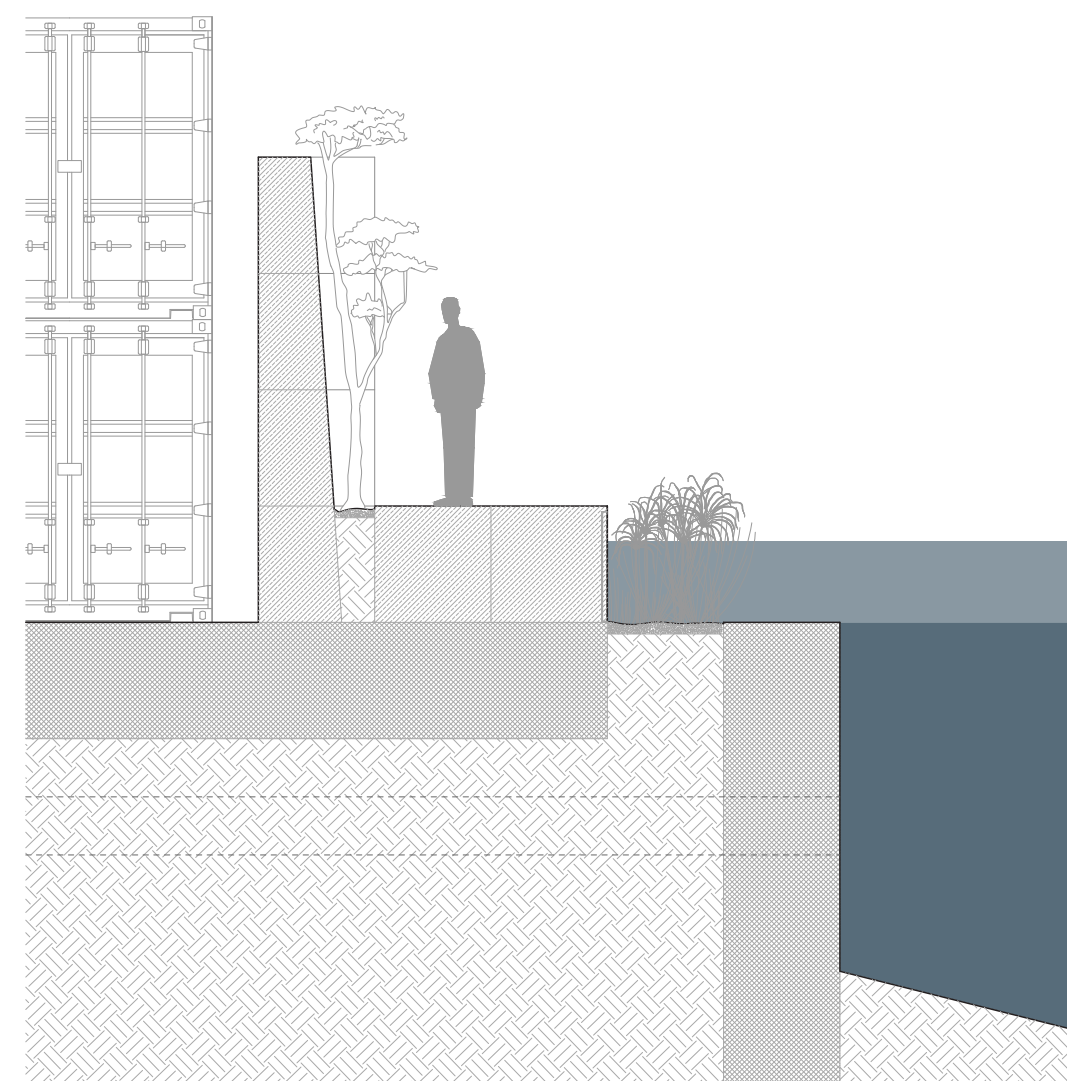


Imagem 57 — Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem, Guarda. Planta, Corte e Axonometria.

GUARDA

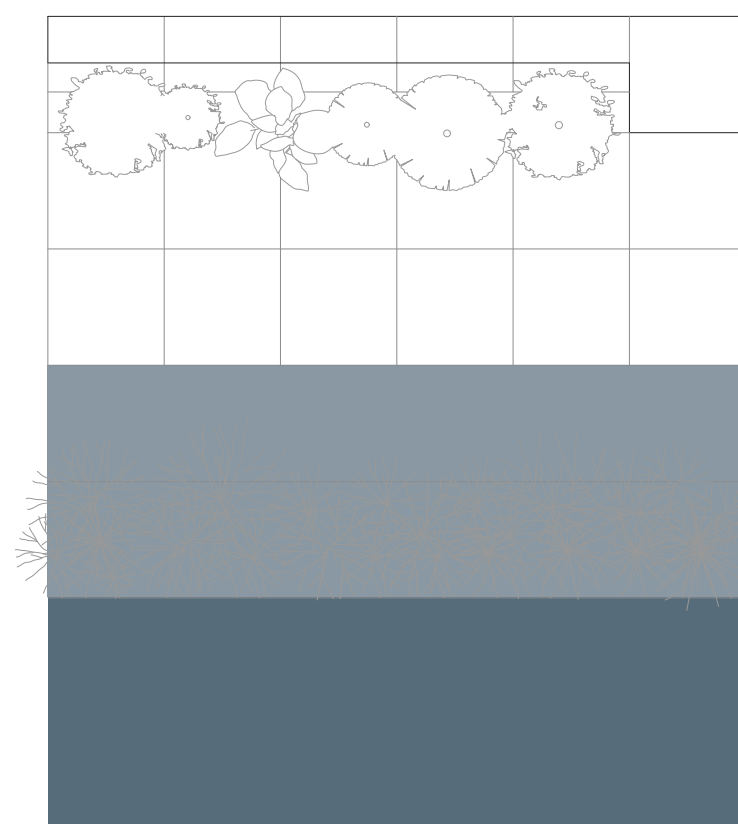
1m



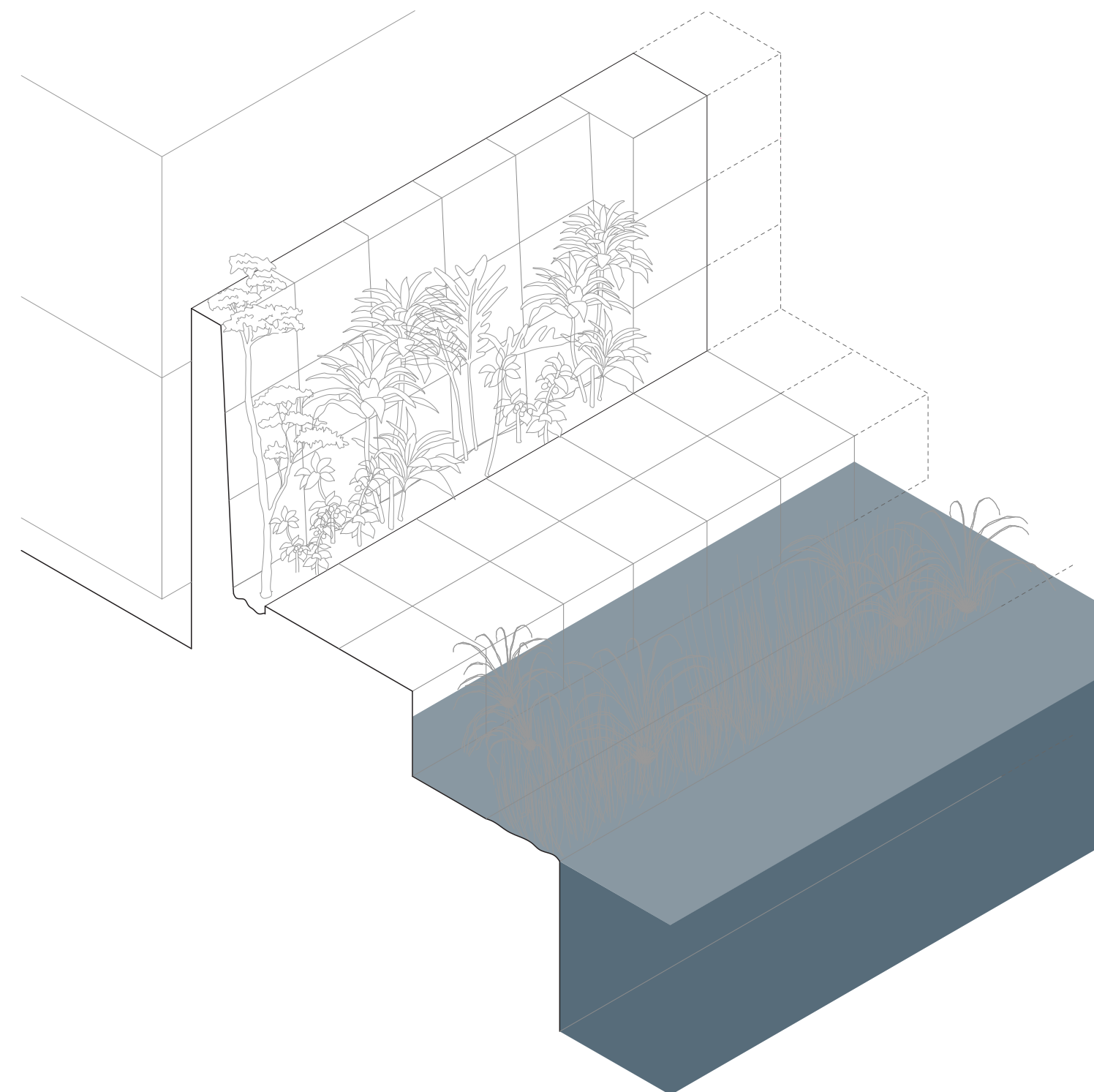
corte



alçado



planta



axonometria

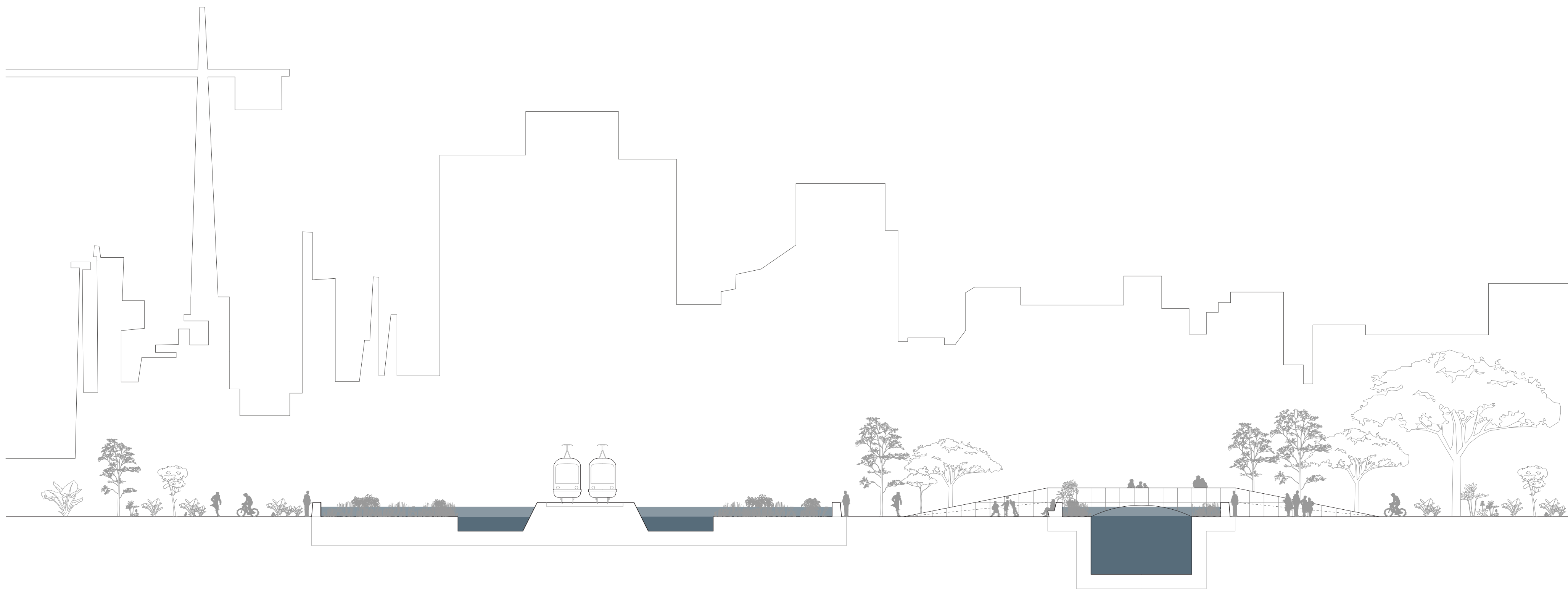


corte

59 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem, Canal, Corte.

CANAL

4m

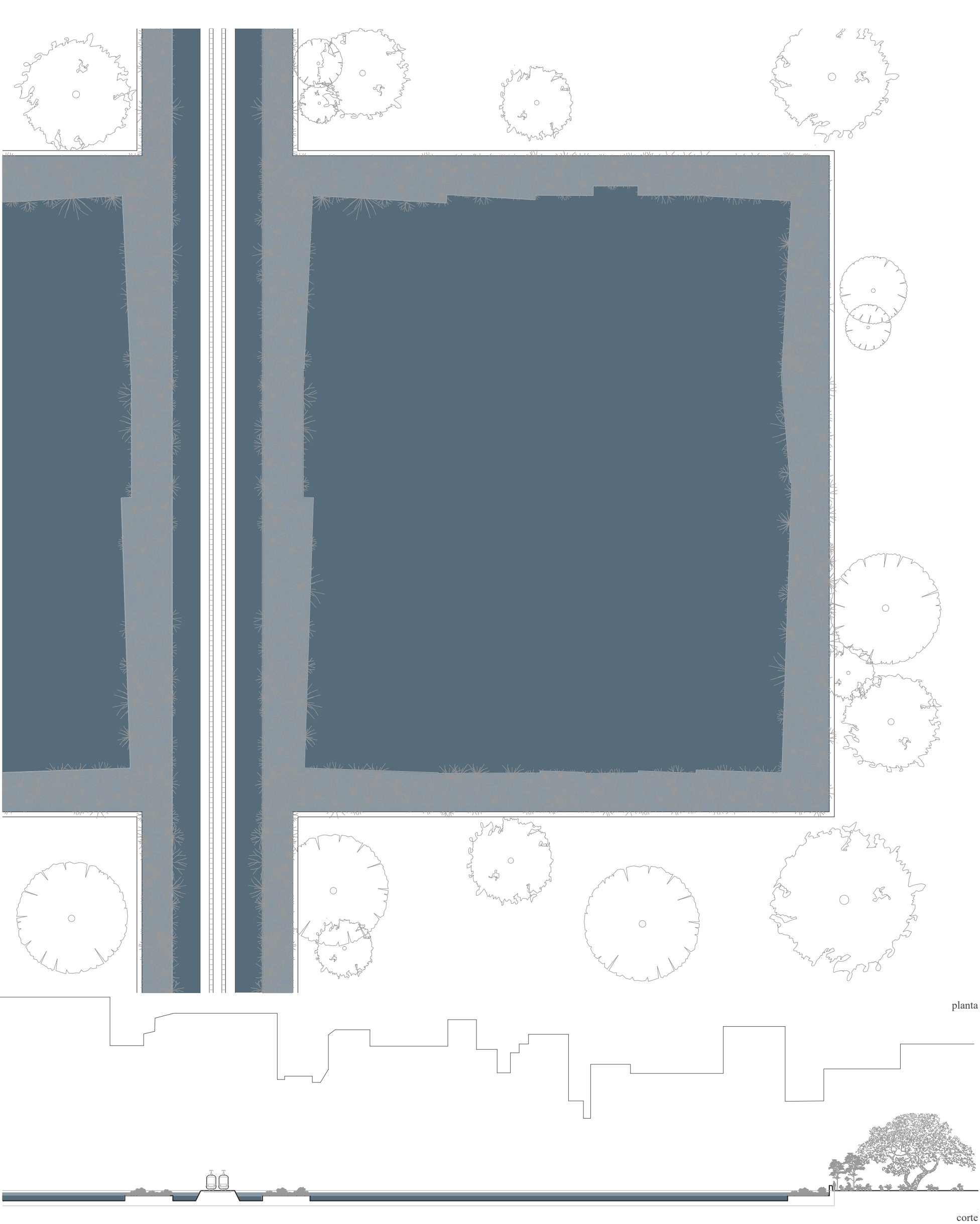


corte

60 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem, Ponte. Corte.

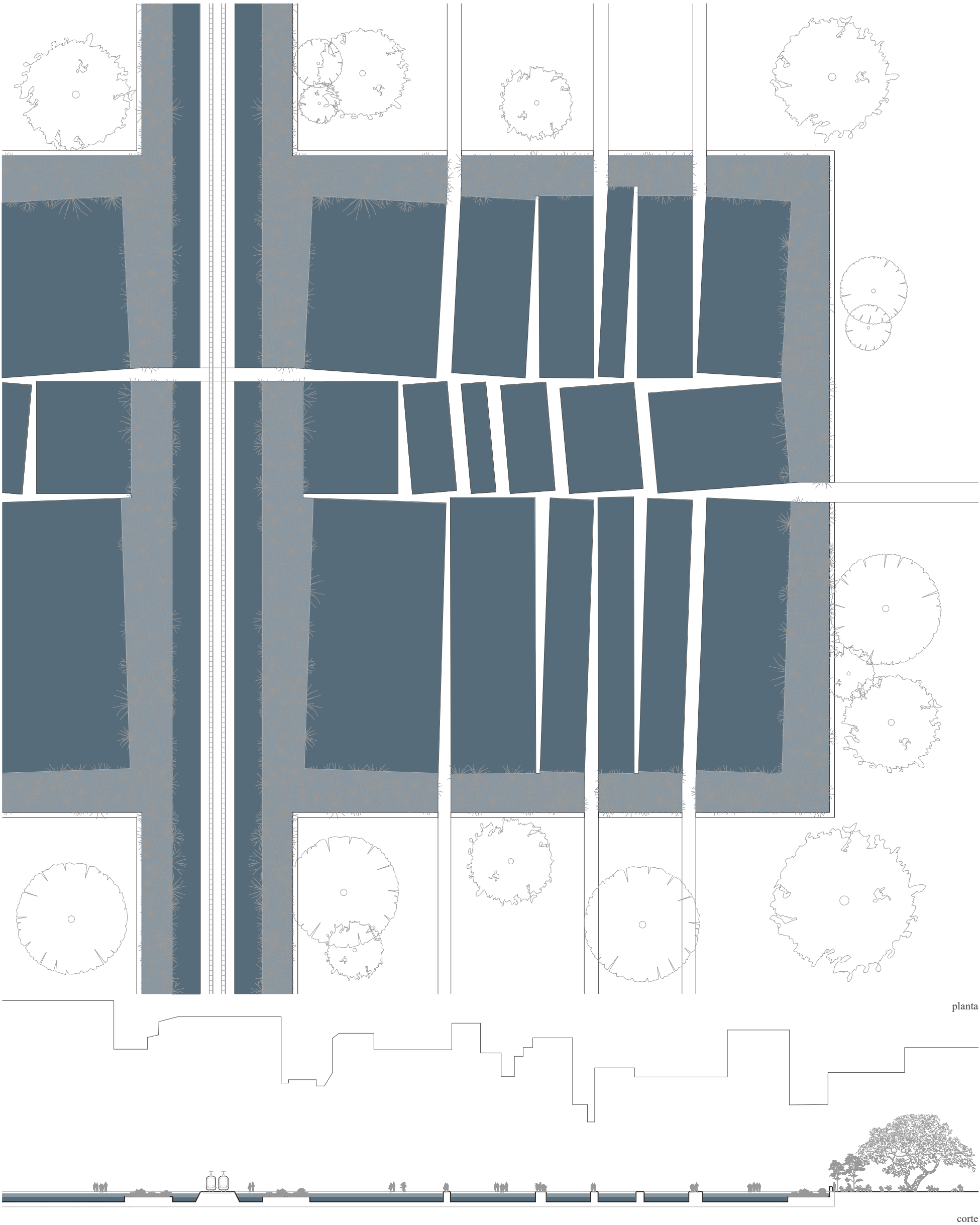
PONTE

4m



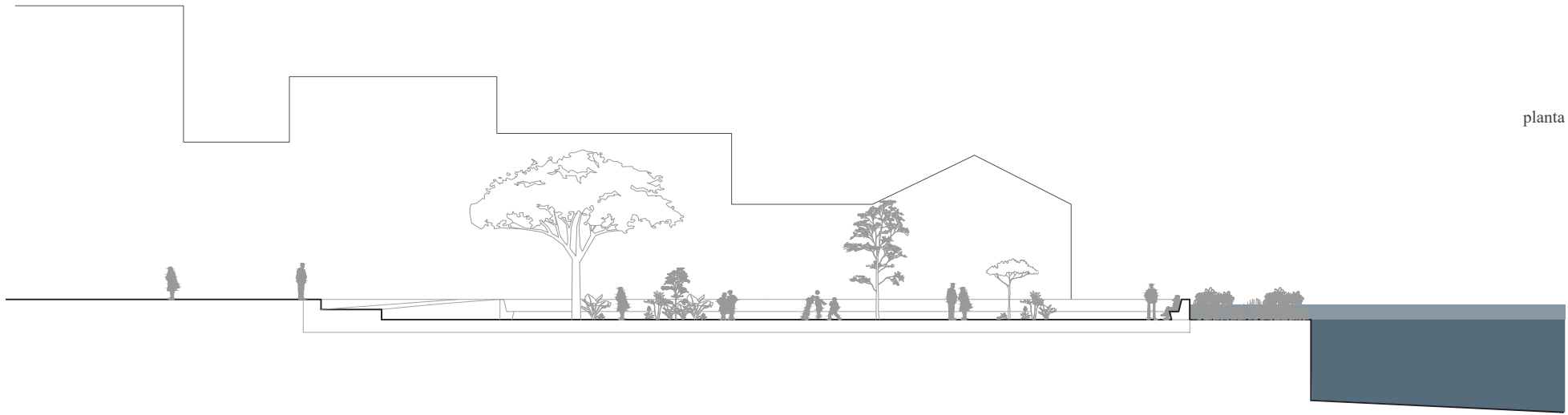
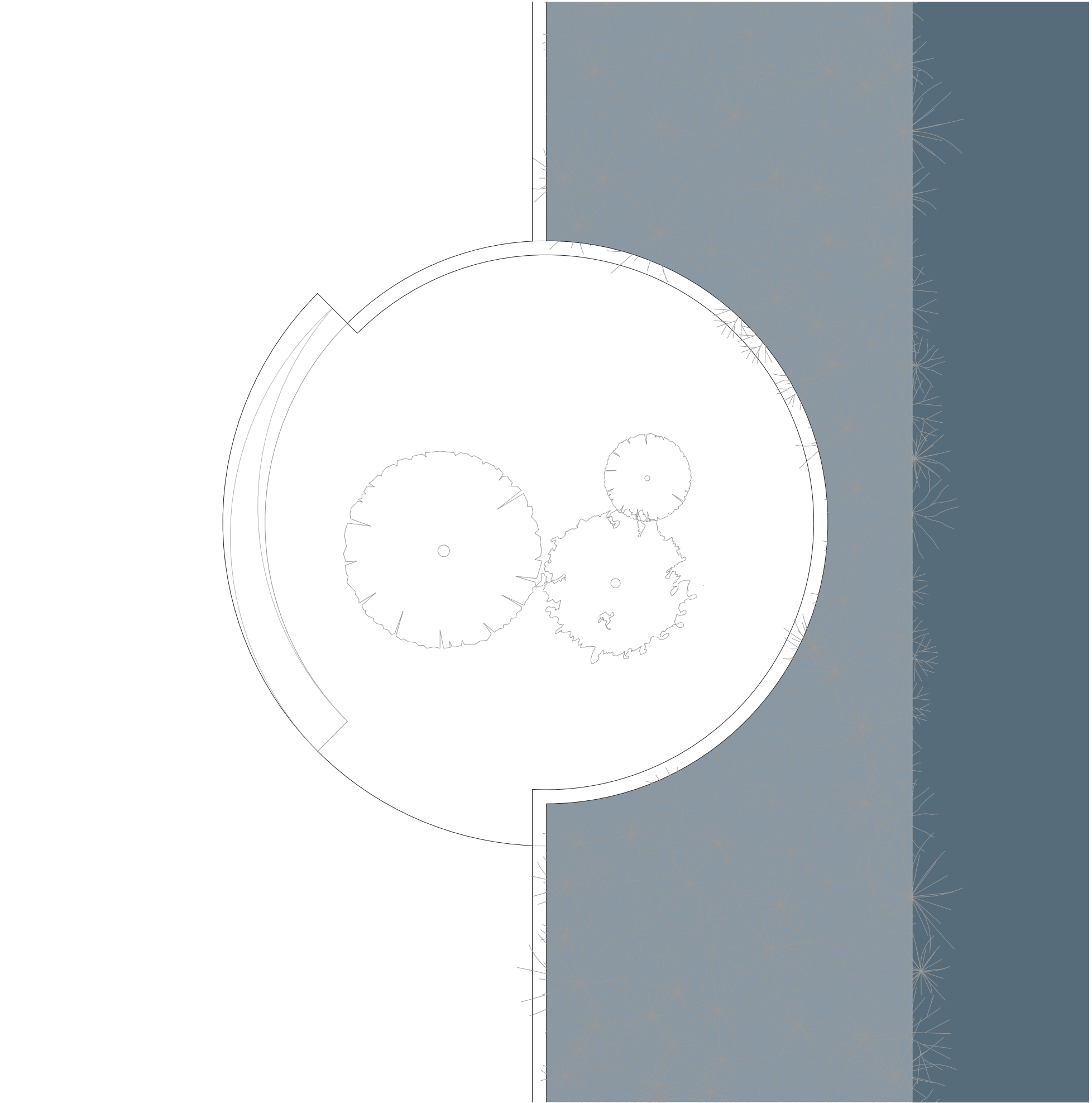
61 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem, Reservatório. Planta e Corte.

RESERVATÓRIO
ESCALA: 1/750



62 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem Passadiço. Planta e Corte.

PASSADIÇO
ESCALA: 1/750

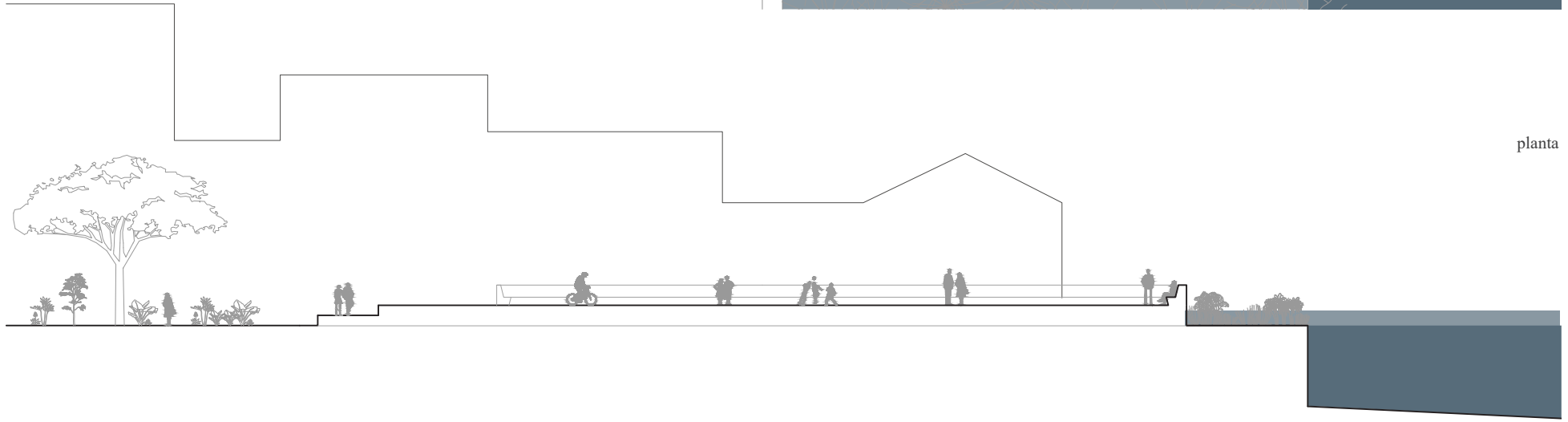
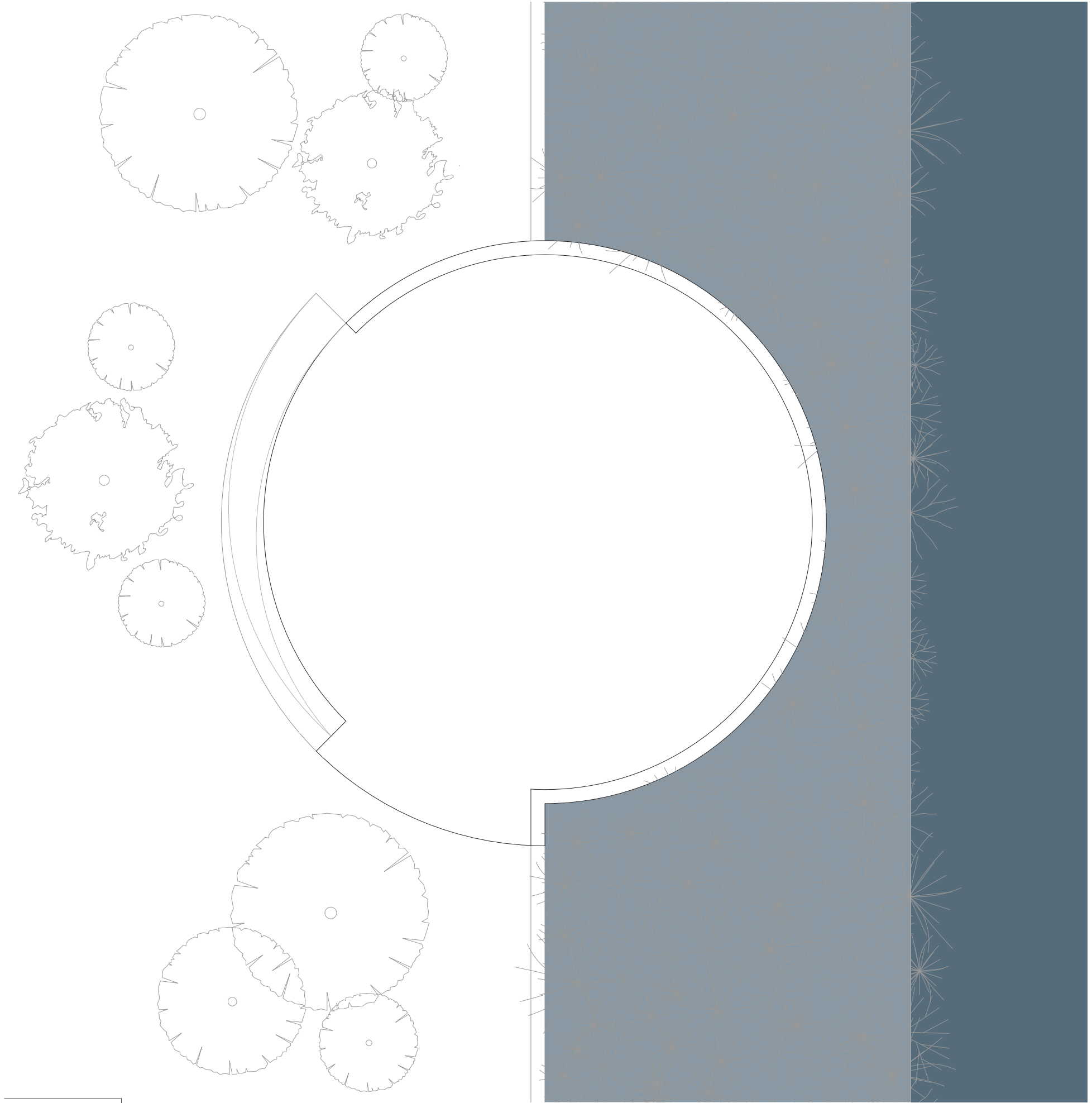


planta

corte

63 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem, Recinto. Planta e Corte.

RECINTO
ESCALA: 1/500

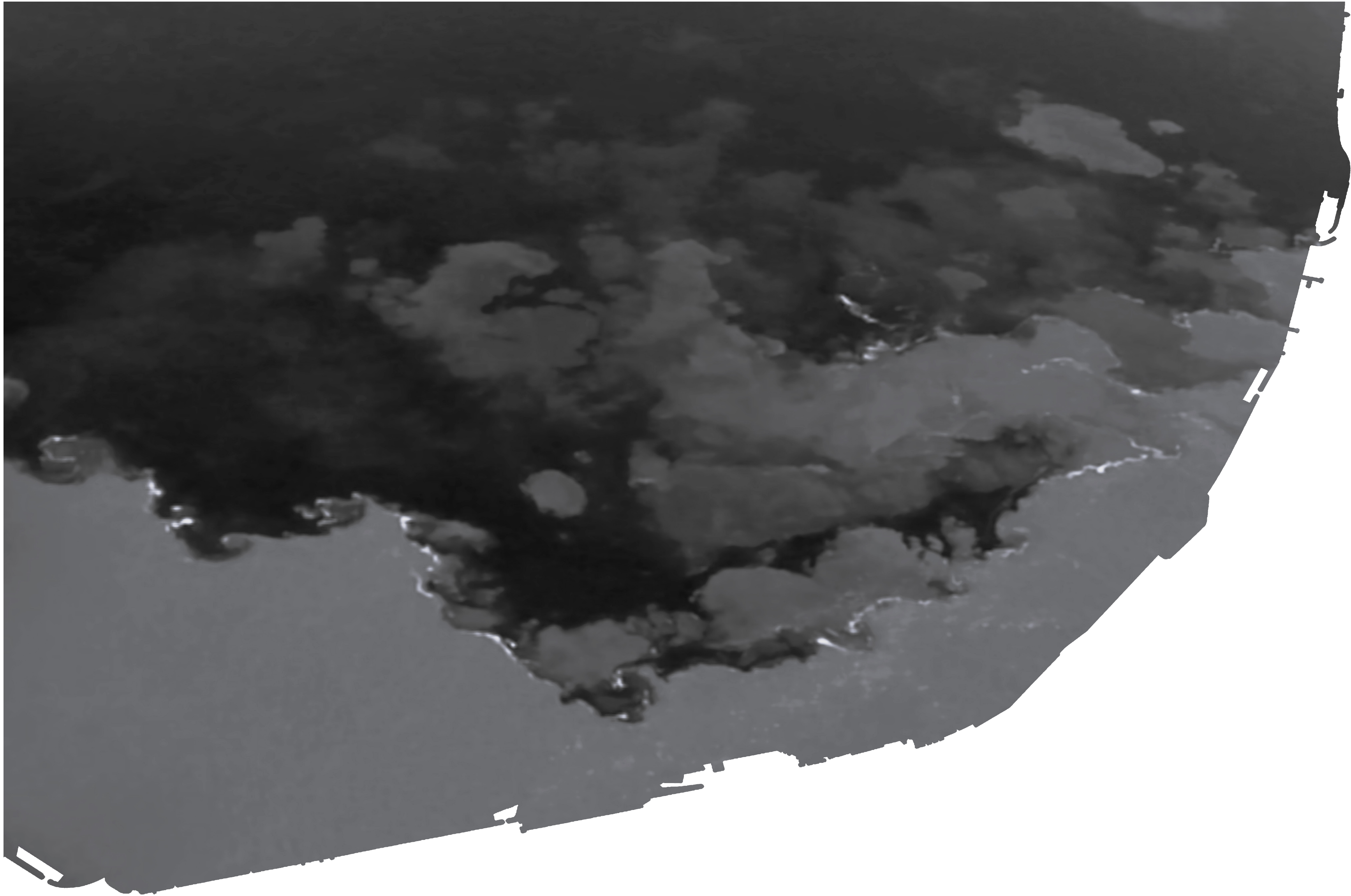


planta

corte

64 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem, Plataforma. Planta e Corte.

PLATAFORMA
ESCALA: 1/500



Enunciado

“É no anonimato do não-lugar que se experimenta solitariamente a comunidade dos destinos humanos.

AUGÉ, Marc. *op. cit.* 2005 [1992]. p. 65.

Eden⁸⁷ não é uma manifestação das escolhas pessoais do artista. Não há nada para ser decifrado. (...) é dado, um campo poético. O artista dá o campo e o visitante entra nele. (...) Nas palavras de Maurice Merleau-Ponty, ‘retornar ao Lugar, ao solo do sensível e aberto mundo tal como é na nossa vida e para o nosso corpo...’ (...) Todos os trabalhos em Édén são ‘lugares’ retirados de contingências especiais, da história, do tempo e colocados no plano do mito, o qual é uma consciência do viver desfrutado sem tempo pela imaginação (...).

BRETT, Guy – *Eden*. En: FIGUEIREDO, Luciano; PAPE, Lygia; SALOMÃO, Waly. *op. cit.* 1986 [1969].

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, inter-mezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e’. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix – *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol.1.* 1995 [1980].

Por que tão poucas construções modernas tocam nossos sentimentos, quando qualquer casa anônima numa velha cidadezinha ou o mais despretenso galpão de fazenda nos dá uma sensação de intimidade e prazer? Por que as fundações de pedra que descobrimos num campo de mato crescido, um celeiro desabado ou um hangar abandonado despertam nossa imaginação, enquanto as casas em que moramos parecem sufocar e reprimir nossos devaneios? As construções de nosso tempo talvez despertem curiosamente pela ousadia e criatividade, mas dificilmente provocam uma percepção do significado do mundo ou de nossa própria existência.

PALLASMAA, Juhani. *op. cit.* 2008 [1951]. p.486.

É a identificação das docas, dispostas ao longo da plataforma portuária/industrial, como pontos de um rizoma potencialmente espalhados por toda a extensão da margem ribeirinha de Lisboa. As características arquitetônicas das docas; recintos abertos exclusivamente ao rio; seu desenho de reentrância, os únicos pontos em que a lógica de domínio territorial do aterro, frente ao rio, é negada; o ritmo ao qual estão dispostas na plataforma; a sua função reguladora das marés e a sua função de conexão global e local; tornam as docas arquiteturas em espaços de fronteira por definição. O exercício arquitetônico aplicado para o território da

Doca do Poço do Bispo é capaz de contaminar as demais docas e disseminar a lógica de uma *Estratégia Fronteira* por toda a plataforma. Não se trata de replicar um modelo ou hierarquizar soluções arquitetônicas, visto que um rizoma não é replicável e muito menos hierárquico. Consiste em mapear

“Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza,

ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas”⁸⁸

É o mapeamento destes espaços; definir a ação a ser tomada junto a eles, CONTER, CONVIVER ou CEDER; identificar as condições geológicas; eleger os equipamentos arquitetônicos que vão operar sobre o lugar.



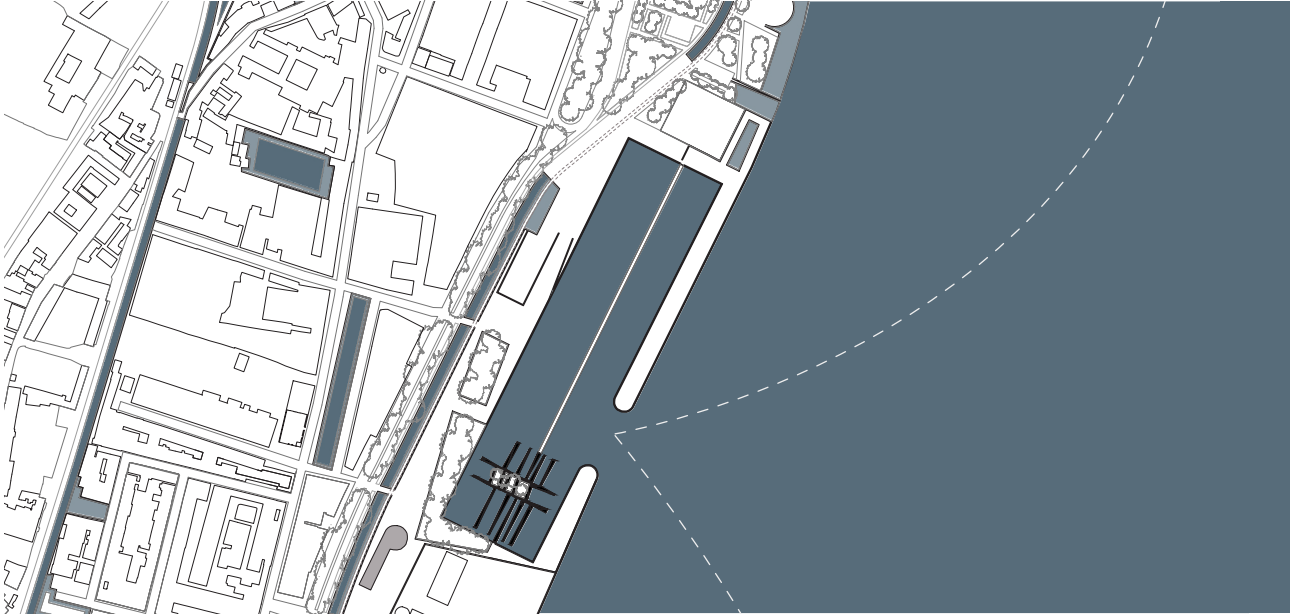
A margem do Tejo, 1ª Margem.

66 | CML Câmara Municipal de Lisboa — Cartografia histórica 1899-1948.



A margem de Lisboa, 2ª Margem.

67 | CML Câmara Municipal de Lisboa. Cartografia histórica 1950



A 3ª Margem.

68 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem Maré Alta 2050. Planta.

“as leis de combinação crescem então com a multiplicidade”⁸⁹.

Mais que definir intervenções no território é criar o mapa deste articulado com uma espécie de glossário de operações

arquitetônicas que permitam as dinâmicas construtivas necessárias para uma arquitetura rizomática como um lugar de fronteira.

⁸⁷ Édén é o nome de uma série de obras de Hélio Oiticica. [N. do A.].

⁸⁸ DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix – *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol.1.*

⁸⁹ *Ibidem*.



Epílogo

É possível extrair, das páginas anteriores, que, no âmbito do tema CIDADE | ÁGUA | HABITAR, a arquitetura é uma disciplina imanente ao lugar da fronteira.

Dos objetivos, da metodologia e dos resultados expostos em *ARQUITETURA, UM LUGAR DE FRONTEIRA. A margem do Tejo, a margem de Lisboa e a 3ª margem*, conclui-se, que:

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

1. O *Manifesto Fronteiriço* – Alessandro Sartore, 2022 É a convocatória para o entendimento da fronteira como um elemento não estável, cambiante e em constante ordenamento. E como a arquitetura se enquadra neste conceito disciplinarmente; diferente da definição de limite, cuja função é exatamente o desenho dos diversos ordenamentos da fronteira em determinados tempo, espaço e circuns-tância. Fronteira e limite não só sinônimos e sim comple-mentares, mais, são inerentes um ao outro.

Para tal a arte, como disciplina, é o fio condutor da argumentação do manifesto. Esta, busca, em todos os campos disciplinares humano, as condições para atuar em seu próprio campo.

É exatamente esta porosidade disciplinar que o manifes-to convoca para a arquitetura.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

2. *Metaesquema Vazio*

É o título do projeto que é o *Manifesto Fronteiriço* per-cepcionado em arquitetura. Atua na lógica do manifesto na seguinte sequencia:

2.1. Apropriação de uma obra – *Metaesquema*, 1958, Hélio Oiticica4 – inclusive do título.

2.2. Identificação do potencial espaço arquitetônico nesta e o desenho do vazio que define este espaço.

2.3. Implantação, pegada do edifício (planta de cober-tura), deste desenho do vazio arquitetônico no território, Doca do Poço do Bispo, Marvila, Lisboa.

2.4. Desenvolvimento do projeto arquitetônico segun-do o programa –

“suportes de vida com uma grande abertura”⁹⁰
— e as circunstâncias que afetam diretamente o edifício —

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

“**No dia 04 de janeiro de 2022 às 10h09 o nível da maré atingiu 0.4m e no dia 10 de setembro de 2022 às 15h17 chegou à 4.2m7, o que com o assoreamento do rio Tejo deixa a doca seca na maré baixa e o transbordo desta na maré alta**”⁹¹.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

2.5. Representação do projeto segundo todos os câno-nes arquitetônicos para fiel leitura deste como tal: planta de implantação, planta baixa, cortes, alçados, render, fotomontagem, maquetes etc.

Metaesquema Vazio é a verificação do manifesto em arquitetura. E traz a luz três ações fundamentais para o exercício da arquitetura como um lugar de fronteira:

CONTER, CONVIVER e CEDER.

3. FRONTEIRA:

No *Manifesto Fronteiriço* é definida como mediadora, mutável e dinâmica. Esta leitura é aplicável nos mais diversos campos do saberes humano, geometria, geogra-fia, geopolítica, arte etc. Na arquitetura também se faz pertinente, fundamental. Pode-se tomar a soleira como representação da fronteira –

“as propriedades de confinar um espaço, típicas de uma fronteira, são determinadas por suas aberturas, como Trakl intuiu poeticamente ao usar as imagens da janela, da porta e da solei-ra”⁹².
— o que separa o dentro e o fora. As soleiras podem variar entre espessuras mínimas e máximas, determinadas pela espessura das paredes que as recebem. Logo, quanto maior a espessura da parede maior o tempo na troca de espaços (dentro e fora), mais escura a travessia, mais silenciosa, mais úmida, ou seja, uma fronteira é na sua essência um lugar háptico.

Ao longo desta dissertação o conceito de arquitetura como lugar de fronteira (*lato sensu*) é exposto por meio de analogias que geram uma estratégia: *Estratégia Fronteiri-ça*. Composta por cinco pontos inerentes a arquitetura:

A linha – elemento representativo da analogia que tece estes cinco pontos (conceitos).

3.1. *Espaço liso* (Deleuze e Guattari) / paisagem não humanizada (*Estratégia Fronteiriça*), o rio (exemplo): Uma paisagem não humanizada é dotada de seu estatuto próprio, indeterminado, não submetido a nenhum outro, é puro fluxo.

3.2. *Espaço estriado* (Deleuze e Guattari) / paisagem humanizada (*Estratégia Fronteiriça*) a cidade (exemplo): Uma paisagem humanizada é invariavelmente submetida ao estatuto da arquitetura.

3.3. *Máquina de guerra* (Deleuze e Guattari) / potência não disciplinar (*Estratégia Fronteiriça*), o fluxo (exem-plo): Uma potência não disciplinar é a força da exteriori-dade, que rompe o sistema vigente, da imprevisibilidade, o que obriga uma nova reorganização. A força inerente ao

nômade, onde o percurso é mais precioso, ou seja, a linha subordina os pontos de partida e chegada.

3.4. *Aparelho de Estado* (Deleuze e Guattari) / potência disciplinar (*Estratégia Fronteiriça*), a disciplina (exem-plo): A potência disciplinar é a força do dentro, do siste-ma, da previsibilidade, da organização e da reorganização. A força inerente ao povo sedentário, onde a partida e a chegada são mais preciosas, ou seja, os pontos subordi-nam a linha.

3.5. *Rizoma* (Deleuze e Guattari) / *Operação de Fron-teira* (*Estratégia Fronteiriça*), a arquitetura (exemplo): O rizoma se espraia por natureza, é multidirecional capaz de se regenerar de qualquer fissura em qualquer ponto. Se expande por linhas de fuga e torna a se espraiar.

É no conflito que reside a maior potência da fronteira: a capacidade de se fazer e desfazer, de se interpretar e reinterpretar.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

4. LUGAR:

É o espaço ocupado ou que pode ser ocupado por um corpo, uma construção (arquitetura) que articula um de-terminado ponto habitado (em que está alguém), segundo este estância e circunstância, uma localidade.

Construir e habitar são indissociáveis. Habitar é estar no mundo, muito além do sentido da habitação como mora-dia, construir é próprio do homem, logo, habitar é como o homem está no mundo em estância e circunstância¹⁷². A fundação do lugar se dá no artefato arquitetônico edificado em um espaço; é o lugar que gera espaços determinados, é a arquitetura construída/habitada pelo homem, sob deter-minadas circunstâncias, que determina o lugar.

Arquitetura como lugar de fronteira é a articulação destes dois conceitos, fronteira e lugar, necessariamente concretizados no fazer arquitetônico. Fazer este que gera na organização de ambos uma estratégia arquitetônica pró-pria: *Estratégia Fronteiriça*. Nesse sentido, sua aplicação, tendo como premissas as ações de CONTER, CONVI-VER e CEDER é plenamente justificável.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

5. A MARGEM DO TEJO: 1ª MARGEM, é o primeiro marco temporal.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

métrico e das grandes superfícies impermeáveis de solo das cidades, que inviabilizam a cidade consolidada cada vez mais desaparecimento de biomas importantes para regulação da flora e fauna existente no estuário do Tejo ou de dentro sociais, econômicas e humanitárias.

É nesta urgência que uma *estratégia fronteiriça* faz total sentido.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

7. A 3ª MARGEM:

Uma elevação mínima, de 10cm que seja, do nível do Tejo obriga uma convivência diária com uma lâmina de água sobre a plataforma em toda a sua extensão; aden-trando no território até a cota +5m, que passaria a ser, ou voltaria a ser, de certa forma, a cota de segurança.

Este cenário é um programa arquitetônico em concreto; com demandas socioeconômicas, ambientais e políticas, quer sejam pela cidade – *espaço estriado* / paisagem hu-manizada – quer sejam pelo rio – *espaço liso* / paisagem não humanizada.

O ponto de partida para a implantação desta estratégia arquitetônica é novamente o *Manifesto fronteiriço*. Olhar de fora da disciplina (arquitetura) apropriar-se de discipli-nas outras e efetivá-las disciplinarmente em arquitetura.

É na literatura, precisamente no célebre conto *A terceira margem do rio* de Guimarães Rosa que esta o *nó* e a *linha de fuga* que dá origem ao *rizoma* proposto como arquite-tura para este território.

Estratégia fronteiriça:

7.1 Novamente a apropriação do título de uma obra, com o rio como elo.

7.2 Guimarães Rosa é um maiores escritores do séc. XX, sua obra é portadora de tamanha percepção humana regionalista, o homem do sertão brasileiro, que se faz reverberar universalmente, ou seja, o homem em sua essência em qualquer lugar

7.3 No conto A terceira margem do rio o personagem funda no leito do rio uma possibilidade de lugar.

7.4 A 1ª MARGEM. O TEJO: CEDER; *paisagem não humanizada*:

7.5 A 2ª MARGEM. LISBOA: CONTER; *paisagem humanizada*:

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

7.5 A 3ª MARGEM: CONVIVER;

rizoma:

Guimarães Rosa descreve, através da ficção, o lugar arquitetônico. Quando a canoa (construção/arquitetura), é ocupada (habitada), pelo pai (indivíduo), no leito do rio (espaço) funda um lugar específico no rio, um *lugar de fronteira*; o rio é o arquétipo de fronteira.

O desenho arquitetônico consiste num único gesto; uma linha contínua reguladora que define e edifica espaços. É uma linha de fuga que percorre o toda a plataforma portu-ária/industrial, o espaço fronteiriço; ora com a função de CONTER as água (do rio e das chuvas); ora com a função de CONVIVER, através da regulação do acesso das água; ora com a função de CEDER terreno à água, dentro do território.

É o desenvolvimento de um sistema que parte de um “*nó*”, um ponto, e vai se desdobrando em *linhas de fuga*, artefatos arquitetônicos: bancos, guardas, muros, canais, pontes, reservatórios, passadiços, recintos, plataformas etc. Estes articulam se entre si e com o edificado existente. Definem a que mundo cada gesto pertence: CONTER, CONVIVER ou CEDER.

O desenho da *linha de fuga*, que vai revelando tais equipamentos arquitetônicos, ora tende para a paisagem não humanizada (rio), ora tende para a paisagem huma-nizada (cidade), e em determinados momentos atua como mediador de ambas; na medida em que, em lugares espe-cíficos do território, cria condições de convivência entre os mundos da cedência, o Tejo, e o mundo da contenção Lisboa; é o assumir do caráter mutante da fronteira como fator construtivo.

Não há um edifício, no sentido convencional, a ser im-plantado, mas uma *linha de fuga* construída que determina o dentro e o fora. Contudo, a relação entre o já edificado e a *linha de fuga* torna-se umbilical, onde, a linha deter-mina o caráter da permanência do edifício preexistente; preserva o uso, imprime novo uso, possibilita o uso ou ativa o reuso.

Salvo o edifício *Metaesquema Vazio*, a única constru-ção “convencional”, cuja a função primeira é lançar luz sobre a Doca do Poço do Bispo como um catalisador da *estratégia fronteiriça* para todo a plataforma ribeirinha de Lisboa.

O Manifesto Fronteiriço, 2022, de Alessandro Sartore.

8. ENUNCIADO:

É a identificação das docas, dispostas ao longo da plataforma portuária/industrial, como *nós* de *rizomas* potencialmente espalhados por toda a extensão da margem ribeirinha de Lisboa.

Mais que definir intervenções no território é criar o mapa deste articulado com uma espécie de glossário de opera-ções arquitetônicas que permitam as dinâmicas construtivas necessárias para uma arquitetura como um *lugar de fronteira*.

^[1] MATEUS, Manuel Aires. Op. cit.

^[2] MARINHA, Instituto Hidrográfico - Op. cit. 2022.

^[3] TRAKL, Georg - Op. cit. Cit. por: NORBERG-SCHULZ, Christian – Op. cit. 2008 [1976], p.446.

Fontes

Bibliografia

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS — *João Guimaraes Rosa, biografia*. [Em linha] Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/biografia [Consultado em 29 de setembro de 2023].

ANTUNES, Andreia Rente — “REDESENHAR MAR-VILA. Pensar o Museu-Fluviário do Tejo. Coimbra. 2022. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia. Disponível em: http://hdl.handle.net/10316/101838. [Consultado em 29 de setembro de 2023].

ARISTÓTELES — Física. Cit. por. OBSERVATÓRIO GEOGRÁFICO DE AMÉRICA – A ONTOLOGIA COSMOLÓGICA ARISTOTÉLICA. [Em linha] Disponível em: http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal16/Teoriaymetodo/Geografiahistoricaehistoriadelageografia/01.pdf. [Consultado em 29 de setembro de 2023]

AUGÉ, Marc — NÃO-LUGARES: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade. [Tradução: Miguel Serras Pereira]. Lisboa: 90 Graus Editora. 2005 [1992]. ISBN 972-8964-02-1

BARREIRO, Gabriel Pérez. Fundação Bienal do Mecosul, VI Bienal do Mercosul. [Em linha] Disponível em: http://www.fundacaobienal.art.br/bienais/6%C2%AA-Bienal-do-Mercosul>. [Consultado em 29 de setembro de 2023]

BIRD, James. Cit. por. RIAL, Mariana Fontes Perez – Cidade – porto: dinâmicas espaciais e planejamento infra-urbano. 2008. RIAL, Mariana Fontes Perez — Cidade - porto: dinâmicas espaciais e planejamento infra-urbano. São Paulo. 2008. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, apresentada à FAU-USP Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-24032010-112532/publico/marianafontesdissertacao.pdf. [consultado em 17 de abril de 2023].

BRECHT, Bertolt — Sobre a violência. Em: POEMAS 1913-1956. seleção: SOUZA, Paulo César. [Tradução: Paulo César Souza]. p. 140. São Paulo. Editora 34. 2000 [1967].

BRETT, Guy — Éden. Em: FIGUEIREDO, Luciano; PAPE, Lygia; SALOMÃO, Waly – Aspiro ao grande labirinto / Hélio Oiticica. Rocco: Rio de Janeiro, 1986 [1969]. Monografias USP-FAU 709.0481 O18A.

CAMPOS, Martha Machado; FIM, Mineli, SORTE, Nathalia Spala — Infraestrutura dos portos - Herança cultural da cidade. Arqutextos 214.04 patrimônio ano 18, mar. 2018. Em: Vitruvius. [Em Linha]. https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/18.214/6937. [Consultado em 26 de março de 2023].

CESAR, Marisa Flório — Prefácio. Em: HOUAYEK, Hugo – Pintura como ato de fronteira: o confronto entre a pintura e o mundo. 2011. p. 9.

CLÉMENT, Gilles — Manifesto da terceira paisagem. Fragmento indeciso do jardim planetário. [Tradução: Lúcia Leistner]. 2022 [2004]. [Em linha] Disponível em: https://maisondeseditions.fr/tp/pt.php. [Consultado em 24 de setembro de 2023]. ISBN 978-2-9566344-8-5

CRUZ, João Pedro Pereira. A cidade e o rio: origem e evolução da frente ribeirinha de Lisboa. Évora. 2016. Dissertação de mestrado - Arquitetura, apresentada ao Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora. Disponível em: http://hdl.handle.net/10174/18756. [Consultado em 29

de setembro de 2023]

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix — Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol 1. Rio de Janeiro. coleção TRANS. Editora 34. 1995 [1980]. [Em linha] Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6513185/mod_resource/content/1/Mil%20plato%CC%82s%20capitalismo%20e%20esquizofrenia%20Vol%201%20by%20Gilles%20Deleuze%20%28z-lib.org%29.pdf. [Consultado em 29 de setembro de 2023]. ISBN 85-85490-49-7.

_____. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol 5. Rio de Janeiro. coleção TRANS. Editora 34. 1995 [1980]. [Em linha] Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6513258/mod_resource/content/1/Mil%20plato%CC%82s%20capitalismo%20e%20esquizofrenia%20Vol%205%20by%20Gilles%20Deleuze%20%28z-lib.org%29.pdf. [Consultado em 29 de setembro de 2023] ISBN 85-7326-057-2.

DGPC, Direção-Geral do Património Cultural — Norte Júnior - Itinerários 1905 - 1929 Lisboa | Graça a Poço do Bispo | Edifício da Abel Pereira da Fonseca. [Em Linha] Disponível em: https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/itinerarios/norte-junior-itinerarios-1905-1929/graca-poco-bispo-lisboa-edificio-da-abel-pereira-da-fonseca. [consultado em 22 de setembro de 2013].

DURÃO, Vitor Carlos Marques — Análise Urbana de Territórios Construídos Os Aterros na Baixa e na Frente Ribeirinha de Lisboa, Portugal. Revista da Gestão Costeira Integrada 12(1):17-30 (2012). Lisboa. 2012. [Em linha] Disponível em: https://www.aprh.pt/rgeci/pdf/rgeci-288_Durao.pdf. [Consultado em 29 de Setembro de 2023]

"fronteira", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [Em linha], 2008-2023, https://dicionario.priberam.org/fronteira. [Consultado em 20 de setembro de 2023].

GALLARDO, Laura Frias; — Lugar/No-Lugar/Lugar en la Arquitectura Contemporánea. Madrid. 2012. Thesis (Doctoral) em arquitetura, apresentada ao Departamento Ideación Gráfica Arquitectónica da Universidad Politécnica de Madrid. Disponível em: https://doi.org/10.20868/UPM.thesis.10903. [Consultado em 29 de setembro de 2023]. "fronteira", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [Em linha], 2008-2023, https://dicionario.priberam.org/fronteira. [Consultado em 20 de setembro de 2023].

GULLAR, Ferreira et al — Manifesto Neoconcreto. Jornal do Brasil. Suplemento Dominical. 15 de março de 1959. [Em linha] Disponível em: http://www.dopropriobolso.com.br/index.php/cultura-geral-80603/47-textos-escolhidos/2214-manifesto-neoconcreto-1959. [Consultado em 29 de setembro de 2023].

MEYER, Hans. Cit. por: CAMPOS, Martha Machado; FIM, Mineli, SORTE – Infraestrutura dos portos – Herança cultural da cidade. Arqutextos 214.04 patrimônio ano 18, mar. 2018. Em: Vitruvius. [Em Linha]. https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/18.214/6937. [Consultado em 26 de março de 2023].

HEIDEGGER, Martin — Construir, habitar, pensar. Em: HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências. [Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback]. 8. ed. p. 124-141. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012 [1951]. ISBN 978-85-326-2638-7

HOUAYEK, Hugo — Pintura como ato de fronteira: o confronto entre a pintura e o mundo. Rio de Janeiro. Apicuri, 2011. ISBN 978-85-326-2638-7

JESUS, Marcos Paulo Alves de — CONSIDERAÇÕES SOBRE O HABITAR NO PENSAMENTO DE MARTIN

HEIDEGGER. “Existência e Arte” - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei. Ano III. Número III. Janeiro a dezembro de 2007. [Em linha] Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/2_Edicao/CONSIDERACOES%20SOBRE%20O%20HABITAR%20COTIDIANO%20NO%20PENSAMENTO%20DE%20MARTINMarquinhos.pdf. [Consultado em 29 de setembro de 2023]

LIMA, Jorge de — A Invenção de Orfeu. Canto primeiro II. Em: Jorge de Lima. Obra completa vol. I. organização: COUTINHO, Afrânio. Rio de Janeiro. Editora José Aguilar Ltda. 1959.

"lugar", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [Em linha], 2008-2023, https://dicionario.priberam.org/lugar. [Consultado em 20 de setembro de 2023].

MARINHA, Instituto Hidrográfico — Tabela de marés 2022. Lisboa. 2021. Disponível em: https://www.hidrografico.pt/tabelamares. [consultado em 08 de setembro de 2023].

MARTINS, José de Souza — Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano. Cit. por: SOUZA, Edson Belo Clemente de; GEMELLI, Vanderléia — Território, região e fronteira: análise geográfica integrada da fronteira Brasil/Paraguai. REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS. V.13 N.2. p.101-116. Novembro de 2011. [Em linha] Disponível em: https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/397 [Consultado em 29 de setembro de 2023]. p.104.

MATEUS, Manuel Aires — building Pictures | Architecture: Films and Podcasts. Em: building_pictures. Disponível em: https://1.instagram.com/?u=http%3A%2F%2Flinktr.ee%2Fbuildingpictures%2F&e=AT09ARmvmEGd-6zkPAXgtl34vcyix_3PmCOkr6aVwjprk30qKEAbTQj-f-TjuS11NYUkvwOC69vMUSAbWid0XYqjbXpeFmt-obsWaeeA. [consultado em 28 de julho de 2022]

NESBITT, Kate — Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995), [Tradução: Vera Pereira.] São Paulo: Cosac Naify. 2ª ed. rev. 2008. ISBN 978-85-7503-599-3

NORBERG-SCHULZ, Christian — O fenômeno do lugar. Em: NESBITT, Kate, Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995), [Tradução: Vera Pereira.] São Paulo: Cosac Naify. ed. rev. p. 443-461. 2008. [1976]. ISBN 978-85-7503-599-3

_____. O pensamento de Heidegger sobre arquitetura. Em: NESBITT, Kate - Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995), [Tradução: Vera Pereira.] São Paulo: Cosac Naify. ed. rev. p. 462-474. 2008. [1983]. ISBN 978-85-7503-599-3

OBSERVATÓRIO GEOGRÁFICO DE AMÉRICA LATINA — A ONTOLOGIA COSMOLÓGICA ARISTOTÉLICA. [Em linha] Disponível em: http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal16/Teoriaymetodo/Geografiahistoricaehistoriadelageografia/01.pdf. [Consultado em 29 de setembro de 2023] OITICICA, Hélio — 21 de janeiro de 1961. Em: FIGUEIREDO, Luciano; PAPE, Lygia; SALOMÃO, Waly — Aspiro ao grande labirinto / Hélio Oiticica. Rocco. p.26 Rio de Janeiro. 1986. Monografias USP-FAU 709.0481 O18A. _____. Julho de 1966. Posição e programa. Programa Ambiental. Em: FIGUEIREDO, Luciano; PAPE, Lygia; SALOMÃO, Waly – Aspiro ao grande labirinto / Hélio Oitica. Rocco. Rio de Janeiro. p.77-83. 1986. Monografias USP-FAU 709.0481 O18A.

_____. A transição da cor do quadro para o espaço e o sentido de construtividade. Em: FERREIRA, Glória & CO-TRIM, Cecília – Escritos de artistas: 60/70. [Tradução: Pedro Sussekind et al.]. Zahar, Rio de Janeiro. 2006 [1962].

_____. Esquema geral da Nova Objetividade. Em: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília – Escritos de artistas: 60/70. [Tradução: Pedro Sussekind et al.]. Zahar, Rio de Janeiro. 2006 [1967].

ONU, Nações Unidas — Relatório da ONU revela aumento alarmante nos efeitos da mudança climática. News Perspective Global Reportagens Humanas. 2023 [em linha] Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2023/04/1813222. [Consultado em 15 de junho de2023].

PALLASMAA, Juhani — A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. Em: NESBITT, Kate — Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995), [Tradução: Vera Pereira.] São Paulo: Cosac Naify. ed. rev. p. 482-489. 2008. [1986]. ISBN 978-85-7503-599-3

PORTO DE LISBOA — Porto-Cidades. Relação Porto-Cidade, uma inevitabilidade. APL Administração do Porto de Lisboa. 2023. Disponível em: https://www.portodelisboa.pt/porto-municipio. [consultado em 23 de setembro de 2023].

_____. Memória Institucional... de montante para o presente, uma inevitabilidade. APL Administração do Porto de Lisboa. 2023. Disponível em: https://www.portodelisboa.pt/memoria-institucional. [consultado em 23 de setembro de 2023].

RAMIRES, Vera Alves Ribeiro — Revitalização do porto de Lisboa: miradouro sobre um terminal de carga. Lisboa. 2023. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, apresentada ao Departamento de Arquitetura da UAL- Universidade Autónoma de Lisboa “Luís de Camões”. Disponível em: http://hdl.handle.net/11144/6088. [Consultado em 29 de setembro de 2023].

RIAL, Mariana Fontes Perez — Cidade - porto: dinâmicas espaciais e planejamento infra-urbano. São Paulo. 2008. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, apresentada à FAU-USP Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-24032010-112532/publico/marianafontesdissertacao.pdf. [consultado em 17 de abril de 2023].

ROSA, João Guimarães — A terceira margem do rio. Em: Primeiras estórias / João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira. 1. ed. especial. p. 77-82. 2005 [1962]. ISBN 97-85-209-1798-5

ROSSI, Aldo - Autobiografia científica. [Tradução: José Charters Monteiro]. Lisboa, EDIÇÕES 70, LDA. 2013 [1981]. ISBN 978-972-44-1747-9

STAROBINSKI, Jean. Cit. por: AUGÉ, Marc — NÃO-LUGARES: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade. [Tradução: Miguel Serras Pereira]. Lisboa: 90 Graus Editora. 2005 [1992]. ISBN 972-8964-02-1*Op. cit.* 2005 [1992]. p. 65.

SOUZA, Edson Belo Clemente de; GEMELLI, Vanderléia — Território, região e fronteira: análise geográfica integrada da fronteira Brasil/Paraguai. REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS. V.13 N.2. p.101-116. Novembro de 2011. [Em linha] Disponível em: https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/397 [Consultado em 29 de setembro de 2023].

TRAKL, Georg - Uma noite de inverno. Cit. por. NORBERG-SCHULZ, Christian – O fenômeno do lugar. Em: NESBITT, Kate, Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995), [Tradução: Vera Pereira.] São Paulo. Cosac Naify. 2ª ed. rev. p. 443-461. 2008. [1976]. ISBN 978-85-7503-599-3. 2008 [1976]. p.446.

Iconografia

Imagem 1 | *Mom’s postcard*, Alessandro Sartore. Manipulação digital sobre apropriação de imagens de trabalhos de Bernd & Hilla Becher [Water Towers 1988] e Hiroshi Sugimoto [Adriatic Sea, Gargano I 1990]. Fonte adicional disponibilizada por: Moma em : https://www.moma.org/collection/works/49624 e https://www.moma.org/collection/works/48275?artist_id=5721&page=1&sov_referer=artist.10x15cm. Acervo do autor. 2022.

Imagem 2 | Alessandro Sartore. Esquema 1, 2023.

Imagem 3 | Alessandro Sartore. Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. Fotografia digital. Acervo do autor. 2022.

Imagem 4 | Joseph Kosuth – *One and Three Chairs*. 1965. Fonte adicional disponibilizada por: Moma em: https://www.moma.org/collection/works/81435. Acervo do autor. 2022.

Imagem 5 | Oiticica, Hélio — Metaesquema. 1958. guache sobre cartão, 39,3 x 57,3 cm. Fundación Malba Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina. Fonte adicional disponibilizada por Malba Museo em: https://coleccion.malba.org.ar/en/metaesquema-2/.

Imagem 6 | Alessandro Sartore & Malenga — Metaesquema Vazio. desenho digital. 2023.

Imagem 7 | Alessandro Sartore — Desenvolvimento. 2022. Desenhos digitais sobre Metaesquema, 1958, Hélio Oitica, 57,3 x 39,3 cm. Fonte adicional disponibilizada por Malba Museo em: https://coleccion.malba.org.ar/en/metaesquema-2/.

Imagem 8 | Alessandro Sartore & Malenga — Metaesquema Vazio. Implantação. Desenho digital. 2023.

Imagem 9 | Alessandro Sartore & Hugo Charrua — Metaesquema Vazio. Render. 2022.

Imagem 10 | Alessandro Sartore — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. Fotografia digital. Acervo do autor. 2022.

Imagem 11 | Alessandro Sartore & Malenga — Metaesquema Vazio, planta e corte. Desenho digital. 2023.

Imagem 12 | EBC Empresa Brasil de Comunicação — Encontro das águas dos rios Negro e Solimões. 2023. Fonte adicional disponibilizada por EBC Empresa Brasil de Comunicação em: https://tvbrasil.ebc.com.br/novaamazonia/episodio/nova-amazonia-investiga-o-encontro-das-aguas-dos-rios-negro-e-solimoes

Imagem 13 | Alessandro Sartore — Esquema 3. Gráfico digital. 2023.

Imagem 14 | Alessandro Sartore — Lugar. 2023. Desenho digital sobre imagem, EBC Empresa Brasileira de Comunicação. Fonte adicional disponibilizada por EBC Empresa Brasil de Comunicação em: https://tvbrasil.ebc.com.br/novaamazonia/episodio/nova-amazonia-investiga-o-encontro-das-aguas-dos-rios-negro-e-solimoes

Imagem 15 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

Imagem 16 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

Imagem 17 | Alessandro Sartore — 1ºmargem. 2023. Desenho digital sobre imagem, EBC Empresa Brasileira de Comunicação. Fonte adicional disponibilizada por EBC Empresa Brasil de Comunicação em: https://tvbrasil.ebc.com.br/novaamazonia/episodio/nova-amazonia-investiga-o-encontro-das-aguas-dos-rios-negro-e-solimoes

Imagem 18 | CML Câmara Municipal de Lisboa — Cartografia histórica 1950. Escala 1 : 5 000.1950. Detalhe. Fonte adicional disponibilizada pela CML Câmara Municipal de Lisboa em: https://websig.cm-lisboa.pt/MuniSIG/visualizador/index.html?viewer=LxInterativa.LXi

Imagem 19 | Portugal, Eduardo. 1900-1958, fotógrafo e colecionador — Praia em frente a Xabregas. LISBOA. Câmara Municipal, Pelouro da Cultura, Arquivo Municipal - Lisboa ribeirinha. Lisboa: Livros Horizonte, 1994. ISBN 972-24-0873-9. foto 12. PT-AMLSB-CMLSBAH-PCSP-004-EDP-001537. Fonte adicional disponibilizada por Arquivo MUNICIPAL DE LISBOA em: https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/.

Imagem 20 | Estúdio Mário Novais — Abel Pereira da Fonseca, Ldª, Lisboa, Portugal. Poço do Bispo, Lisboa, Portugal. Fotografia sem data. Produzida durante a actividade do Estúdio Mário Novais: 1933-1983. [CFT003 039410.ic]. Biblioteca de Arte / Art Library Fundação Calouste Gulbenkian. Fonte adicional disponibilizada por Flickr em: https://www.flickr.com/photos/biblarte/8558486401

Imagem 21 | Estúdio Mário Novais — Abel Pereira da Fonseca, Ldª, Lisboa, Portugal. Lisboa. Fotografia sem data. Produzida durante a actividade do Estúdio Mário Novais: 1933-1983. [CFT003 056558.ic]. Biblioteca de Arte / Art Library Fundação Calouste Gulbenkian. Fonte adicional disponibilizada por Flickr em: https://www.flickr.com/photos/biblarte/6795207081/in/photostream/

Imagem 22 | Alessandro Sartore — 2ºmargem. 2023. Desenho digital sobre imagem, EBC Empresa Brasileira de Comunicação.

Imagem 23 | CML Câmara Municipal de Lisboa — Cartografia histórica 1899-1948. Escala 1 : 25 000. Detalhe. Fonte adicional disponibilizada pela CML Câmara Municipal de Lisboa em: https://websig.cm-lisboa.pt/MuniSIG/visualizador/index.html?viewer=LxInterativa.LXi.

Imagem 24 | Silva Pinto — Cartografia histórica, 1911. Escala 1 : 25 000. Detalhe. Fonte adicional disponibilizada pela CML Câmara Municipal de Lisboa em: https://websig.cm-lisboa.pt/MuniSIG/visualizador/index.html?viewer=LxInterativa.LXi

Imagem 25 | Estúdio Mário Novais — Abel Pereira da Fonseca, Ldª, Lisboa, Portugal. Lisboa. Fotografia sem data. Produzida durante a actividade do Estúdio Mário Novais: 1933-1983. [CFT003 056559.ic]. Biblioteca de Arte / Art Library Fundação Calouste Gulbenkian. Fonte adicional disponibilizada por Flickr em: https://www.flickr.com/photos/biblarte/6795207847/in/photolist-2nzGTYj-j-5Zx4e3-o-5XTGG-5ZsRkc-5Zx489-5ZsRfe-e3hQn-5Zx42u-bmtd-jM-bmtdxZ-bmtd2i-bmtdae-bmtcUM-od71K/

Imagem 26 | CLÉMENT, Gilles — Manifesto da terceira paisagem. Fragmento indeciso do jardim planetário. Fig. 16. [Tradução: Lúcia Leistner]. 2022 [2004]. [Em linha] Disponível em: https://maisondeseditions.fr/tp/pt.php. [Consultado em 24 de setembro de 2023]. ISBN 978-2-9566344-8-5

Imagem 27 | CLÉMENT, Gilles — Manifesto da terceira paisagem. Fragmento indeciso do jardim planetário. Fig. 14.[Tradução: Lúcia Leistner]. 2022 [2004]. [Em linha]

Disponível em: <https://maisondeseditions.fr/tp/pt.php>. [Consultado em 24 de setembro de 2023]. ISBN 978-2-9566344-8-5

Imagem 28 | Estúdio Mário Novais — Abel Pereira da Fonseca, Ldª, Lisboa, Portugal. Lisboa. Fachada do edifício e veículo de transporte de vinho. Fotografia sem data. Produzida durante a actividade do Estúdio Mário Novais: 1933-1983. [CFT164.161493]. Biblioteca de Arte / Art Library Fundação Calouste Gulbenkian. Fonte adicional disponibilizada por Flickr em: <https://www.flickr.com/photos/bi-larte/14496019964>

Imagem 29 | Estúdio Mário Novais — Abel Pereira da Fonseca, Ldª, Lisboa, Portugal. Lisboa. Fachada do edifício e veículo de transporte de vinho. Fotografia sem data. Produzida durante a actividade do Estúdio Mário Novais: 1933-1983. [CFT164.161493]. Biblioteca de Arte / Art Library Fundação Calouste Gulbenkian. Fonte adicional disponibilizada por Flickr em: <https://www.flickr.com/photos/bi-larte/14496019964>

Imagem 30 | Brian Hoyle — Global and Local Change on the Port-City Waterfront. Em: Geographical Review, vol.90, n.o. 3.200. p. 405. 10.1111/j.1931-0846.2000.tb00344.x

Imagem 31 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

Imagem 32 | Alessandro Sartore — 2ªmargem. 2023. Desenho digital sobre imagem, EBC Empresa Brasileira de Comunicação.

Imagem 33 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

Imagem 34 | Alessandro Sartore & Malenga — Estuário Tejo. Mapa. Desenho digital. 2023.

Imagem 35 |Alessandro Sartore & Malenga — Lisboa. Mapa. Desenho digital. 2023.

Imagem 37 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

Imagem 38 | Alessandro Sartore & Malenga & Hugo Charua — 3ª Margem. Desenho digital e fotomontagem sobre fotografia de Mateus Atalla Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022. 2023.

Imagem 37 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

Imagem 38 | Alessandro Sartore & Malenga & Hugo Charua — 3ª Margem. Desenho digital e fotomontagem sobre fotografia de Mateus Atalla Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022. 2023.

Imagem 41 | Alessandro Sartore & Malenga — Doca do Poço do Bispo Lisboa 2023. Planta. Desenho digital. 2023.

Imagem 42 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

Imagem 43 | Alessandro Sartore & Malenga & Hugo Charua — 3ª Margem. Desenho digital e fotomontagem sobre fotografia de Mateus Atalla Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022. 2023.

Imagem 44 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem. Planta Conter. Desenho digital. 2023.

Imagem 45 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

Imagem 46 | Alessandro Sartore & Malenga & Hugo Charua — 3ª Margem. Desenho digital e fotomontagem sobre fotografia de Mateus Atalla Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022. 2023.

Imagem 47 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem. Planta Conviver. Desenho digital. 2023.

Imagem 48 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

Imagem 49 | Alessandro Sartore & Malenga & Hugo Charua — 3ª Margem. Desenho digital e fotomontagem sobre fotografia de Mateus Atalla Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022. 2023. Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022. Imagem 45 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem. Planta Ceder. Desenho digital. 2023.

Imagem 50| Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

Imagem 51 | Alessandro Sartore & Malenga & Hugo Charua — 3ª Margem. Desenho digital e fotomontagem sobre fotografia de Mateus Atalla Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022. 2023. Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

Imagem 52 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem Maré Alta 2050. Planta.

Imagem 53 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

Imagem 54 | Alessandro Sartore & Malenga & Hugo Charua — 3ª Margem. Desenho digital e fotomontagem sobre fotografia de Mateus Atalla Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022. 2023. Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

Imagem 55 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem, Sistema. Planta, Corte e Axonometria. Desenho digital. 2023.

Imagem 56 | Mateus Atalla — Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. 2022.

Imagem 57 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ªMargem, Banco. Planta, Corte e Axonometria. Desenho digital. 2023.

Imagem 58 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ªMargem, Guarda. Planta, Corte e Axonometria. Desenho digital. 2023.

Imagem 59 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ªMargem, Muro. Planta, Corte e Axonometria. Desenho digital. 2023.

Imagem 60 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ªMargem, Corte Canal. Desenho digital. 2023. Desenho digital. 2023.

Imagem 61 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem, Corte Ponte. Desenho digital. 2023.

Imagem 62 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem. Plante e Corte Reservatório. Desenho digital. 2023.

Imagem 63 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem. Plante e Corte Passadiço. Desenho digital. 2023.

Imagem 64 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem. Planta e Corte Recinto. Desenho digital. 2023.

Imagem 65 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem. Planta e Corte Plataforma. Desenho digital. 2023.

Imagem 66 | CML Câmara Municipal de Lisboa — Cartografia histórica 1899-1948. Escala 1 : 25 000. Detalhe. Fonte adicional disponibilizada pela CML Câmara Municipal de Lisboa em: <https://websig.cm-lisboa.pt/MuniSIG/visualizador/index.html?viewer=LxInterativa.LXi>

Imagem 67 | CML Câmara Municipal de Lisboa — Cartografia histórica 1950. Escala 1 : 5 000.1950. Detalhe. Fonte adicional disponibilizada pela CML Câmara Municipal de Lisboa em: <https://websig.cm-lisboa.pt/MuniSIG/visualizador/index.html?viewer=LxInterativa.LXi>

Imagem 68 | Alessandro Sartore & Malenga — 3ª Margem. Planta. Desenho digital. 2023.

Imagem 69 | Alessandro Sartore — Enunciado. 2023. Desenho digital. 2023.

Imagem 70 | Alessandro Sartore. Ensaio fotográfico Doca do Poço do Bispo. Fotografia digital. Acervo do autor. 2022.

